# NATHAN O SÁBIO
# UM POEMA DRAMÁTICO EM CINCO ACTOS

GOTTHOLD EPHRAIM LESSING

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

3:6 29184
60000 3299

# NATHAN O SÁBIO
# UM POEMA DRAMÁTICO EM CINCO ACTOS

**Traduzido do original alemão intitulado:**

*Nathan der Weise. Ein dramatisches Gedicht in fünf Auszügen.*
Insel Lessing. Erster Band: Gedichte, Fabeln, Dramen.
Herausgegeben von Kurt Wölfel
Frankfurt am Main: Insel Verlag, 1967

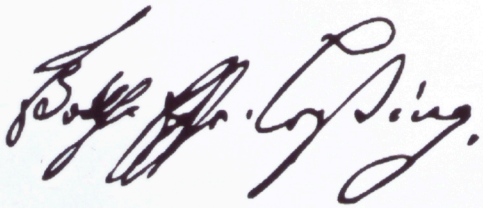
Reservados todos os direitos de acordo com a lei
Edição da
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Av. de Berna | Lisboa
2016

Depósito Legal N.º 407498/16
ISBN: 978-972-31-1582-6

**Fotografia:**

Cortesia *Lessing-Museum Kamenz/Germany*

GOTTHOLD EPHRAIM LESSING



GTE
5562

GOTTHOLD EPHRAIM LESSING

# NATHAN O SÁBIO
# UM POEMA DRAMÁTICO
# EM CINCO ACTOS

Tradução de *Yvette Centeno*
Prefácio e revisão de *Manuela Nunes*

FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

*In memoriam*

Manuel Jacinto Nunes

# PREFÁCIO

"Eu sei como pensam as pessoas de bem. Sei que em todas as terras há pessoas de bem."

(*Nathan o Sábio*, II, 5)

*Nathan o Sábio* é, sem dúvida, uma das obras fulcrais do Iluminismo alemão. Embora tendo resultado de uma polémica de carácter teológico, a sua recepção ulterior como texto fundamental de apologia da tolerância faz desta peça o "Sermão da Montanha do Iluminismo"[1].

Os antecedentes da peça podem resumir-se sucintamente: em 1769, Lessing (1729-1781) aceita o posto de bibliotecário na Herzog Alfred Bibliothek em Wolfenbüttel, passando a estar ao serviço do Duque de Braunschweig. Trata-se de um lugar prestigiado, já que Leibniz ocupara esse mesmo cargo de 1691 até à sua morte em 1716. Aos quarenta anos, Lessing adquire assim alguma estabilidade económica, que lhe permitirá vir a contrair casamento com Eva König, em 1776, e assumir as responsabilidades de uma família (a noiva era viúva e tinha filhos), mas perde o estatuto de intelectual independente de que até aí gozara e ao qual sempre atribuíra grande valor, mau grado a relativa precariedade que, no século XVIII, daí advinha. Na corte de Braunschweig reinava um clima relativamente tolerante para a época, a liberdade

[1] Expressão usada por Sloterdijk, Peter (2007), *Gottes Eifer. Vom Kampf der drei Monotheismen* [O zelo de Deus. Acerca da luta entre os três monoteísmos], Frankfurt am Main, Vlg. Welt der Religionen, p. 170.

de imprensa era mais generosa do que na maioria dos outros estados alemães e, em 1780, foi mesmo autorizada a abertura de uma sinagoga.

No âmbito da sua actividade como bibliotecário, Lessing não se limitou à aquisição de livros para ampliar a valiosa colecção da biblioteca ducal, cabe-lhe sobretudo o mérito de ter dado a público e interpretado várias obras dos seus fundos, esquecidas ou até então desconhecidas. Para tal, fundou a primeira revista editada por uma biblioteca alemã: *Beiträge zur Geschichte und Literatur aus der Herzöglichen Bibliothek zu Wolfenbüttel* [Contributos para a História e a Literatura, da Biblioteca Ducal de Wolfenbüttel]. Ainda antes da publicação do primeiro volume, em 1773, Lessing solicitou directamente ao duque que a revista fosse isenta de censura prévia, privilégio que lhe foi concedido sob condição de não publicar nada que ofendesse a religião e os bons costumes. É no terceiro volume desta revista que Lessing divulga, no ano seguinte, o primeiro texto de uma série, que irá dar origem ao aceso debate teológico que ficou conhecido como "*Fragmentenstreit*": a controvérsia dos fragmentos.

Este primeiro texto tem por título *Von Duldung der Deisten. Fragmente eines Ungenannten* [Sobre a tolerância para com os deístas. Fragmentos de um desconhecido]. Na introdução, Lessing afirma tratar-se de vários manuscritos anónimos de carácter fragmentário, encontrados na Biblioteca, o que não corresponde à verdade. Com este subterfúgio, pretendia ele desviar a atenção do verdadeiro autor, o filólogo Hermann Samuel Reimarus (1694-1768), com quem travara amizade durante a sua estadia como dramaturgo do Teatro Nacional de Hamburgo entre 1767 e 1768.

Luterano e, tal como Lessing, filho de um pastor, unia-os a curiosidade intelectual e o interesse por questões filosóficas e teológicas. Reimarus foi professor de hebraico e lín-

guas orientais e autor de várias obras com alguma divulgação na época. Todavia, a partir de meados dos anos trinta até à sua morte, Reimarus trabalha numa obra intitulada *Apologie oder Schutzschrift der vernünftigen Verehrer Gottes* [Apologia ou defesa dos adoradores racionalistas de Deus] que nunca chega a publicar, com receio das reacções negativas[2]. Supõe-se que, por morte de Reimarus, os filhos entregaram este texto a Lessing, que costumava pedir emprestados livros da biblioteca de seu pai, e com quem continuaram a manter relações de amizade. O erudito de Hamburgo, conhecedor não só dos deístas ingleses (tais como Mathew Toland, Thomas Morgan e Mathew Tindal, entre outros), mas também da obra de Hugo Grotius, Bento de Espinosa e Pierre Bayle, defendia posições semelhantes aos deístas ingleses, todavia influenciado também pelo pensamento de Leibniz e, sobretudo, pelo racionalismo de Christian Wolff. Além disso, Reimarus fazia a crítica filológica da Bíblia, tanto do Velho Testamento como dos Evangelhos, pondo em dúvida o carácter sagrado destes textos, a sua credibilidade e até mesmo o relato da ressurreição de Cristo. Reimarus é hoje considerado como um precursor de teólogos tão marcantes como David Friedrich Strauss, Albert Schweitzer, Rudolf Bultmann e, no campo filosófico, de Karl Jaspers.

Entre 1774 e 1778, Lessing publica mais cinco fragmentos e um esclarecimento sobre os pontos de vista do editor: *Gegensätze des Herausgebers*, em que inclui os primeiros 53 parágrafos da *Educação do Género Humano*[3]. O último fragmento *Von dem Zwecke Jesu und seiner Jünger* [Do objectivo de Jesus e dos seus discípulos] é publicado como monografia já no auge da maior querela da teologia protestante no

[2] A versão final completa desta obra só veio a ser editada em 1972 por Gerhard Alexander.

[3] Lessing, Gotthold Ephraim (1976), *Werke VII, Theologische Schriften I und II*, Darmstadt, Wissenschaftiche Buchgesellschaft, pp. 331-456.

século XVIII. Ao todo, foram contabilizados cerca de 50 escritos polémicos de 30 autores[4]. O principal adversário de Lessing entre os representantes da ortodoxia luterana é o pastor de Hamburgo Johann Melchior Goeze (1717-1786) que, em vez de atacar o autor dos fragmentos, passa a atacar o seu editor. A disputa é caracterizada pela erudição e o tom polémico dos dois contraentes. Sem entrar em detalhes, é importante notar que a posição de Lessing não é absolutamente idêntica à de Reimarus, mas este goza evidentemente da simpatia do iluminista, que toda a vida defendeu representantes de posições minoritárias.

Lessing afirma que a religião cristã é anterior aos Evangelhos[5], acentua que "as verdades contingentes da história nunca poderão constituir a prova das verdades necessárias da razão"[6] e defende, de um modo geral, o primado da Ética[7]. *Eine Duplik, Eine Parabel, Axiomata* e os onze panfletos intitulados *Anti-Goeze* são outros tantos textos que ilustram os seus pontos de vista[8]. Goeze exige que Lessing revele o seu

---

[4] Cf. *Werke VII* (1976), p. 876.

[5] Lessing, Gotthold Ephraim (1979), *Werke VIII, Theologiekritische Schriften III, Philosophische Schriften*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, pp. 138-139, Axiomata 5 e 6.

[6] No panfleto *Über dem Beweis des Geistes und der Kraft* [Sobre a prova do espírito e da força], em resposta ao director do liceu de Hannover Schumann, que atacara os fragmentos: "Zufällige Geschichts--wahrheiten können der Beweis von notwendigen Vernunftwahrheiten nie werden", in: *Werke VIII* (1979), p. 12.

[7] *Ibidem*, pp. 15-19, um bom exemplo é o curto diálogo intitulado *Das Testament Johannis* [O testamento de S. João], publicado também em resposta a Schumann, em que Lessing faz o elogio de um texto apócrifo cuja mensagem consubstancia na frase "Kinderchen, liebet euch!" [Meus filhos, amai-vos uns aos outros!], como regra ética bastante, preferível à mensagem do Evangelho canónico de S. João.

[8] Acerca da cronologia da querela, cf. Barner, Wilfried *et alii* ([6]1998), *Lessing, Epoche – Werk – Wirkung*, München, C. H. Beck, pp. 291-297.

credo religioso[9], sob pena de ser acusado de espinosista, o que no século XVIII equivalia a uma acusação de ateísmo e tinha graves implicações políticas, para as quais o pastor vinha chamando a atenção nos seus escritos[10].

Finalmente, os adversários de Lessing apelam para o duque Karl von Braunschweig cujo gabinete, em Julho de 1778, manda confiscar os fragmentos e emite uma ordem, que impede o bibliotecário de responder e revoga a isenção da censura, proibindo-lhe a publicação de escritos "contra a religião cristã". Lessing escreve ao duque queixando-se e obtém a confirmação da medida tomada. Mas Lessing não obedece. Em finais de Julho surge mais uma resposta polémica. As autoridades de Braunschweig estendem a censura aos textos a publicar noutros territórios. Lessing volta a desobedecer. Em Outubro de 1778, dá à estampa, em Berlim e Hamburgo, mais uma réplica dirigida a Goeze. Porém a situação não pode continuar e Lessing decide abrir outra frente de batalha. Na correspondência com Elisa Reimarus e o irmão Karl Lessing, manifesta a intenção de transferir a controvérsia para o plano em que se sente verdadeiramente em casa: o teatro, a que chama "o seu velho púlpito".[11] *Nathan o Sábio* é, pois, a última palavra de Lessing na controvérsia com Goeze, uma peça irónica, destinada a abandonar a liça entre risos de escárnio, e, simultaneamente, deverá ser o drama mais comovente

---

[9] *Werke VIII* (1979), pp. 269s.

[10] Acerca das dimensões políticas, cf. Barner *et alii* (1998), pp. 307-309.

[11] Lessing, Gotthold Ephraim (1971), *Werke II, Trauerspiele, Nathan der Weise, Dramatische Fragmente*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 719, carta de 6 de Setembro de 1778 a Elisa Reimarus: "Ich muss versuchen, ob man mich auf meiner alten Kanzel, auf dem Theater wenigsten, noch ungestört will predigen lassen." [Tenho de tentar ver se ao menos ainda me deixam pregar do meu velho púlpito, o teatro.]

jamais escrito pelo seu autor[12]. Em sentido duplo: uma saída dramática de cena.

Com estes antecedentes, não é de admirar que *Nathan o Sábio* seja uma peça invulgar tanto no que respeita ao conteúdo como à forma.

A designação de "poema dramático em cinco actos" chama a atenção para o carácter simultaneamente híbrido e inovador da peça, no contexto da poética dominante no século XVIII, em que a distinção aristotélica entre tragédia e comédia começava a ser posta em questão, com o advento da tragédia burguesa [*bürgerliches Trauerspiel*]. Na *Dramaturgia de Hamburgo* vamos encontrar esta expressão aplicada a uma peça que não corresponde ao modelo clássico de inspiração aristotélica, mas cujo efeito sobre o espectador não é, no dizer de Lessing, menor. A peça *Richard III* de Christian Felix Weisse (1726-1804) suscita sentimentos mistos, podendo apenas ser definida *ex negativo*, nem como tragédia nem como comédia[13]. O mesmo se aplica a *Nathan o Sábio*. Todavia, Lessing não desenvolve o assunto e a sua última peça transcende por completo a estética teatral desenvolvida na *Dramaturgia*.

O efeito pretendido sobre o público não é o da comédia, pois não se trata de "tornar-nos melhor pelo riso"[14], embora a peça tenha indubitavelmente figuras e momentos cómicos, como algumas cenas com Daja e Al-Hafi ou o monge, por exemplo. Também o incipiente enredo amoroso entre Recha

---

[12] *Ibidem*. Em carta de 20 de Outubro de 1778 ao irmão Karl, Lessing escreve, referindo-se a Nathan o Sábio: "Es wird nichts weniger, als ein satirisches Stück, um den Kampfplatz mit Hohngelächter zu verlassen. Es wird ein so rührendes Stück, als ich nur immer gemacht habe."

[13] Lessing, Gotthold Ephraim (2005), *Dramaturgia de Hamburgo, Selecção antológica*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 117--122.

[14] *Ibidem*, pp. 61s.

e o Templário é um elemento de comédia. Por outro lado, não se trata de uma tragédia, visto não ser sua intenção causar o temor e a compaixão (tão abundantemente discutidos na *Dramaturgia*) no intuito de transformar as paixões em "práticas virtuosas"[15]. Mas o passado de Nathan é, indubitavelmente, um elemento de tragédia e tanto a cena inicial entre o judeu e Saladino como a cena com o Patriarca fazem temer um desfecho trágico. Além disso, o texto em si tem algo de "*Märchen*", de conto de fadas, conto oriental. Isto não só no que respeita ao conteúdo, como ainda à forma. Em carta a Wilhelm Ramler, Lessing justifica a escolha do verso branco, que vai utilizar pela primeira vez, por contribuir para o "tom oriental"[16].

De facto, o verso branco (pentâmetro jâmbico não rimado) foi introduzido por Lessing no teatro alemão, em detrimento do alexandrino usado no teatro classicista francês, adaptado por Martin Opitz ao teatro barroco alemão. O verso branco passará a ser usado por Goethe e Schiller. Se atendermos à admiração que Lessing nutria por Shakespeare, não admira esta preferência pelo verso usado pelo dramaturgo inglês. Sem cesura fixa, este verso é mais flexível e permite maior aproximação à linguagem falada. Lessing faz largo uso deste potencial para dar maior vivacidade ao diálogo, quando distribui um mesmo verso por duas falas.

O efeito obtido através da métrica, o enredo historicamente pouco provável, situado num período excepcional de trégua entre as três religiões monoteístas em guerra, a parábola central que, como o próprio Lessing assinalou, se baseia no terceiro conto da primeira jornada do *Decamerone* de Boccacio[17], e o desfecho conciliante acentuam o carácter

---

[15] *Ibidem*, passim; aqui 117.

[16] *Werke II* (1996), p. 721s.

[17] *Werke II* (1996), p. 718.

utópico da peça. Caberá ao encenador explorar as diferentes potencialidades do texto.

Qual é, então, o efeito pretendido por Lessing? Sabemos que ele tinha consciência de quanto a sua peça fugia às convenções da época e estava convencido de que ela não iria ser representada nos tempos mais próximos, embora planeasse um prefácio com instruções para os actores, que nunca chegou a concretizar. Em carta de 17 de Abril de 1779 ao irmão escreve: "Pode ser que o meu Nathan, de um modo geral, tivesse pouco efeito se fosse levado à cena, o que nunca irá acontecer. Basta que seja lido com interesse e que, entre mil leitores, haja um que aprenda a duvidar da evidência e da universalidade da sua religião."[18] O conteúdo filosófico, a mensagem de tolerância constitui pois a intenção fundamental que presidiu à escrita. Trata-se de passar para o palco a mensagem optimista do tratado *Sobre a Educação do Género Humano*, cujos primeiros parágrafos tinham sido publicados no contexto da querela dos fragmentos, como acima observámos, mas que só foi publicado na íntegra em 1780, e de uma ilustração dos *Diálogos maçónicos*, dados à estampa 1777 e 1780, obras sobre o progresso moral da humanidade, em cujo contexto a peça deve ser lida.

O elemento didáctico tão característico do Iluminismo mantém-se na peça, acentuando-se o factor argumentativo em detrimento da acção. Esta preponderância da ideologia e do elemento narrativo levou Goethe a afirmar que nesta peça "apenas a razão fala", e a crítica mais recente a aproximar *Nathan o Sábio* das peças didácticas de Bert Brecht, sobretudo *Der Kaukasische Kreidekreis* [O Círculo de Giz Cau-

[18] *Werke II* (1996), p. 723: "Es kann wohl sein, daß mein Nathan im Ganzen wenig Wirkung tun würde, wenn er auf das Theater käme, welches wohl nie geschehen wird. Genug, wenn er sich mit Interesse nur lieset, und unter tausend Lesern nur Einer daraus an der Evidenz und Allgemeinheit seiner Religion zweifeln lernt."

casiano] e *Der gute Mensch von Sezuan* [A Boa Alma de Sé-Chuão], cuja acção se desenrola igualmente em terras longínquas do Oriente. Aliás, o subterfúgio de recorrer a protagonistas exóticos para criticar a actualidade era comum no século XVIII: exemplo disso são as *Lettres Persannes* [Cartas Persas] de Montesquieu (1721) e *Zaïre* (1732) de Voltaire, em que a figura principal, tal como a Recha de Lessing, também é uma cristã apenas instruída na religião natural.

Lessing traduzira em 1751 os ensaios históricos de Voltaire, entre os quais *Von dem Korane und dem Mahomed* [Acerca do Alcorão e de Maomé], que não transmite uma imagem positiva do Islão, bem como a *Geschichte der Kreuzzüge* [História das Cruzadas]. A estas e várias outras fontes, como a *Historie de Saladin* [História de Saladino], de 1758, da autoria de François Louis Claude Marin (1721-1809), e ainda à tradução que faz em 1753 da obra *Histoire des Arabes sous le gouvernement des Califes* [História dos árabes sob o governo dos califas], do abade Jacques Carpentier de Marigny (1615-1670), vai buscar Lessing os seus conhecimentos sobre a religião e a cultura de um povo "cujos feitos não são menos dignos da nossa curiosidade do que os feitos dos gregos", como afirma no prefácio do tradutor[19]. No ano seguinte, Lessing publica *Rettung des Hieronymus Cardanus*, uma obra em que defende o filósofo e matemático Girolamo Cardano (1501-1576) da acusação de ateísmo e debate os argumentos das quatro religiões principais (paganismo, judaísmo, cristianismo e islão), expostos pelo italiano no seu tratado *De subtilitate* (1552). A crítica assinala a proximidade temá-

[19] As numerosas traduções de Lessing estão quase todas acessíveis na biblioteca digital da Herzog Albert Bibliothek de Wolfenbüttel. Aqui: diglib.hab.de/wdb.php?dir=edoc/ed000146&pvpointer=0&pvID=edoc_ed000146_marigny_araberI&distype=optional&mxsl=tei-transcript.xsl&mptr=marigny-araberI-mets-inc.xml, consulta de 14.12.2014.

tica entre este texto, que recorre ao diálogo entre um interlocutor judeu e outro islâmico, e *Nathan o Sábio*[20].

Lessing situa a sua peça na Idade Média, no século XII, em Jerusalém, durante a terceira cruzada, numa trégua entre Saladino e os Cruzados, usando de grande liberdade com a cronologia e as personagens. O essencial é que se trata de um espaço e um tempo suficientemente longínquos para permitirem a concretização, ainda que frágil e efémera, de um ideal que os textos teóricos de Lessing, acima mencionados, projectam num futuro mítico longínquo. Aliás, a própria peça remete para um passado ainda mais longínquo e também ele mítico, na parábola dos anéis.

Nem a transposição da questão da tolerância para o palco nem a escolha de um judeu como protagonista é inédita na obra de Lessing. Em 1749, ele escrevera uma peça intitulada *Die Juden* [Os Judeus], publicada em 1754. Como não podia deixar de ser, o seu protagonista não corresponde ao cliché do judeu usurário, imortalizado na figura de Shylock. Numa época em que a emancipação dos judeus dá os primeiros passos no Sacro Império Romano-Germânico, Lessing põe em cena um judeu injustamente suspeito que é ilibado. Todavia, o final da peça não corresponde inteiramente ao esquema da comédia, pois não termina com o casamento entre o judeu e sua amada. A amizade e o respeito mútuo entre as personagens cristãs e o judeu são possíveis, mas o acto público e supremo de tolerância, o casamento entre pessoas de religiões diferentes não é ainda imaginável. Que para Lessing não se trata apenas de teoria, demonstra a amizade que o uniu ao filósofo Moses Mendelssohn (1729-1786), um dos principais representantes da *Haskala*, o movimento iluminista judaico que teve o seu início em Berlim entre 1770 e 1780. Este teria

[20] Cf. Hugh Barr Nisbet (2008), *Lessing. Eine Biographie*, München, Beck, pp. 187 a 190.

sido inspirador da figura de Nathan. Todavia, o protagonista também é o porta-voz de Lessing que, no esboço para o prefácio, afirmou: "A opinião de Nathan contra *toda* a religião positivista foi, desde sempre, *a minha*."[21]

A perspectiva idealista e utópica da última peça de Lessing permite constituir uma família da qual fazem parte judeus, cristãos e muçulmanos. Esta família, unida por laços não só de sangue (Saladino e Sita são irmãos do pai do Templário e de Recha), é também resultado de um acto voluntário, visto que Nathan adoptou Recha depois de perder a mulher e, tal como Job, os sete filhos num *pogrom*, e que Recha, no final, continua a considerá-lo como seu pai. Trata-se aqui de uma família bem diferente da família típica do drama burguês, uma família simbólica, baseada em laços de respeito mútuo, só possível graças ao exemplo e à sabedoria de Nathan e à tolerância posta em prática por Saladino.

Ainda no esboço acima citado, Lessing justifica a escolha do judeu e do muçulmano como representantes da ideia da tolerância. Segundo ele, na Idade Média os judeus e os muçulmanos eram os únicos eruditos; em época alguma os inconvenientes das religiões reveladas para o género humano terão sido mais óbvios para um homem racional do que na época das cruzadas e há fortes indícios históricos de que um deles tenha sido um sultão[22]. Só que, na peça, nem Nathan nem Saladino são eruditos (*gelehrt*). O sultão acaba

---

[21] *Werke II* (1971), p. 748: "Nathans Gesinnung gegen alle positive Religion ist von jeher die meinige gewesen."

[22] *Ibidem*: "So werde ich zu bedenken geben, daß Juden und Muselmänner damals die einzigen Gelehrten waren; daß der Nachteil, welchen geoffenbarte Religionen dem menschlichen Geschlechte bringen, zu keiner Zeit einem vernünftigen Manne müsse auffallender gewesen sein, als zu den Zeiten der Kreuzzüge, und daß es an Winken bei der Geschichtsreibern nicht fehlt, ein solcher vernünftiger Mann habe sich nun eben in einem Sultane gefunden."

por se revelar acessível aos argumentos da razão, é pois um homem "razoável" (*vernünftig*), e o adjectivo usado para qualificar a figura principal é "sábio" (*weise*).

Partilhando embora algumas características do estereótipo do judeu de palco – trata-se de um comerciante rico, que também empresta dinheiro –, Nathan é excepcional, uma figura exemplar e única. Note-se que ele é o único judeu da peça, ao passo que as outras religiões estão representadas por várias personagens. À excepção do Patriarca, no qual Lessing caricatura a posição irredutível do seu principal opositor na querela dos fragmentos, todos as personagens, que inicialmente ecoam os preconceitos comuns acerca dos judeus, acabam por reconhecer a sua excepcionalidade. O Sultão, que de início o apelida de "Judeu" (III, 5) passa a chamar-lhe "Nathan, querido Nathan" (III, 7). Na cena fulcral com Saladino, torna-se evidente que Nathan conquista não só pelo exemplo dos seus actos, mas também pela capacidade narrativa tão característica da sua religião, pela palavra eloquente com a qual Lessing também pretende conquistar o seu público.

Perante a armadilha do Sultão, que pretende conhecer a opinião do sábio judeu sobre as três religiões do Livro para o colocar numa situação falsa e assim poder extorquir-lhe o capital de que necessita, Nathan resolve subtrair-se à situação perigosa em que se encontra recorrendo, também ele, a um estratagema, de acordo com a tese de que "não são só as crianças que podemos entreter com contos de fadas" (III, 6). Assim, pede ao Sultão para lhe contar uma pequena história (*ein Geschichtchen*). A técnica retórica de recorrer a formas como a alegoria, a fábula ou a parábola – παραβολέ é a expressão grega usada na *Septuaginta* para traduzir a expressão hebraica *maschal*[23], que era a designação genérica para todos

[23] Cf. Elen Adolf (1961), "Wesen und Art des Rings: Lessings Parabel nach mittelalterlichen Quellen gedeutet", in *German Quarterly* 34,

os géneros breves que incluíssem uma comparação – faz parte da tradição rabínica que considera os *meschalim* como parte integrante da Hagadah. Aliás, os numerosos *meschalim* do Talmude e das Midrash são vistos como modelos da forma de expressão característica das parábolas de Jesus[24]. Lessing não podia deixar de conhecer esta tradição rabínica, que utiliza aqui como um elemento coerente de caracterização da figura que dá o nome ao poema dramático. Existe mesmo uma corrente interpretativa que, independentemente da novela de Boccacio a que Lessing se refere na carta ao irmão, acima mencionada, insiste nas fontes judaicas – nomeadamente sefarditas – desta parábola[25], remetendo tanto para o livro *Shevet Jehuda* [O ceptro de Israel], da autoria de Salomon Ibn Verga (1460-1554)[26], como para a obra de Maimónides

---

pp. 228-234, aqui p. 229, que afirma ter a parábola dos anéis sido outrora um *maschal* ["auch die Ringparabel war einmal so ein Maschal"] e remete para a narrativa de Ibn Verga, abaixo mencionada.

[24] Cf. Rüdiger Zymner (2002), "Parabel", in *Kleine Literarische Formen in Einzeldarstellungen*, Stuttgart, Reclam, pp. 174-190, aqui 179s.

[25] Cf. a investigação acríbica levada a cabo por Friedrich Niewöhner (1988), *Veritas sive Varietas. Lessings Toleranzparabel und das Buch Von den drei Betrügern* [Veritas sive Varietas. A parábola da tolerância de Lessing e o Livro dos Três Impostores], Heidelberg, Lambert Schneider, aqui sobretudo pp. 27-32, 45-54 e 257-260. Hugh Barr Nisbet (1979) chamara também a atenção para a mesma fonte em "De tribus impostoribus. On the genesis of Lessings Nathan der Weise", in *Euphorion 73*, pp. 365-378.

[26] Ibn Verga, médico judeu espanhol que se refugiou em Portugal na sequência do decreto de expulsão de 1492, assistiu ao massacre de Lisboa em 1506 e fugiu posteriormente para a Turquia, onde publicou *Shevet Jehud*a em 1554, considerada a primeira obra de historiografia judaica. A parábola em questão vem narrada em Ibn Verga (2006), *Schevet Jehuda, Ein Buch über das Leiden des jüdischen Volkes im Exil, in der Übersetzung von Me'ir Wiener, herausgegeben, eingeleitet und mit einem Nachwort zur Geschichtsdeutung Salomon Ibn Vergas versehen von Sina Rauschenbach* [O ceptro de Israel, um livro sobre o sofrimento do povo judeu no exílio, na tradução de Me'ir Wiener, editado com um prefácio e um posfácio sobre a concepção da história em Salomon Ibn Verga da autoria de Sina Rauschenbach], Berlin, Parerga, pp. 101-102.

(1138-1204), na qual Ibn Verga se inspirou e que Lessing indubitavelmente conhecia[27].

A parábola dos anéis concentra a exposição teórica do pensamento de Lessing, nomeadamente da sua convicção da supremacia do comportamento ético, face à impossibilidade de acesso à verdade absoluta em matéria religiosa, convicção essa da qual o drama pretende ser a ilustração prática. Apesar das reticências iniciais, a "historieta", menos inócua do que parecia à primeira vista, não deixa de surtir o efeito pedagógico almejado pelo seu narrador. Com a parábola dos anéis, o judeu conquistou o respeito e a amizade do muçulmano. Segundo Rüdiger Zymner, tratar-se-ia de um caso de transmissão do conhecimento por via estética, de um exemplo daquilo que Lessing, usando a terminologia do debate estético da época, denomina "*anschauende Erkenntnis*" [conhecimento intuitivo][28].

No ensaio já mencionado, Peter Sloterdijk chama a atenção para o carácter eminentemente pós-moderno desta parábola e enuncia vários critérios: o seu pluralismo primário, o positivismo da simulação, a suspensão da busca da verdade, o cepticismo civilizador, a mudança de orientação das causas para os efeitos e, finalmente, o primado do aplauso

---

[27] Embora Karl Josef Kuschel (2004), "*Jud, Christ und Muselmann vereinigt?" Lessings "Nathan der Weise"* ["Judeus, cristãos e muçulmanos unidos?" "Nathan o sábio" de Lessing], p.144, afirme que Lessing não conhecia a obra de Ibn Verga, *Niewöhner* (1988), p. 27, chama a atenção para a existência da tradução latina da obra de Ibn Verga na biblioteca de Hermann Samuel Reimarus, à qual Lessing tinha, decerto, acesso.

[28] Cf. Rüdiger Zymner (1992),"'Der Stein war ein Opal...' Eine versteckte Kunst-Apotheose in Lessings morgenländischer 'Ringparabel'?" ["A pedra era uma opala..." Uma apoteose da arte encoberta na parábola oriental dos anéis de Lessing], in *Lessing Yearbook XXIV*, pp. 77-96, aqui p. 81s.

exterior sobre as reivindicações interiores da consciência[29]. A conclusão de Sloterdijk é que Lessing propaga aqui, nada mais, nada menos, que a alvorada da cultura de massas em matéria religiosa[30]. Não obstante a justeza destas constatações, não podemos esquecer que a opinião de Lessing não era, de modo algum, dominante na sociedade coeva, antes era representativa da vanguarda intelectual iluminista, nitidamente minoritária. Ilustram-no as reacções críticas da maioria dos seus contemporâneos. É a recepção ulterior da peça – nomeadamente a recepção entusiástica dos leitores de origem judaica[31], a enorme difusão que o drama tem tido até ao presente nos currículos escolares e, sobretudo, nos palcos –, que fazem dela um texto fulcral de apologia da tolerância.

Tal como Lessing previra, *Nathan o Sábio* não foi levado à cena em vida do seu autor. A recepção da peça é feita, inicialmente, através da leitura. A subscrição que antecedeu a publicação foi um sucesso: em Maio de 1779, o conhecido editor de Berlim, Christian Friedrich Voß, deu à estampa 3000 exemplares para os subscritores; seguiram-se, no final do ano, duas reedições e ainda duas edições pirata, num total de 4500 exemplares aproximadamente, um êxito comparável ao *Werther* de Goethe. Como era de esperar, as reacções não foram unânimes: os amigos e admiradores de Lessing, entre eles, Moses Mendelssohn, Herder, Hamann, Gleim e Jaccobi,

---

[29] Niewöhner (1988), p. 402, já salientara o cepticismo de Lessing e a sua convicção de que o homem não tem acesso à verdade, que é privilégio exclusivo de Deus.

[30] Sloterdijk (2007), p. 171.

[31] À excepção dos sionistas que consideravam a integração como uma perda da identidade especificamente judaica, a peça foi recebida entusiasticamente pelos judeus alemães, de tal forma que, no século XIX, ao serem forçados a adoptar um apelido, muitos adoptaram o nome de Lessing; também Nathan se tornou um nome próprio frequente entre judeus.

manifestaram a sua admiração, acentuando o carácter pioneiro da obra; a recepção oficial foi predominantemente negativa. O facto da figura central ser um judeu e a abordagem verberadora do fundamentalismo cristão suscitaram críticas acerbas. A peça foi imediatamente vista no contexto da questão dos fragmentos, acima mencionada. Na Áustria, e nas cidades de Augsburg, Würzburg e Frankfurt a obra foi mesmo proibida.

*Nathan o Sábio* só veio a ser representado pela primeira vez por uma companhia profissional em 1783 em Berlim[32]. As primeiras encenações de sucesso ocorreram em 1801, em Magdeburg e Weimar, esta última numa versão de Schiller, que reduziu o texto de Lessing em cerca de um terço e lhe introduziu alterações no sentido do idealismo clássico. Foi este o texto que se impôs nos primeiros tempos, pois tanto a duração da peça como a sua forma invulgar para a época devem ter causado grande estranheza nos espectadores coevos. Entre 1802 e 1805 *Nathan* é levado à cena em Berlim, Hamburgo, Braunschweig, Mannheim e Breslau. Também nos territórios católicos se representa a peça, eliminando porém a figura do Patriarca. Daí para diante, *Nathan o Sábio* impõe-se nos palcos alemães até ao século XX, atingindo o auge em 1929, com os festejos do bicentenário do nascimento de Lessing. Segue-se o capítulo negro da proibição durante o período do nacional-socialismo, entre 1933 e 1945. Mas terminada a guerra, o *Deutsches Theater Berlin* reabre a 7 de Setembro de 1945 com *Nathan o Sábio*. Nas primeiras décadas prevalece a interpretação que sobrepõe a mensagem intemporal à realidade histórica do passado recente na Alemanha. Com a encenação de Claus Peymann, em 1981 em Bochum, ocorre uma mudança de paradigma: doravante, as encenações de *Nathan*

[32] Em 1779, alguns meses depois da morte de Lessing em Janeiro desse ano, um grupo amador levara a peça à cena em Mannheim, sem qualquer repercussão.

*o Sábio* põem em causa a mensagem optimista do iluminismo, o pessimismo histórico e político passa a ser a interpretação dominante. Na década de noventa do século passado, esta evolução é levada às suas últimas consequências, com a desconstrução do texto lessinguiano: a morte de Nathan, na peça *Nathans Tod nach Lessing* [A morte de Nathan segundo Lessing] do autor húngaro George Tabori, em 1991, e a impossibilidade de pôr a peça em cena, no projecto *Lessings Traum von Nathan dem Weisen* [O sonho de Lessing acerca de Nathan o Sábio], encenado por Elmar Goerden em 1999 e publicado em 2002. No seguimento dos acontecimentos do atentado fundamentalista islâmico de 11 de Setembro de 2001, verificou-se um recrudescer do interesse por *Nathan o Sábio*, que voltou a estar presente em numerosos palcos não só de língua alemã, com o foco de atenção concentrado agora na representação tolerante e conciliadora do Islão, como apelo e imperativo moral face aos acontecimentos recentes, e com plena consciência do carácter utópico do apelo iluminista subjacente à peça[33].

A recepção do teatro de Lessing em Portugal é quase inexistente. Tanto quanto foi possível averiguar, apenas *Emilia Galotti* foi levada à cena no Porto, no Teatro Nacional de São João, em 2009, na tradução de João Barrento. Em 1915, Aurora Teixeira de Castro e Gouveia (1891-1931) dera à estampa, também no Porto, uma tradução em prosa de *Nathan*

---

[33] Kuschel (2004), p. 9, menciona 24 encenações nos palcos de língua alemã, das quais sobressai a de Claus Peymann com o Berliner Ensemble em 2002. Nos Estados Unidos destacam-se as encenações de Paul D'Andrea em Washington (2001) e Barbara Bosch com a Pearl Theater Company em Nova Iorque (2002). Veja-se o catálogo da exposição da Arbeitsstelle für Lessing-Rezeption, em Kamenz: *Nathans Ende oder der Schlaf der Vernunft? Ausstellungskatalog zur Wirkungsgeschichte von Lessings Nathan der Weise* [O fim de Nathan ou o sono da razão? Catálogo da exposição sobre a recepção de Nathan o Sábio de Lessing], editado em 2006 por Matthias Kanke e Birka Siwczyk.

*o Sábio*.[34] Terá sido o facto de pertencer ao círculo de Joaquim de Vasconcelos e Carolina Michaëlis ou ao movimento da Renascença Portuguesa que levou a republicana e sufragista, formada em direito e que foi a primeira notária portuguesa, a lançar-se numa tarefa tão alheia à sua formação profissional? Ou terá sido o seu manifesto interesse pelo teatro, pois viria a publicar duas peças de cariz didáctico, em 1927?[35] Não sabemos, mas o breve prefácio revela admiração pelas ideias manifestadas na obra e bons conhecimentos sobre o seu autor, embora apresente falhas graves, ao incluir Lessing na tradição do classicismo e, sobretudo, ao mencionar *Laocoonte*, o célebre ensaio sobre as fronteiras entre poesia e pintura, como uma emocionante peça de teatro, a par de *Emilia Galotti*. Não queremos com isto denegrir o mérito relativo de um trabalho pioneiro, mas obviamente sem repercussões para a recepção do drama em apreço, que nunca foi levado à cena em Portugal.

Assim, uma tradução moderna desta peça de impressionante actualidade para a língua portuguesa continuava a ser um desiderato, agora suprido pelo texto de Yvette Centeno, cujo verso livre consegue aliar a fidelidade ao original a uma dicção verdadeiramente adequada à transposição para o palco, numa versão congenial que faz assim justiça ao drama lessinguiano.

Augsburg, Dezembro de 2014

Manuela Nunes

---

[34] Lessing, Gotthold Ephraim (1915), *Nathan o Sábio, Poema Dramático em 5 Actos*, prefácio e tradução de Aurora Teixeira de Castro e Gouveia, Porto, Typographia de Arthur José de Souza.

[35] Cf. Aurora Teixeira de Castro (1927), *Teatro*, Lisboa, Editora Fluminense, que inclui dois dramas em 3 actos: *Na sombra* e *Mistérios de Amor*.

## BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA


Barner, Wilfried *et alii* ([6]1998): *Lessing: Epoche – Werk – Wirkung*. München, Beck.

Fick, Monica (2010): *Lessing-Handbuch. Leben – Werk – Wirkung*. 3. neubearbeitete und erweiterte Auflage. Stuttgart, Weimar, Metzler.

Nisbet, Hugh Barr (2013): *Gotthold Ephraim Lessing. His Life, Works, and Thought*, Oxford University Press.

*Introite, nam et heic Dii sunt.*
*(Apud Gellium)*

*Entrai, pois aqui também há Deuses.*
*(Aulus Gellius)*

## PERSONAGENS

Sultão Saladino

Sittah, sua irmã

Nathan, um Judeu rico de Jerusalém

Recha, sua filha adoptiva

Daja, uma cristã a viver na casa do Judeu, Dama de Companhia de Recha

Um Jovem Templário

Um Dervixe

O Patriarca de Jerusalém

Um Frade

Um Emir e vários Mamelucos de Saladino

A cena decorre em Jerusalém.

## PRIMEIRO ACTO

**Primeira Cena:**
*Na entrada da casa de Nathan.*
*Nathan chega de viagem. Daja vai ao seu encontro.*

Daja – É ele! É Nathan! Graças a Deus
que finalmente estais de volta.

Nathan – Sim, Daja. Graças a Deus! Mas porquê *finalmente?*
Terei dito que ia chegar mais cedo?
Que poderia vir a chegar mais cedo? Babilónia
dista de Jerusalém quase duzentas milhas
quando é forçoso andar por caminhos
que nos levam ora à direita, ora à esquerda...
E cobrar dívidas também não é assunto
que se resolva logo assim,
sem mais nem menos.

Daja – Oh Nathan,
mas que desgraça, que desgraça
entretanto aqui podia ter acontecido! A vossa casa...

Nathan – Ardeu.
Já me disseram. – Quem dera
que já me tivessem dito tudo!

Daja – Por um triz tinha ardido por completo.

Nathan – Então, Daja, construía-se uma nova,
e mais cómoda.

Daja – Pois está bem!
Mas Recha só por sorte não morreu queimada no incêndio.

Nathan – Queimada? Quem? A minha Recha? Ela?
Isso ninguém me disse. Pois então!
Não precisaria de mais casa. – Queimada
por um triz! – Ah, morreu então de verdade!
Morreu queimada! – Diz a verdade!
Diz tudo! – Mata-me, não me tortures mais.
Sim, morreu queimada.

Daja – Se fosse assim
estaria eu agora a falar disso?

Nathan – Por que me assustas então dessa maneira? – Oh Re-
[cha!
Oh minha Recha!

Daja – Vossa? Vossa Recha?

Nathan – Como se eu alguma vez pudesse
deixar de chamar filha a esta minha filha!

Daja – Dizeis assim que é vosso,
com igual direito,
tudo o que possuís?

Nathan – Por maioria de razão! Tudo o que outrora
possuí foi-me concedido pela natureza
e pela sorte. E só neste caso o que adquiri
fico a dever à Virtude.

Daja – Oh Nathan, sai-me tão cara
a recompensa desta tua bondade!
Se é que é possível chamar bondade
à que é praticada assim.

Nathan – Praticada assim?
Mas de que modo?

Daja – A minha consciência...

Nathan – Daja, deixa-me dizer-te,
que acima de tudo...

Daja – Digo
que a minha consciência...

Nathan – Olha, em Babilónia
que belo tecido te comprei.
Tão rico e tão cheio de bom gosto! Nem
para Recha trago um tão belo assim.

Daja – De que serve? Pois a minha consciência,
devo dizer, já não se deixa enganar.

Nathan – E os braceletes, os brincos,
o anel, o cordão, de que vais gostar tanto
e que eu trouxe de Damasco para ti:
Vamos lá ver.

Daja – Sois mesmo assim!
Sempre a dar prendas! Só dar prendas!

Nathan – Aceita então com o mesmo prazer com que eu te
[dou, – e cala-te!

Daja – Calar-me! Quem duvida, Nathan, que vós sejais
a honestidade, a generosidade em pessoa?
E no entanto...

Nathan – No entanto sou um judeu. – É isso
que queres dizer?

Daja – O que eu quero dizer
sabeis vós muito bem.

Nathan – Pois então cala-te.

Daja – Calo-me.
O que diante de Deus aqui é condenável
e eu não posso impedir, não posso mudar –
não posso, – cairá sobre vós!

Nathan – Cairá sobre mim!
Mas então onde está ela? Onde ficou? – Daja,
se estás a enganar-me!... Ela já sabe
que eu cheguei?

Daja – Isso pergunto eu!
O susto que apanhou ainda lhe arrepia o corpo todo.
O fogo ainda lhe queima a imaginação
em tudo o que imagina. A dormir fica o espírito desperto
e se acordado fica adormecido: ora como animal
ora qual Anjo.

Nathan – Pobre criança!
Que somos nós, humanos!

Daja – Hoje de manhã
ficou ela muito tempo de olhos fechados, parecia
morta. E de repente ergueu-se, e começou a gritar: Ouvi!
[Ouvi!
estão a chegar os camelos do meu pai!
Ouvi! É a sua doce voz! e entretanto
turvou-se-lhe o olhar e a sua cabeça,
sem o apoio dos braços, caiu na almofada.

Eu corri para o portão!
E vede: éreis vós de verdade a chegar! de verdade a chegar! –
Não admira! A alma dela tinha estado
durante todo o tempo junto de vós – e dele.

Nathan – Dele?
Quem é ele?

Daja – Junto dele, aquele que a salvou
do incêndio.

Nathan – Quem foi ele? Quem? – Onde está?
Quem salvou a minha Recha? Quem?

Daja – É um jovem Templário, que há alguns dias
foi trazido como prisioneiro
e Saladino amnistiou.

Nathan – Como?
Um Templário a quem o Sultão Saladino deixa a vida?
Recha só foi salva por um estranho milagre? Meu Deus!

Daja – Sem a sua coragem e determinação
que uma e outra vez o impeliram, teria ela morrido.

Nathan – Onde está ele, Daja, esse homem valente?
Onde está ele? Leva-me a seus pés.

Deram-lhe antes de mais todos os tesouros que deixei?
Tudo o que tenho? E prometeram mais? ainda muito mais?

Daja – Não seria possível...

Nathan – Nada? Nada?

Daja – Ele apareceu e ninguém sabe de onde.
Foi-se, e ninguém sabe para onde. – Sem saber
do pessoal da casa, guiado apenas pelo seu ouvido,
correu com o seu manto aberto,
atravessou labaredas e fumo guiado pela voz
que gritava por socorro. Já nós a julgávamos perdida
quando o vimos surgir, por entre fumo e chamas
e ali ficar de pé, diante de nós, trazendo-a
nos seus braços fortes. Com uma frieza calma,
perante o nosso júbilo e agradecimentos, põe no chão
o seu despojo, mistura-se com o povo e –
desaparece!

Nathan – Espero que não seja para sempre!

Daja – Alguns dias depois vimos
que passeava para cá e para lá, entre as palmeiras
que protegem o túmulo do Ressuscitado.
Aproximei-me dele, radiante, agradeci,
exaltei, louvei, implorei, – que só mais uma vez
aceitasse ver a piedosa criatura, inconsolável,
até que pudesse chorar a seus pés,
todas as suas lágrimas, de gratidão.

Nathan – E ele?

Daja – Em vão! Não quis ouvir os nossos pedidos.
E comigo foi tão desagradável...

Nathan – Que logo te ofendeste...

Daja- Nada disso.
Abordei-o em cada novo dia.
Deixei que em cada dia voltasse a humilhar-me.
Aturei tudo e mais alguma coisa.
E mais ainda, se tal fosse preciso.
Mas faz tempo que ele deixou de aparecer
entre as palmeiras do túmulo do nosso Ressuscitado.
E ninguém sabe onde ele se encontra.
Estais espantado? Pensativo?

Nathan – Penso
no efeito que isso deve ter tido num espírito
como o de Recha. Sentir-se tão desdenhada
por aquele que se tem em tão grande apreço.
Ser repudiada quando se é tão atraída.
Na verdade, coração e razão em luta
um contra o outro, até se decidir
se deve ganhar o ódio ou a melancolia.
Muitas vezes, nem um nem outro. E a imaginação,
de mistura com ambos, cria delírios em que
jogam ora a cabeça com o coração, ora

o coração com a cabeça. – Um jogo perigoso.
Este último, se bem conheço Recha,
é o caso de Recha. Está a delirar.

Daja – Mas de forma tão piedosa, tão gentil!

Nathan – Não deixa de ser delírio!

Daja – Em especial *uma cisma*, por assim dizer,
lhe é muito cara. Que o seu Templário
não é deste mundo, não é um ser terreal.
Que aquele Anjo, em que acredita
e a quem confia a alma desde a sua meninice,
saiu da nuvem em que se esconde normalmente
e veio, como Templário, salvá-la das chamas
do incêndio. – Não é para sorrir! – Quem sabe?
Deixai-a ao menos com esta ilusão,
em que Judeus, Cristãos e Muçulmanos
estão unidos. Uma ilusão tão boa...!

Nathan – Também eu sinto o mesmo! Vai lá então, Daja, vai.
Vai ver o que ela está a fazer, e se lhe posso falar.
Eu irei procurar o bravo e fugidio Anjo da Guarda.
E se lhe apetece ainda passear por aqui. E se prefere
mostrar-se tão pouco cavalheiro... Encontro-o
de certeza e trago-o comigo.

Daja – Não é tarefa fácil.

Nathan – Abre à suave ilusão
um mais suave lugar para a verdade!
Acredita, Daja, que é mais caro ao ser humano
um outro ser humano do que um Anjo!
E censuras-me então, levas a mal,
que eu deseje curar a nossa visionária?

Daja – Vós sois ao mesmo tempo tão bondoso e tão mau!
Vou indo! Mas vede! Olhai! Aí está ela.

**Segunda Cena:**
*Recha e os anteriores.*

Recha – Então sois mesmo vós, meu pai?
Julguei que tínheis mandado a vossa voz
à frente. Onde estivestes? Que montanhas,
que desertos, que rios ainda nos separam?
Estais aqui junto dela e não vos apressais
a abraçá-la? A vossa Recha? A pobre
Recha que esteve para morrer queimada? –
Quase, quase queimada! Quase. Não estremeçais!
É uma morte horrível, ser queimada. Oh!

Nathan – Minha filha, minha querida filha!

Recha – Atravessastes
o Eufrates, o Tigre, o Jordão, e sabe-se lá

quantas mais águas? Quantas vezes
tremi por vós, antes que o fogo
de mim se aproximasse! Mas desde que o fogo
me chegou tão perto que só penso que morrer
afogada na água é refrescante, consolo, salvação.
Mas vós não morrestes afogado. E eu não morri
queimada. Demos graças a Deus, com alegria!
Ele trouxe-vos, e à vossa barca, sobre as asas
de um Anjo *invisível* voando sobre as correntes.
Ele acenou ao meu Anjo para que se tornasse *visível*
e nas suas asas brancas me salvasse
do incêndio. –

Nathan – (Asas brancas!
Pois, pois! O manto branco que o Templário
estendeu!)

Recha – Visível, visível, foi ele
que me salvou das chamas, afastadas
pelas suas asas. Eu vi, eu vi um Anjo
cara a cara, e era o *meu* Anjo.

Nathan – Recha, é teu o mérito;
pois não se veria mais beleza nele
do que ele veria em ti.

Recha (sorrindo) – Elogiais a quem, meu pai? A quem?
Ao Anjo ou a vós próprio?

Nathan – Podia muito bem ter sido
um ser humano – um ser humano como os que a natureza
diariamente cria – a acudir à tua salvação. E a teus olhos
teria de ser um Anjo. Teria, e foi o que aconteceu.

Recha – Não digo um Anjo desses, não!
Digo um de verdade.
Era de certeza um Anjo bem real!
Vós me ensinastes que é possível os Anjos
fazerem milagres àqueles que amam Deus
acima de tudo. E eu amo-o de verdade.

Nathan – E ele ama-te igualmente.
E faz por ti e pelos teus iguais, milagres
a cada instante. Sim, desde a eternidade
é o que tem feito.

Recha – Gosto mais de ouvir isso.

Nathan – Porquê?
achas que se fosse mais natural, mais banal,
que um verdadeiro Templário te salvasse
o milagre seria menos verdadeiro?
O milagre maior é que os milagres verdadeiros
possam e devam acontecer e se tornem quotidianos.
Sem este milagre geral, um pensador não chamaria
milagre ao que as crianças chamam, buscando sempre
a última novidade, o que não fosse habitual.

Daja (*para Nathan*) – Quereis romper de vez
um cérebro já tão excitado
com essas subtilezas?

Nathan – Deixa-me! A minha Recha
não aceita que seja milagre ter sido salva
por um *ser humano*, o que já de si é um milagre
e nada pequeno! Pois quem alguma vez ouviu
que Saladino tenha poupado a vida a um templário?
Que algum templário o tenha alguma vez pedido? ou espe-
[rado?
Que lhe tenha oferecido pela sua liberdade mais
do que o cinto de couro que lhe prende a espada?
ou quando muito o seu punhal?

Recha – É o que me dá razão, meu pai. Por isso
não pode ter sido nenhum templário. Foi só em aparência.
Em Jerusalém qualquer templário feito prisioneiro
está condenado a uma morte certa. Nenhum passeia
por Jerusalém em liberdade, e sendo assim
como poderia, de noite, ter acorrido a salvar-me?

Nathan – Ora que argumento!
Então agora, Daja, fala tu.
Não me disseste que ele foi feito prisioneiro
e enviado para cá? Decerto sabes mais coisas.

Daja – Sim. É o que consta por aí. Mas diz-se,
ao mesmo tempo, que Saladino agraciou o templário

porque o achou parecido com um seu irmão,
de quem gostava muito. Mas como há já vinte anos
que esse irmão morreu, não sei dizer o seu nome,
nem sei onde vivia. Parece uma coisa tão incrível
que se calhar não passa de boato.

Nathan – Ora, Daja! Por que razão há-de de ser incrível?
Claro que não é, tal como o contas, e por que havemos
de acreditar em algo de mais incrível ainda, só para acreditar?
Saladino, que tanto ama a sua irmã, não poderia ter amado
de igual modo, quando jovem, um seu outro irmão? Dois
rostos não podem parecer-se? E uma velha impressão
perde-se logo? O mesmo facto não produz o mesmo efeito?
Desde quando? E o que há nisto de inacreditável? Ora Daja,
para ti, que és sábia, não seria milagre. E o *teu* milagre, é só
obrigação, quer dizer, necessidade, de Fé.

Daja – Estais a fazer troça.

Nathan – Porque estás a troçar de mim.
Mas Recha, mesmo assim, o teres sido salva
permanece um milagre, só possível Àquele
que se compraz em dirigir as decisões mais firmes,
os projectos mais indómitos dos reis,
num jogo seu, – quando não do seu desprezo –
que manobra pelos fios mais frágeis.

Recha – Meu pai!
Meu pai, se eu estiver enganada, bem sabeis
que não o faço por gosto.

Nathan – Pelo contrário, tu gostas que te ensinem.
Repara: a curva de uma testa, o arco de um nariz,
o desenho de uma sobrancelha, segundo uma ossatura
mais forte ou delicada; uma linha, uma curva,
um ângulo, uma ruga, um sinal, um nada, num rosto
de europeu agreste: e eis que escapas às chamas de
um incêndio na Ásia! Não seria um milagre, para gente
ávida de milagres? E não obstante ainda querem um Anjo?

Daja – Nathan, se me permites, que mal faz
pensar que foi um Anjo e não uma pessoa
que a salvou? Não se sente melhor o mistério
da causa primordial da salvação?

Nathan – Orgulho! Nada mais do que orgulho!
A panela de ferro quer que a retirem do fogo
com uma pinça de prata, para se convencer
de que é uma panela de prata! – Ora! –
E que mal faz? perguntas, que mal faz?
Eu podia responder: e ajuda em quê?
Pois o teu "sentir-se mais próximo de Deus"
é um disparate, ou blasfémia. Faz mal, sim.
Só faz mal.
Ora presta atenção: não é verdade que é teu desejo

agradecer com muitas gentilezas àquele que te salvou
quer seja Anjo ou Criatura humana? Não é verdade?
Pois bem, a um Anjo que gentilezas, que grandes
serviços poderias prestar? Agradecer. Suspirar. Rezar.
Ou derreter-te em êxtases. Ou jejuar no seu dia santo.
Dar esmolas. Ninharias. Pois eu acho que vós mesmas
e o vosso próximo ganhais muito mais com isso do que ele,
que não engorda com o vosso jejum; não enriquece
com as vossas esmolas; não se santifica com os vossos êxtases;
não fica mais poderoso com a vossa devoção.
Não é verdade? Só se fosse um homem!

Daja – Se fosse um homem ter-nos-ia dado
mais oportunidades de *fazer* alguma coisa por ele.
E Deus sabe como era nosso desejo!
Mas ele não queria, não precisava de nada.
Tão centrado em si mesmo, tão completo
como só os Anjos são e podem ser.

Recha – Finalmente, quando desapareceu de vez...

Nathan – Desapareceu? Como assim, desapareceu?
Nunca mais foi visto ao longe, entre as palmeiras?
Sim? Ou foram em busca dele, ainda mais longe?

Daja – Não, não fomos.

Nathan – Não foram, Daja? Não?

Pois fizeram muito mal. Suas disparatadas! –
E se este Anjo tivesse, entretanto, adoecido!...

Recha – Adoecido!

Daja – Não pode ser!

Recha – Que frio tremendo me corre o corpo! Daja!
Sinto a testa, que me ardia, completamente gelada!

Nathan – Ele é um Franco,
pouco habituado a estes climas.
É jovem. Mas não está habituado
às duras condições de vida,
fome, vigílias...

Recha – Doente! Doente!

Daja – Nathan só está a dizer que é possível.

Nathan – Ali está ele! Sem amigos,
nem dinheiro para arranjar alguém.

Recha – Ah, meu pai!

Nathan – Estendido ao abandono, sem conselho ou ajuda,
prisioneiro da dor, entregue ali à morte!

Recha – Onde? Onde?

Nathan – Ele que se lançou ao fogo por alguém
que não conhecia, nunca tinha visto,
bastando-lhe que fosse
um ser humano...

Daja – Nathan, tem dó!

Nathan – E aquela que salvou não a voltar a ver,
a conhecer melhor, recusando
a sua gratidão...

Daja – Nathan, piedade!

Nathan – Nem ele a queria ver de novo, a menos
que fosse para a salvar uma segunda vez
tratando-se de um ser humano...

Daja – Calai-vos, olhai para ela!

Nathan – Ele que ao morrer nada tem que o console,
a não ser a consciência da sua boa acção!

Daja – Chega! Estais a matá-la!

Nathan – E tu mataste-o a ele!
Podias tê-lo morto desta maneira. Recha! Recha!

Não é veneno, é remédio, o que eu estou a dizer.
Ele está vivo! Dá atenção! Não está doente,
nem sequer está doente!

Recha – De certeza? Não está morto? Não está doente?

Nathan – De certeza, não está morto! Pois Deus premeia
a bondade feita aqui, também aqui neste mundo. Vai!
Mas percebes agora que é mais fácil *crer numa ilusão*
do que *proceder bem*? Como o homem indolente
prefere ser iludido só para – mesmo sem o saber –
não ter de proceder bem?

Recha – Ah, meu pai!
Nunca mais deixeis a vossa filha sozinha!
E não é verdade que ele pode igualmente ter partido em via-
[gem?

Nathan – Pois sim.
Vejo além um muçulmano curioso
a inspeccionar a carga dos meus camelos.
Sabeis quem é?

Daja – Sim. O vosso Dervixe.

Nathan – Quem?

Daja – O vosso Dervixe, o parceiro do xadrez!

Nathan – Al-Hafi? o Al-Hafi?

Daja – Agora é Tesoureiro do Sultão.

Nathan – O quê? Al-Hafi? Não estás a sonhar?
É mesmo! É mesmo ele! Vem ter connosco.
Ide para dentro, rápido! O que terá a dizer-me?

**Terceira Cena:**
*Nathan e o Dervixe.*

Dervixe – Isso, espantai-vos a sério!

Nathan – És tu, és mesmo tu? Nesse luxo,
um Dervixe!

Dervixe – E por que não? Um Dervixe
não pode vir a ser outra coisa?

Nathan – Claro! Mas eu pensava
que um Dervixe – um verdadeiro Dervixe –
não desejaria ser outra coisa!

Dervixe – Pelo Profeta!
Talvez eu não fosse um de verdade,
mas quando tem de ser...

Nathan – Tem de ser? Um Dervixe pode ser forçado?
Ninguém pode ser forçado, e um Dervixe foi?
Forçado a quê?

Dervixe – A algo que lhe pediram
e ele achou que era justo; o Dervixe aceitou.

Nathan – Por Deus! Tens razão. Dá cá um abraço, homem!
Ainda és meu amigo?

Dervixe – Não quereis saber primeiro o que faço agora?

Nathan – Seja lá o que for!

Dervixe – Mesmo que eu seja
um funcionário do Estado cuja amizade
vos possa ser incómoda?

Nathan – Se o teu coração permanece igual
ao do Dervixe, nada se altera. O funcionário
do Estado é apenas roupagem.

Dervixe – Que tem de ser respeitada. Dizei então!
O que seria eu na vossa Corte?

Nathan – Um Dervixe, mais nada.
E a seguir, talvez... cozinheiro.

Dervixe – Ora essa!
Para esquecer os meus dotes na vossa casa. Cozinheiro!
E já agora servo? Ainda bem que Saladino me conhece
melhor. Sou o seu Tesoureiro.

Nathan – Tesoureiro, tu? de Saladino?

Dervixe – Reparai, é
o tesouro mais pequeno, pois o grande
ainda está à guarda do seu pai. Ocupo-me
só da casa.

Nathan – A sua casa é grande.

Dervixe – Maior do que se julga.
Pois está cheia de pedintes.

Nathan – Saladino tem tanto horror aos pedintes...

Dervixe – Que decidiu acabar com eles
de uma vez para sempre, nem que tenha de ficar
ele mesmo a pedir esmola.

Nathan – Bom coração! Era o que eu estava a dizer!

Dervixe – É verdade! Pois o seu tesouro
a cada pôr do Sol fica ainda mais vazio
do que já estava antes. A maré, por muito

que esteja alta de manhã, à tarde já está
mais do que esgotada.

Nathan – É engolida por canais
que nem sempre é possível voltar
a encher de novo.

Dervixe – Isso mesmo.

Nathan – Sei o que é!

Dervixe – É terrível que os príncipes
sejam abutres a devorar cadáveres,
mas serem eles cadáveres entre os abutres
é ainda pior.

Nathan – Não é bem assim, Dervixe!

Dervixe – Falar é fácil. Ora vamos.
O que me dais se eu trocar de lugar
convosco?

Nathan – Quanto ganhas?

Dervixe – Não ganho muito.
Mas a vós a maré pode ser favorável.
Se demasiado baixa, abris as comportas
e levais em juros o que vos apetecer.

Nathan – E também juros dos juros dos juros?

Dervixe – Claro!

Nathan – Até que o meu capital seja apenas juros!

Dervixe – Não vos entusiasma? Então acabemos
com a nossa amizade! Pois eu estava de facto
a contar muito convosco.

Nathan – A sério? E porquê? Então porquê?

Dervixe – Esperava que me ajudásseis a honrar
estas minhas funções. Que me abrísseis os cofres
quando precisasse. Tendes receio?

Nathan – Vamos lá a entender-nos!
São coisas diferentes. Tu? Por que não? Tu,
como Dervixe Al-Hafi és sempre muito bem-vindo. Mas
Al-Hafi, tesoureiro de Saladino,
que... a quem...

Dervixe – Já calculava. Continuais a ser
tão bom quanto inteligente, tão inteligente
quanto sábio! Paciência! Os dois Al-Hafi
que separastes em breve serão outra vez dois.
Olhai as nobres vestes que Saladino me deu.
Antes que se sujem, se tornem em farrapos,

como são as roupas dos dervixes, ficarão no prego
em Jerusalém, e eu estarei no Ganges, onde
ligeiro e descalço pisarei as areias quentes
com os meus Mestres.

Nathan – É mesmo coisa tua!

Dervixe – E vou jogar xadrez com eles.

Nathan – É o teu melhor dom!

Dervixe – Vede só o que me seduziu:
Não precisar mais de andar a pedir esmola.
Poder fazer de rico junto de pedintes.
Poder transformar num repente
o mais rico pedinte num pobre muito rico!

Nathan – Custa-me a crer!

Dervixe – Ainda pior! Senti-me
pela primeira vez lisonjeado!
Lisonjeado pela generosa loucura de Saladino.

Nathan – Que era?

Dervixe – "Só um pedinte pode saber
o que convém a um pedinte; só um pedinte
aprendeu a dar esmola com bons modos. O teu precursor,"

disse-me ele, "era demasiado frio, demasiado brusco.
Tão desagradável, quando dava. Queria informações,
antes de dar fosse o que fosse àquele que pedia.
Não lhe bastava que estivesse na miséria,
queria ainda saber as causas da miséria,
para que a esmola recebida fosse proporcional.
E Al-Hafi não faria nada disso! Saladino, através
de Al-Hafi, não parecerá tão desumano
na sua benevolência! Al-Hafi não é um desses
canos entupidos que tornam a água límpida
e calma que corre neles numa água suja
e borbulhante! Al-Hafi pensa, Al-Hafi
sente o mesmo que eu." –
Era tão agradável a música da flauta
do passarinheiro que o pisco caiu na rede!
Que loucura! Louco filho de um louco!

Nathan – Tem calma, meu Dervixe,
tem calma!

Dervixe – Pois sim! Não seria loucura
oprimir centenas de milhares de homens,
espoliar, saquear, martirizar, estrangular,
e fingir ser amigo apenas de alguns deles?
Não seria loucura querer imitar a Bondade
Suprema que preside ao bem e ao mal,
aos campos e ao deserto, ao sol e à chuva,

de igual modo? Sem ter sempre as mãos largas
da Divindade? Que dizeis? Não seria loucura...

Nathan – Já chega.

Dervixe – Deixai que exprima a *minha*
loucura pessoal! Pois não seria loucura
tentar ver nessas loucuras o bom lado,
para fazer parte, por causa do bom lado,
dessas loucuras todas? Então? Não seria?

Nathan – Al-Hafi, apressa-te
a regressar ao teu deserto. Receio bem
que metido entre os homens desaprendas
o que é ser homem.

Dervixe – Tendes razão, é o que eu temo!
Adeus!

Nathan – Já tão depressa? Espera, Al-Hafi.
O deserto não te fugirá. Espera um pouco!
Não me ouve! Ei, Al Hafi, volta! –
Foi-se embora. E eu queria ainda perguntar-lhe
se sabia alguma coisa do Templário. Suponho
que o conheça.

**Quarta Cena:**
*Daja chega, apressada. Nathan.*

Daja – Nathan! Nathan!

Nathan – O que é?

Daja – Ele está outra vez ali! Está outra vez ali!

Nathan – Quem, Daja, quem?

Daja – Ele! Ele!

Nathan – Ele? Ele? O *Ele* está sempre à vista!
Ah, é o vosso Ele. – Não deve ser chamado assim!
Nem mesmo se fosse um Anjo!

Daja – Está a passear entre as palmeiras
e apanha de vez em quando algumas tâmaras.

Nathan – E come-as? Um Templário?

Daja – Não me tortureis!
Os olhos dela já o avistaram
ao fundo, entre a cortina das palmeiras.
E não pára de o fixar, como que alucinada.
Pede-vos, roga-vos: ide ter com ele,
apressai-vos, ela fará sinal desde a janela,

quando ele se aproximar ou se afastar.
Ide, depressa!

Nathan – Assim, tal qual como deixei
a caravana? Será apropriado? – Vai lá
ter com ele, e diz-lhe do meu regresso.
Tem cuidado, pois este homem de bem,
o que não quis foi entrar na minha casa
durante a minha ausência. E virá de bom grado
quando é o próprio pai que lhe faz o convite.
Vai lá e diz-lhe que lhe peço, lhe rogo,
de todo o coração...

Daja – Em vão! Ele não virá.
Resumindo: não se dá com judeus.

Nathan – Mas vai, vai lá para o demorar.
Segue-o com os teus olhos.
Eu irei logo atrás.

*Nathan entra em casa, Daja apressa-se a ir.*

**Quinta Cena:**

*Uma praça com palmeiras, sob as quais o Templário passeia de um lado para o outro. Um Monge segue-o a alguma distância, como se quisesse falar com ele.*

Templário – Este anda a seguir-me há algum tempo.
Olha de soslaio para as minhas mãos! Bom Irmão...
Também vos poderei chamar Padre, não é assim?

Monge – Só Irmão. Irmão laico, para vos servir.

Templário – Sim, bom Irmão, pudesse eu ajudar!
Por Deus! Por Deus! Não tenho nada...

Monge – Mas agradeço à mesma!
Que Deus vos dê mil vezes
o que gostaríeis de ter dado.
Pois é a intenção que torna o homem
generoso e não o que ele possa dar. De resto
não fui aqui enviado para vos pedir, Senhor,
nenhuma esmola.

Templário – Mas fostes enviado?

Monge – Sim, do mosteiro.

Templário – Onde eu esperava comer
a pequena refeição dos peregrinos?

Monge – As mesas já estavam ocupadas.
Mas voltemos para lá os dois juntos.

Templário – Para quê?
Já não como carne há muito tempo. Mas
não tem importância, as tâmaras estão maduras.

Monge – Cuidado, Senhor, com esses frutos.
Não se deve abusar, não fazem bem. Incham
o baço, tornam melancólico o humor.

Templário – E se me apraz sentir-me melancólico?
Mas não foi para me dar esse conselho
que vos mandaram aqui vir ter comigo?

Monge – Ah, não! Foi
para me informar sobre quem sois,
saber da vossa disponibilidade.

Templário – E dizeis-me isso assim, sem mais?

Monge – Por que não?

Templário – (É manhoso, este monge). Há outros
como vós, lá no mosteiro?

Monge – Não sei.
Limito-me a obedecer, caro Senhor.

Templário – E então
obedeceis mesmo sem pensar?

Monge – De outro modo seria obedecer, caro Senhor?

Templário – (A simplicidade
tem sempre a última palavra!). Podeis
no entanto dizer-me quem é que me quer
conhecer melhor? Podia jurar que não é esse
o vosso caso.

Monge – Seria bom, para mim?
Que vantagem me traria?

Templário – A quem convém então e aproveita
tanta curiosidade? A quem?

Monge – Ao Patriarca, acho eu. – Pois
foi ele que me mandou vir ter convosco.

Templário – O Patriarca?
Não sabe ele o que significa a cruz vermelha
na capa branca?

Monge – Também eu sei isso muito bem!

Templário – E então, irmão? Então?
Sou um Templário e sou um prisioneiro.
Posso dizer mais: fui preso em Tebnin,
a fortaleza que íamos tomar, para depois seguir

em direcção a Sídon, pouco antes das tréguas
assinadas. E mais: que fui preso com outros vinte,
e só eu amnistiado, por Saladino. Assim
o Patriarca fica a saber o que é preciso. Mais até
do que é preciso.

Monge – Mas não é mais
do que ele já sabe. O que ele pretende
é saber qual a razão que levou Saladino
a amnistiar. E só a vós.

Templário – Nem eu sei! Já com o pescoço
destapado, ajoelhei-me sobre a minha capa
a aguardar o golpe. Quando Saladino me fixa
de repente, se aproxima de um salto e faz sinal.
Erguem-me do chão, tiram-me as correntes,
eu quero agradecer-lhe e vejo que os seus olhos
estão cheios de lágrimas. Ficamos ambos em silêncio.
Ele vai-se embora, eu fico. Como explicar tudo isto
talvez o Patriarca o consiga.

Monge – Ele concluiu
que Deus vos deve ter guardado
para grandes, grandes coisas.

Templário – Sim, enormes!
Salvar de um incêndio uma jovem judia,
guiar pelo Sinai peregrinos curiosos,
e coisas desse género.

Monge – Haverá outras coisas!
Mas entretanto não é assim tão mau!
Talvez o Patriarca tenha agora em vista
assuntos bem mais importantes para Vossa Senhoria.

Templário – Como? É o que vos parece, irmão?
Foi o que ele já vos deu a entender?

Monge – Pois foi! Tenho apenas
de confirmar primeiro se sois
a pessoa indicada.

Templário – Pois confirmai à vontade!
(Sempre quero ver como o fará.) Então?

Monge – O mais rápido
seria eu dizer já, Senhor, qual é a intenção
do Patriarca.

Templário – Muito bem.

Monge – Ele gostaria que vós fosseis
o portador de uma pequena missiva.

Templário – Eu? Eu não sou
nenhum mensageiro. – E esse, esse seria o assunto
tão mais glorioso do que salvar uma judia
de um incêndio?

Monge – Tem de ser isso! Pois,
– diz o Patriarca –, essa missiva é para a cristandade
da maior importância. A quem a levar, – diz o Patriarca –
Deus concederá no céu, quando chegar o momento,
uma coroa muito especial. E dessa coroa, – diz o Patriarca –
ninguém é mais digno do que vós.

Templário – Do que eu?

Monge – Para merecer essa coroa –, diz
o Patriarca – não há ninguém mais habilitado
do que vós.

Templário – Do que eu?

Monge – Estais
em liberdade. Andais por todo o lado,
sabeis como tomar de assalto uma cidade
ou como defendê-la, podeis – diz o Patriarca –
melhor do que ninguém, descrever
aos paladinos de Deus a resistência
e as fragilidades da nova segunda muralha
interior que Saladino mandou erguer.

Templário – Bom irmão, se ao menos
eu pudesse conhecer melhor o conteúdo
da pequena missiva.

Monge – Pois é... mas nem eu sei muito bem ao certo.
A cartinha é para o Rei Filipe. –
O Patriarca... sempre me fez confusão
que um santo, vivendo das coisas do céu,
pudesse ao mesmo tempo ter tanto interesse
nas coisas deste mundo. Para ele deve ser
muito custoso.

Templário – E então? O Patriarca?

Monge – Sabe ao certo,
de fonte segura, onde, e como,
com que forças, e de que lado Saladino
abrirá o flanco, se as hostilidades
recomeçarem.

Templário – Sabe isso tudo?

Monge – Sim,
e queria dar a informação ao Rei Filipe
para que ele pudesse medir o risco
e ver se é real o perigo, e se vale a pena
a qualquer custo refazer as tréguas
com Saladino que a vossa Ordem
tão corajosamente interrompeu.

Templário – Mas que Patriarca! É mesmo!
O bravo homem não me quer para emissário –

quer fazer de mim – um espião. –
Dizei ao vosso Patriarca, bom monge,
que me haveis sondado e que eu não sirvo
de modo nenhum para a função. É como
prisioneiro que me vejo ainda e o único dever
de um Templário é atacar com a sua espada
e não de ser um espião.

Monge – Também foi o que pensei!
Não levo a mal a Vossa senhoria,
até é melhor assim. O Patriarca
confirmou qual é a fortaleza, que se encontra
no Líbano, e onde estão as enormes somas
de dinheiro com que o pai de Saladino paga
os soldados e as despesas da guerra.
Saladino por vezes sai sem ser acompanhado,
indo por caminhos que são menos seguros.
Já reparastes?

Templário – Eu nunca!

Monge – Como seria fácil
prender Saladino! Acabar com ele!
Estremeceis? Um grupo
de devotos já se ofereceu,
se houver um homem corajoso
disposto a conduzi-los.

Templário – E o Patriarca foi a mim
que indicou como tal homem?

Monge – Ele acha que o Rei Filipe
assim podia pressionar mais o Ptolomeu.

Templário – Comigo? Comigo, irmão?
Comigo? Não sabeis? Ninguém vos disse
da dívida que tenho para com Saladino?

Monge – Sim, ouvi dizer.

Templário – E então?

Monge – Sim, mas o Patriarca achou que...
ao serviço de Deus e da Ordem...

Templário – Não muda nada!
Não sou um traidor!

Monge – Claro que não!
Mas – diz o Patriarca – seria traição apenas
aos olhos dos homens, não aos olhos de Deus.

Templário – Devo a minha vida a Saladino.
E vou roubar-lhe a dele?

Monge – Não! Mas – diz o Patriarca –
Saladino é um inimigo da Cristandade,

e ser vosso amigo não lhe dá direitos
especiais.

Templário – Amigo?
Simplesmente não quero ser um patife
e ainda menos um patife ingrato!

Monge – Pois claro.
Mas, no entender do Patriarca,
fica-se liberto de uma tal gratidão,
aos olhos dos homens e de Deus,
se o que aconteceu não foi por nosso bem...
Diz o Patriarca que Saladino só vos agraciou
por terdes uma figura e uns traços que se assemelham
aos que ele recorda de um seu irmão...

Templário – O Patriarca sabe disso. E então?
Ah, se fosse verdade! Ah, Saladino!
A natureza teria então escolhido para mim
apenas só um traço da forma do teu irmão?
E nada haveria dele na minha alma?
Eu poderia oprimir o que lhe correspondesse
só para agradar a um Patriarca?
A natureza não se engana! Não é assim
que Deus se contradiz nas suas obras! Vai-te, Irmão,
não despertes a minha ira! Vai! Vai-te embora!

Monge – Estou a ir, e vou mais satisfeito do que vim!
Que o Senhor me perdoe. Nós, no convento,
devemos obediência aos nossos Superiores.

**Sexta Cena:**
*O Templário e Daja, que tinha estado a observá-lo de longe e agora se aproxima.*

Daja – Parece que o Monge não ia lá muito contente.
Mas tenho de levar o meu recado.

Templário – Ora! Perfeito! Bem reza o ditado
que mulher e monge são as duas garras do diabo!
Hoje lança-me de uma para a outra!

Daja – Que vejo? Sois vós, nobre Cavaleiro? Graças a Deus!
Mil graças a Deus! Onde estivestes escondido tanto tempo?
Não foi por doença?

Templário – Não.

Daja – Estais bem de saúde?

Templário – Sim.

Daja – Estávamos muito preocupadas convosco.

Templário – Sim?

Daja – Fostes viajar?

Templário – Certo!

Daja – E hoje de regresso?

Templário – Ontem.

Daja – O pai de Daja também regressou hoje.
Poderá ela ter agora a esperança?

Templário – De quê?

Daja – Do que já vos foi pedido tantas vezes.
Agora é o pai dela que vos roga, com enorme
insistência. Chegou de Babilónia com vinte
camelos carregados de tudo o que há de melhor
na Índia, na Pérsia, na Síria e até no Sinai:
ricas especiarias, pedras preciosas, tecidos.

Templário – Não compro nada.

Daja – A sua gente respeita-o como um Príncipe.
Que tenham passado a chamar-lhe Nathan o Sábio,
em vez de Nathan o Rico, sempre me causou espanto.

Templário – Para a sua gente talvez sábio e rico
sejam a mesma coisa.

Daja – Mas Nathan o Bom
seria mais adequado.
Pois não podeis imaginar
como ele é bom.
Quando soube o que Recha vos deve
não houve nada que ele não quisesse fazer
que não quisesse dar-vos!

Templário – Sim!...

Daja – Vinde ver, com os vossos olhos!

Templário – Que depressa passou este momento!

Daja – Se ele não fosse tão bom, achais
que eu ficaria tanto tempo em casa dele?
Que não me lembraria que sou uma cristã?
Também não fui talhada desde o berço
para seguir o meu marido até à Palestina
e vir a educar uma jovem judia. O meu
marido era um nobre escudeiro do exército
do Imperador Frederico...

Templário – Um suíço de nascimento,
a quem se concedeu a honra e a graça
de se afogar num rio com sua Majestade.
Mulher! Quantas vezes já me contaste isso?
Não consegues parar de perseguir-me?

Daja – Perseguir! Por amor de Deus!

Templário – Sim, sim, perseguir!
Não quero voltar a ver-te, nunca mais!
E nem ouvir-te! Não quero ser lembrado,
uma e outra vez, de um feito em que agi
sem pensar. Quando me lembro dele,
fico perplexo. Não que o negue, mas
repara: se algo de semelhante voltar
a acontecer e eu não for acudir
tão depressa, a culpa é tua. Pois talvez
me informe primeiro e deixe arder
o que arde.

Daja – Deus nos livre!

Templário – De agora em diante faz-me ao menos
o favor de não me conhecer. É o que te peço.
E o pai que me deixe em paz. Um judeu é um judeu.
Eu sou um simplório da Suábia. A imagem da jovem
já saiu há muito da minha alma. Se alguma vez
lá esteve.

Daja – Mas a vossa não saiu da alma dela.

Templário – O que queres dizer com isso?

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Daja – Sabe-se lá!...
As pessoas nem sempre são o que parecem.

Templário – Mas raramente são melhores.
(*Vai-se embora.*)

Daja – Esperai! Qual é a pressa?

Templário – Mulher, estás a fazer
com que odeie as palmeiras
por onde gosto de passear.

Daja – Então vá, seu urso alemão! Vá lá embora!
Mas eu tenho que lhe seguir o rasto...
(*Fica a segui-lo de longe.*)

## SEGUNDO ACTO

**Primeira Cena:**
*A cena decorre no palácio do Sultão.*
*Saladino e Sittah jogam xadrez.*

Sittah – Em que pensas, Saladino? Como estás a jogar?

Saladino – Não está bem? Pensava...

Sittah – Está bem para mim.
Retira a peça.

Saladino – Porquê?

Sittah – O cavalo fica a descoberto.

Saladino – Pois é! Então assim!

Sittah – E eu como as outras duas peças.

Saladino – É verdade. Xeque!

Sittah – De que serve? Eu sugiro e tu
ficas na mesma.

Saladino – Desta situação
não vejo bem como sair.
Seja! Toma o cavalo.

Sittah – Não o quero. Sigo em frente.

Saladino – Não estás a fazer nenhum favor.
Pretendes mais do que o cavalo.

Sittah – Pode ser...

Saladino – Não te gabes antes de tempo.
Olha! Não esperavas por esta?

Sittah – Pois não. Como podia adivinhar
que estivesses tão farto da tua rainha?

Saladino – Da minha rainha?

Sittah – Já estou a ver. Hoje vou ganhar os meus mil dinares
e nem mais um tostão.

Saladino – Como assim?

Sittah – Que pergunta! Porque estás
a fazer de propósito para perder. Mas

eu assim não acho graça. Não é um jogo
que especialmente me atraia, porque
quando perco contigo fico sempre a ganhar.
Quando perco, tu, para me consolares,
dás-me de presente o dobro do que perdi.

Saladino – Olha! Também *tu*, irmãzinha,
de vez em quando te esforças por perder!

Sittah – A verdade é que pode ser por culpa tua,
e da tua generosidade, meu querido irmãozinho,
que eu não me esforço por jogar melhor...

Saladino – Estamos a distrair-nos. Acaba lá!

Sittah – É mesmo? Então: xeque e xeque-mate.

Saladino – Não vi esta jogada
que derrubou também a minha rainha.

Sittah – Podia ser evitada?
Deixa ver.

Saldino – Não, não, leva lá a rainha.
Nunca tive sorte com esta pedra.

Sittah – Só com esta pedra?

Saladino – Leva-a! Não faz mal.
O resto fica mais protegido.

Sittah – Devemos tratar sempre as rainhas com muita corte-
[sia.
Foi assim que me ensinou o meu irmão.
(*Deixa a rainha ficar de pé.*)

Saladino – Leva, ou deixa ficar, vem dar ao mesmo!

Sittah – Para quê? Xeque! Xeque!

Saladino – Continua.

Sittah – Xeque e xeque e xeque...

Saladino – E mate!

Sittah – Ainda não, ainda tens o cavalo aí no meio.
Ou então faz como quiseres!

Saldino – Isso mesmo! Ganhaste.
Al-Hafi irá pagar-te. Já o mando chamar.
Tinhas razão, Sittah. Eu não estava a jogar
bem, estava distraído. E de resto, que significam
estas pedras polidas, que nada nos fazem lembrar
e nada querem dizer? Não estava a jogar com o Imã.
E quem perde arranja sempre desculpas. Não foram

as pedras informes, Sittah, que me fizeram perder,
foi a tua arte, o teu olhar tranquilo e perspicaz...

Sittah – Queres disfarçar
o espinho da derrota. Estavas distraído,
bem mais do que eu.

Saladino – *Tu*? O que estava a distrair-te?

Sittah – Com certeza que não era a tua distracção!
Saladino, quando voltaremos a jogar a sério?

Saladino – A sério ainda seremos
mais gananciosos! Ah, queres dizer
que temes que a guerra recomece?
É possível. Pois seja! Não fui eu
que ataquei. Eu queria ter prolongado
a trégua um pouco mais. Queria
ter encontrado para a minha Sittah
um homem nobre, que seria um irmão
de Ricardo. Que é, de facto, o irmão de Ricardo.

Sittah – Só sabes elogiar Ricardo!

Saladino – Se o nosso irmão Melek
tivesse obtido a mão da irmã de Ricardo:
aí sim, que família teríamos! A maior
e melhor, entre as melhores do mundo!
Bem vês que também a mim sei elogiar!

Sei que sou digno dos meus amigos.
É a pura verdade, aí tens!

Sittah – Não fiz logo troça desse teu belo sonho?
Não conheces os cristãos, não queres conhecê-los.
O seu orgulho é serem cristãos, e não pessoas.
Pois mesmo essa virtude herdada do fundador
da sua religião, que tempera a fé com humanidade,
não a prezam por si mesma, mas só porque
Cristo assim pregou, assim o fez...
A sorte deles é que ele era um homem bom!
E que acreditam que a sua palavra é de virtude!
Mas que virtude? Não é a sua virtude que
desejam, é o seu nome que desejam espalhar
pelo mundo fora. Que o seu nome destrua,
engula, os outros nomes de todos os homens
bons. Só querem saber do nome. Só do nome!

Saladino – Queres dizer
que não poderiam exigir de vós,
de ti, de Melek, que se tornassem cristãos
pelo amoroso e legítimo laço do casamento
sem primeiro se declararem cristãos?

Sittah – Isso mesmo! Como se apenas aos cristãos,
só aos cristãos, fosse concedida a capacidade de amar
que o Criador dispensou a homens e mulheres!

Saladino – Os cristãos também acreditam noutras
patetices. Essa é só mais uma. E estás enganada.
A culpa é dos templários, não é dos cristãos.
Dos templários, não por serem cristãos, mas
por serem templários. Só por culpa deles
não se pode fazer nada. Não querem deixar
Acra, que a irmã de Ricardo deveria trazer como dote
ao nosso irmão Melek, não há nada que os faça sair
de lá. Para não prejudicar o cavaleiro, fingem que são
monges, monges estúpidos. E esperando um golpe
bem-sucedido, não quiseram prolongar a trégua.
Pois continuem! Siga a luta, meus senhores!
Continuem! Por mim está bem. Se as coisas
fossem diferentes...

Sittah – Sim?
Que coisas te incomodaram?
Te fizeram mudar de ideias?

Saladino – O que sempre me incomoda.
Estive no Líbano, em casa do nosso pai.
Está muito preocupado.

Sittah – Que pena!

Saladino – Não aguenta mais.
Cada vez mais entalado,
dificuldades ora aqui, ora ali...

Sittah – Que dificuldades? O que lhe falta?

Saladino – O que havia de ser,
senão o que mal me atrevo a nomear?
Aquilo que, quando tenho, me parece supérfluo,
e quando me falta se torna tão indispensável. –
Onde pára o Al-Hafi? Ninguém o foi chamar?
O maldito, o desprezível dinheiro!
Ah, chegaste, Al-Hafi, ainda bem.

**Segunda Cena:**
*O Dervixe Al-Hafi. Saladino. Sittah.*

Al-Hafi – O dinheiro do Egipto
já deve ter chegado.
Esperemos que seja muito.

Saladino – Tens notícias?

Al-Hafi – Eu?
Eu não. Pensei que as receberia aqui.

Saladino – Paga a Sittah mil dinares.
(*Passeia absorto, de um lado para o outro.)*

Al-Hafi – Pagar, em vez de receber! Que bem!
Para ajudar é o mesmo que nada.

A Sittah? Pagar outra vez a Sittah? Aposta
perdida? De novo a jogar xadrez?
Ainda está ali o tabuleiro!

Sittah – Concordas que tive sorte?

Al-Hafi (*a olhar para o tabuleiro*)-
Concordo com quê? Bem sabeis o que penso.

Sittah (*acena a chamá-lo*) – Pst, Hafi, pst!

Al-Hafi (*ainda a olhar para o jogo*)-
Concordai vós mesma primeiro!

Sittah – Al-Hafi, pst!

Al-Hafi (*para Sittah*) – As peças brancas eram as vossas?
Foi xeque-mate?

Sittah – Ainda bem que ele não ouviu.

Al-Hafi – E agora é ele a jogar?

Sittah (*aproxima-se dele*) – Diz lá
que já posso receber o meu dinheiro.

Al-Hafi (*ainda a observar o jogo*) – Já vai.
Haveis de o receber, como acontece sempre.

Sittah – O quê? És maluco?

Al-Hafi – O jogo ainda não acabou.
Não haveis perdido, Saladino.

Saladino (*sem prestar atenção*) – Acabou sim, acabou! Paga-
[-lhe! Paga!

Al-Hafi – Paga! Paga!
Mas está a salvo a vossa rainha!

Saladino – Não interessa.
Já não faz parte do jogo.

Sittah – Então diz-lhe
que vá buscar o meu dinheiro.

Al-Hafi (*ainda concentrado no jogo*) – É como sempre.
Ainda assim, mesmo que a rainha não esteja em jogo
não perdeis por xeque-mate.

Saladino (*atira o tabuleiro para o chão*) – Perdi!
Quero perder!

Al-Hafi – Ah, muito bem! Joga-se para ganhar.
E a cada boa jogada, paga-se!

Saladino – O que está ele a dizer? O quê?

Sittah (*acenando a Hafi*) – Já sabes como ele é.
Sempre a rezingar. Gosta que a gente insista.
Sente inveja...

Saladino – De ti? Da minha irmã? Não acredito!
Hafi, que estou eu a ouvir? És invejoso?

Al-Hafi – Talvez, talvez. Gostava de ter a cabeça dela.
Gostava de ser tão bom como ela.

Sittah – Até agora
sempre me pagou como devia.
E hoje fará o mesmo. Deixa-o ir.
Vai Al-Hafi, podes ir. Vai!
Eu já mando buscar o dinheiro.

Al-Hafi – Não. Estou farto de fingimentos.
Tendes de lhe dizer a verdade.

Saladino – Qual? O quê?

Sittah – Al-Hafi!
É assim que respeitas a promessa?
A palavra que me deste?

Al-Hafi – Nunca julguei
que isto chegaria a este ponto!

Saladino – De que estão a falar?
O que me escondem?

Sittah – Peço-te por tudo, Al-Hafi.
Cala-te.

Saladino – É espantoso! O que pode Sittah
pedir com tanta seriedade, com tanto calor,
de um estranho, melhor ainda, de um Dervixe,
não me dizendo nada a mim, que sou o seu irmão.
Al-Hafi, agora é uma ordem! Fala, Dervixe!

Sittah – Meu irmão,
não deixes que uma insignificância
te perturbe mais do que vale a pena.
Sabes que eu muitas vezes te ganhei
ao xadrez as mesmas somas.
E como agora não preciso de dinheiro
E no tesouro de Hafi o dinheiro não abunda,
as somas ficam por pagar. Mas não te
preocupes! Não quero oferecer esse dinheiro
nem a ti, meu irmão, nem a Hafi, nem ao tesouro.

Al-Hafi – Ora! Como se fosse só isso!

Sittah – E mais coisas no género!
Deixei ficar no tesouro o que me tens dado.
Já lá vão algumas luas passadas.

Al-Hafi – Não é tudo.

Saladino – Não é tudo? Queres falar?

Al-Hafi – Desde que esperamos
que chegue o dinheiro do Egipto, é ela...

Sittah – Para quê dar-lhe atenção?

Al-Hafi – É ela que não só não recebe nada
como...

Saladino – Querida irmã!
E adiantou dinheiro, é isso?

Al-Hafi – Como tem sustentado a corte inteira,
pago do seu bolso todas as vossas despesas.

Saladino – Ah, é assim mesmo a minha irmã!
(*Abraça-a.*)

Sittah – Quem teria podido fazer-me assim
tão rica, a não ser tu, meu irmão?

Al-Hafi – Que também fará dela
uma pobre pedinte,
tão pobre quanto ele.

Saladino – Eu, pobre? Pobre, o seu irmão?
Quando é que tive mais? E quando tive menos?
Uma veste, uma espada, um cavalo, – e um único Deus!
Não preciso de mais nada! Nada me faltará!
E no entanto, Al-Hafi, devia ralhar contigo.

Sittah – Não ralhes, meu irmão.
Se ao menos eu pudesse aliviar deste modo
as preocupações do nosso pai!

Saladino – Ah! Tiras-me de novo
o entusiasmo! A mim, para mim,
nada faz falta e nada pode faltar.
Mas falta-lhe a ele. E com ele a nós
todos. Diz-me o que devo fazer?
Do Egipto talvez nada chegue tão depressa.
Só Deus sabe porquê. Pois lá não estão
em guerra. Retirar, cortar, poupar –
estaria disposto a tudo isso, facilmente.
Mas não me diz respeito só a mim.
Era preciso que ninguém mais sofresse.
E de resto: um cavalo, roupa e uma espada
preciso mesmo de ter. E ao meu Deus nada
vou regatear. Ele já de si
é tão pouco exigente. Basta-lhe
o meu coração. Mas estava a contar,
Hafi, com os excedentes do teu tesouro!

Al-Hafi – Excedentes? Ora dizei
o que me teríeis feito: empalar,
estrangular, no mínimo, se me apanhásseis
com algum excedente! Só por fraude!

Saladino – Então o que faremos?
Não podias pedir emprestado
a alguém, sem ser a Sittah?

Sittah – Meu irmão, eu nunca deixaria
que um tal direito me fosse retirado.
A mim? Por ele? Não quero prescindir
do privilégio. Ainda não estou
completamente desamparada.

Saladino – Ainda não!... Era o que faltava!
Vai já, Hafi! Resolve o problema!
Pede emprestado a quem conheças! E
de qualquer maneira! Vai, pede, promete!
Mas não peças àqueles a quem enriqueci!
Pedir a quem se deu dinheiro pode parecer
devolução. Procura os avarentos. Esses
gostarão de me emprestar dinheiro, pois
sabem que nas minhas mãos ele frutificará.

Al-Hafi – Não conheço nenhum desses.

Sittah – Ouvi dizer, Hafi,
que o teu amigo regressou de viagem.

Al-Hafi (*espantado*) – Amigo? Meu amigo?
Quem pode ser?

Sittah – O judeu que tanto elogias.

Al-Hafi – O judeu?
Que eu elogio?

Sittah – A quem Deus, repetindo as palavras
que usaste, a quem o seu Deus concedeu
tantos bens materiais, dos mais pequenos
aos maiores...

Al-Hafi – Eu disse isso?
E o que queria dizer?

Sittah – Os pequenos: a riqueza.
Os maiores: a sabedoria.

Al-Hafi – O quê? De um judeu?
Eu disse tal coisa de um judeu?

Sittah – Então não foi o que disseste
do teu Nathan?

Al-Hafi – Ah, sim! do Nathan!
Não me estava a lembrar. É verdade?
Já está de regresso? Ainda bem! Com ele

as coisas são diferentes. O povo chama-lhe
o Sábio! E também o Rico.

Sittah – O Rico é o que mais lhe chamam agora.
Toda a cidade está a comentar as preciosidades,
os tesouros, que ele trouxe.

Al-Hafi – Então é de novo o Rico.
E será igualmente Sábio.

Sittah – O que achas, se fosses ter com ele?

Al-Hafi – Ir ter com ele?
Pedir dinheiro emprestado? Só quem não
o conheça... é sábio porque precisamente
nunca empresta a ninguém.

Sittah – Não foi assim que mo descreveste.

Al-Hafi – Em caso de necessidade ajuda
com mercadorias. Mas com dinheiro?
Dinheiro nunca. É de facto um judeu
como há poucos. É inteligente. Sabe
viver. Joga bem xadrez. Não se distingue
dos outros judeus, talvez menos nos maus do que
nos bons momentos. Mas não conteis com ele.
Aos pobres gosta de dar. Faz como Saladino.
Talvez não dê tanto, mas é de boa vontade

e de forma discreta. Para ele, judeus, cristãos,
muçulmanos e persas – são todos o mesmo.

Sittah – E esse homem...

Saladino – Como é possível que eu
nunca tenha ouvido falar dele?

Sittah – E ele não emprestaria nada
a Saladino? A Saladino que pede
para os outos, não para si mesmo?

Al-Hafi – Aí tendes o ele ser judeu.
Um judeu de verdade! Acreditai no que digo!
Inveja as vossas dádivas! Cada "Graças a Deus"
que ouve dizer, queria ele para si mesmo!
Por isso não empresta dinheiro, para poder
ser ele a dar. A sua Lei pede bondade,
mas não gentileza. Por isso a sua bondade
faz dele o companheiro menos amável
do mundo. Na verdade há já um tempo
que não me dou com ele. Mas não penseis
que não lhe faço justiça. É um homem bom.
Mas não serve para isso. Não serve. Vou
então bater a outras portas... estou a lembrar-me
de um mouro, que é rico e avarento...
Já estou a ir, vou indo!

Sittah – Qual é a pressa, Hafi?

Saladino – Deixa-o! Deixa-o!

**Terceira Cena:**
*Sittah e Saladino.*

Sittah – Vai como se quisesse fugir de mim!
Qual é a ideia? Enganou-se de facto
sobre o homem ou quer enganar-nos a nós?

Saladino – É a mim que perguntas? Eu nem sei
de quem falavam. É a primeira vez que oiço falar
do vosso judeu, do vosso Nathan.

Sittah – Será possível? Que não conheças
um homem de quem se diz que procurou
os túmulos de Salomão e de David, e conhece
o segredo da poderosa palavra com que abre
os seus selos? Dizem que é deles que,
de tempos a tempos, resgata as infinitas
riquezas que traz à luz do dia, revelando
assim a sua origem.

Saladino – Se essas riquezas foram extraídas
de túmulos não são decerto nem de Salomão
nem de David. São tolos os que lá estão
enterrados!

Sittah – Ou criminosos! A fonte da sua riqueza
é muito mais generosa, mais fecunda, do que
uma repleta de demónios!

Saladino – Julgo que é mercador.

Sittah – As suas bestas de carga vão por todos
os caminhos, atravessam todos os desertos.
Os seus barcos atracam em todos os portos.
Foi Hafi quem me contou, outrora. E cheio
de entusiasmo acrescentou como era grande
e nobre este seu amigo, ao fazer uso dos bens
que não desdenhava de adquirir desse modo,
com tanto zelo e tanta inteligência. E gabava-se
ainda de ser um homem livre de preconceitos,
de coração aberto a todas as virtudes, em união
com tudo o que fosse belo.

Saladino – E no entanto agora
o Hafi referiu-se a ele de um modo
tão frio e inseguro.

Sittah – Frio, não acho. Embaraçado,
como se achasse perigoso falar bem dele
e no entanto não quisesse censurá-lo.
Será possível que mesmo o melhor
entre a sua gente não possa escapar
ao que é a sua gente? Que Hafi, de verdade,

quando está connosco se envergonhe dele?
Seja como for, que o judeu seja mais ou menos
judeu, é rico! Para nós é quanto basta!

Saladino – Mas irmã, não queres com certeza
despojá-lo à força dos seus bens?

Sittah – O que significa à força? Fogo e espada?
Não, não. O poder que se tem sobre os fracos
é a sua fraqueza. Vamos ao meu harém, ouvir
uma cantora que comprei ontem. Talvez me ocorra
uma boa proposta a fazer a Nathan.
Vamos!

**Quarta Cena:**
*Diante da casa de Nathan, perto das palmeiras.*
*Recha e Nathan saem de casa. Daja junta-se a eles.*

Recha – Haveis demorado muito, meu pai.
Já não o iremos encontrar.

Nathan – Pois não.
Se não for aqui junto das palmeiras,
há-de ser noutro lugar. Tem paciência.
Olha! É Daja que lá vem.

Recha – De certeza
que o perdeu de vista.

Nathan – Talvez não.

Recha – Se o tivesse visto
viria mais depressa.

Nathan – Ainda não deu por nós.

Recha – Agora já nos viu.

Nathan – E já se apressa! Tem calma!
Calma!

Recha – Quereis uma filha calma?
Indiferente àquele benemérito
que lhe salvou a vida? –
Uma vida que dizeis amar tanto,
pois é a vós que se deve em primeiro lugar?

Nathan – Não te quero diferente
do que és. Mesmo sabendo que
é algo mais que se agita no teu peito.

Recha – O quê, meu pai?

Nathan – Ainda perguntas? Com tanta timidez?
O que sentes na alma é fruto da natureza e

da inocência. Não te preocupes com isso, que
eu também não me preocupo. Mas promete-me:
quando o teu coração se sentir mais seguro,
não escondas nada de mim.

Recha – Só a ideia de vos esconder
seja o que for – já me mete medo.

Nathan – Não se fala mais nisso! Está decidido.
Chegou a Daja. Então?

Daja – Continua a passear entre as palmeiras.
E está quase a chegar ali ao muro. Vede!

Recha – Hesita. Não sabe para onde
se dirigir. Para mais longe? Para cá?
Para a direita? Para a esquerda?

Daja – Não, não, o caminho que costuma seguir
é o do mosteiro. E passa por aqui. Apostamos?

Recha – Tens razão! Tens razão! E já falaste com ele?
Como está hoje?

Daja – Como sempre.

Nathan – Façam com que ele não vos veja.
Afastem-se. O melhor é voltarem para casa.

Recha – Vê-lo só mais um pouco!
Ah, o arbusto que o tapa!

Daja – Vamos! Vamos, o vosso pai
tem razão. Corremos o risco,
se ele vos descobrir, que faça meia volta!

Recha – Ah, aquele arbusto!

Nathan – Se ele de repente vos descobrir
terá mesmo de ver-vos. Ide embora, ide!

Daja – Vinde! Vinde! Há uma janela
de onde poderemos espreitar.

Recha – Sim? (*Entram em casa.*)

**Quinta Cena:**
*Nathan e logo a seguir o Templário.*

Nathan – Tenho quase receio deste tipo.
A sua rude virtude faz-me hesitar. Que alguém
possa embaraçar outra pessoa! – Ah, lá vem ele!
Por Deus! Um jovem que já parece um homem.
Gosto do seu olhar bondoso e confiante.
Do seu passo firme! A casca pode ser amarga,

mas o miolo não é! Com quem se parece ele?
Perdoai, nobre Franco...

Templário – Como?

Nathan – Permiti...

Templário – Que me queres, judeu?

Nathan – Que me atreva
a dirigir-vos a palavra.

Templário – Não o posso evitar.
Mas sê breve.

Nathan – Tende paciência,
não vos apresseis com tanto orgulho,
com tanto desprezo por alguém
que a vós ficou ligado para sempre.

Templário – Como assim? Ah, não estava a ver.
Vós sois, não é verdade...

Nathan – O meu nome é Nathan. Sou o pai
daquela jovem que a vossa coragem
salvou do incêndio. E venho...

Templário – Agradecer. Não é preciso!
Já perdi muito tempo com essa insignificância.

E vós, em especial, não me deveis nada. Eu nem
sabia que a jovem era vossa filha! É obrigação
de um templário correr a salvar alguém
que tenha visto em perigo. Ainda por cima,
naquela altura, pouco me importava a minha vida.
Foi com prazer, com muito prazer, que aproveitei
a oportunidade de a trocar por uma outra vida.
Por qualquer outra, ainda que fosse a vida de
uma judia.

Nathan – Belo!
Belo e execrável! Dá que pensar
essa justificação. A nobreza modesta
esconde-se por trás do execrável, para repudiar
o elogio. Mas repudiando assim o elogio,
como poderemos reduzi-lo ao mínimo?
Senhor, se não fôsseis aqui um estranho,
e em cativeiro, eu não faria esta pergunta
de modo tão directo: dizei, mandai
como posso servir-vos?

Templário – Vós? Com coisa nenhuma.

Nathan – Sou um homem rico.

Templário – Para mim o judeu rico
nunca foi o melhor judeu.

Nathan – Mesmo assim, não quereis aproveitar
o que ele tenha de melhor?
Não quereis aproveitar a sua riqueza?

Templário – Não a recusarei por completo.
Devo-o ao manto que uso. Quando estiver
completamente estragado, feito em farrapos
que nenhuma agulha consiga remendar, então
irei ter convosco a pedir-vos ou tecido ou dinheiro
para comprar um novo. Não me olheis desse modo!
Ainda falta muito. Vede: ainda está para durar.
Só aqui tenho uma nódoa suja, é das chamas
de que salvei a vossa filha.

Nathan (*que pega no tecido e fica a observá-lo*) –
É fantástico que seja uma nódoa, um tecido queimado
a dar melhor testemunho do que a vossa boca. Desejaria
beijá-la, a essa nódoa! Ah, perdoai! Foi sem querer!

Templário – O quê?

Nathan – Molhei-a com uma lágrima.

Templário – Não faz mal.
Já outras o molharam. (Este judeu começa a atrapalhar-me).

Nathan – Poderíeis ter a bondade
de enviar este manto à minha filha?

Templário – Para fazer o quê?

Nathan – Para ela poder beijar essa nódoa.
Pois abraçar-se aos vossos joelhos
é algo de impossível.

Templário – Mas, judeu, –
O teu nome é Nathan? – Mas Nathan,
Falais muito bem, com subtileza,
Comovente... mas de verdade, eu tinha de...

Nathan – Podeis disfarçar à vontade,
que eu vos adivinho à mesma. Sois demasiado
bom, demasiado correcto, para poder ser mais polido.
A jovem é toda sentimento. A mulher que a serve
demasiado pressurosa. O pai ausente. – E vós
querendo cuidar do seu bom nome. Fugir da provação
foi a escolha. Fugir para não vencer. Também por isso
vos agradeço.

Templário – Devo reconhecer
que sabeis como devem pensar os templários.

Nathan – Só os templários? *Somente* eles?
E só porque as Regras da Ordem assim exigem?
Eu sei como pensam as pessoas de bem. Sei
que em todas as terras há pessoas de bem.

Templário – Mas com algumas diferenças, não é?

Nathan – Claro. De cor, de roupa, de tamanho.

Templário – E aqui e ali umas mais, outras menos.

Nathan – Essas diferenças não têm grande peso.
O homem grande necessita de espaço, e quando
há vários, plantados de muito perto, acabam
a partir os ramos uns dos outros. Em contrapartida,
gente mediana, como nós, pode ser encontrada
em todo o lado. Mas não podemos é ofender-nos
uns aos outros. Temos de deixar que o botão floresça.
Um pico de colina não pode gabar-se de ser o único
que não nasceu da terra.

Templário – Muito bem dito! Mas sabeis qual foi o povo
que pela primeira vez desdenhou dos outros?
Sabeis, Nathan, qual foi o povo que pela primeira vez
se designou como povo eleito? E então? Mas e se
mesmo sem odiar esse povo, não consiga impedir-me
de o desprezar por causa do seu orgulho? Do seu orgulho.
Que ele deixou em herança a cristãos e muçulmanos, com
a ideia que só o seu Deus é o deus verdadeiro? Admirai-vos
que eu, um cristão, um templário, fale assim?
Quando e como surgiu a piedosa loucura
de ter o melhor Deus, de o impor ao mundo
como o melhor de todos, que aqui se revela

na sua forma mais negra, aqui e agora?
Se aqui e agora não nos caírem as escamas dos olhos...
Pois que permaneçam cegos os que assim o desejem!
Esquecei o que vos disse e deixai-me ir embora.
(*Faz tenção de ir.*)

Nathan – Ah! Não sabeis como agora
me forçais a insistir ainda mais! Vinde,
temos mesmo de ser amigos!
Podeis desprezar o meu povo à vontade.
Não fomos nós que escolhemos
os nossos povos. Somos o nosso povo?
O que significa povo? Cristãos e judeus
serão mais como cristãos e judeus
do que são como homens? Ah, se eu
tivesse encontrado em vós alguém
para quem ser homem é quanto basta!

Templário – Ah, por Deus, Nathan,
é isso mesmo! Dai-me a vossa mão!
Lamento não vos ter reconhecido
logo de início.

Nathan – E eu sinto-me orgulhoso.
Só raramente se ignora o que é vulgar.

Templário – E o ser de excepção
raramente se esquece. Sim, Nathan,
temos de ser amigos.

Nathan – Já o somos. Recha
vai ficar tão contente!
E que perspectivas felizes
se abrem diante de mim!
Mas primeiro ides conhecê-la.

Templário – Estou a morrer de desejo.
Quem está a sair de vossa casa? Não é Daja?

Nathan – É mesmo. Tão ansiosa?

Templário – Não aconteceu nada
à nossa Recha?

**Sexta Cena:**
*Os anteriores e Daja, apressada.*

Daja – Nathan! Nathan!

Nathan – O que foi?

Daja – Perdoai, nobre cavaleiro,
que vos interrompa.

Nathan – O que é ?

Templário – O que é?

Daja – É o Sultão. Mandou chamar.
O Sultão quer falar convosco. Meu Deus, o Sultão!

Nathan – A mim? O Sultão?
Está curioso de ver as novidades
que eu trouxe de viagem. Dizei
que ainda não desfiz as bagagens.

Daja – Não, não. Não se trata de ver.
Quer falar convosco. Em pessoa e
depressa. Assim que puderdes.

Nathan – Irei. Vai lá dizer, vai!

Daja – Não me leveis a mal, Senhor Cavaleiro.
Mas ficámos tão preocupadas com o que
o Sultão pode querer.

Nathan – Já o saberemos. Vai lá, vai!

**Sétima Cena:**
*Nathan e o Templário.*

Templário – Então ainda não o conheceis?
Digo, pessoalmente.

Nathan – Saladino? Ainda não.
Não o tenho evitado, nem procurado.

O povo diz tanto bem dele, que preferi
acreditar sem ver. Mas na verdade –
ao poupar-vos a vida...

Templário – Sim. Assim foi.
A vida que vivo é uma oferta dele.

Nathan – E que para mim
se tornou em dupla, tripla, oferta.
Isso mudou tudo na nossa relação.
Como se me tivesse lançado ao corpo
uma corda que me ata ao seu serviço
para sempre. Mal posso esperar agora
pelas ordens que me dê. Estou pronto
a obedecer em tudo. Pronto a dizer que
é assim por vossa causa.

Templário – Eu ainda não pude agradecer-lhe,
por muito que me tenha atravessado no seu caminho.
A impressão que lhe causei foi tão fugaz quanto
a rapidez com que ele desapareceu. Quem sabe
se ainda se lembra de mim. E no entanto terá
de se lembrar, ao menos uma vez, daquela em que
mudou para sempre o meu destino. Não basta que
eu esteja vivo porque *ele* assim o mandou, mas tenha
de aguardar às ordens de *quem* devo ficar agora?

Nathan – É isso mesmo. Por isso me apressarei.
Quem sabe se uma palavra que eu diga
chamará a atenção para o vosso caso. Permiti,
perdoai, tenho de ir, e quando voltareis aqui a casa?

Templário – Assim que possa.

Nathan – Quando quiserdes.

Templário – Ainda hoje.

Nathan – Qual é o vosso nome, por favor?

Templário – O meu nome era, é, Curd von Stauffen.– Curd!

Nathan – von Stauffen? – Stauffen? – Stauffen?

Templário – Por que estranhais tanto?

Nathan – von Stauffen? Dessa família há vários...

Templário – Sim. Houve aqui, estão aqui enterrados,
vários membros da família. Um tio meu, quer dizer
o meu pai, mas o que há, que estais a olhar para mim
com tanta curiosidade?

Nathan – Nada! Nada! É que não me canso
de vos ver!

Templário – Então vou eu embora primeiro.
O olhar que investiga encontra por vezes
mais do que seria desejável. Receio o
vosso olhar, Nathan. Deixai que seja o tempo,
e não a curiosidade, a fazer com que nos
conheçamos melhor. (*Vai embora.*)

Nathan (*fica a olhá-lo, espantado*)–
"O que investiga encontra por vezes
mais do que desejava." É como se ele
me tivesse lido a alma! De verdade!
Podia acontecer comigo. Não é só
o porte de Wolf, o seu andar, é também
a sua voz! E é também a maneira de erguer
a cabeça, de pegar na espada, de passar a mão
nas sobrancelhas, como a esconder o fogo
do olhar. – Como é possível que imagens
tão intensas fiquem adormecidas tanto tempo
até que uma palavra, um som, as despertem
de novo! von Stauffen! – É isso! É isso! Filnek
e Stauffen. – Em breve irei ter a certeza.
Em breve. Agora vou ter com Saladino.
É Daja que está ali a espreitar? Anda cá, Daja.

**Oitava Cena:**
*Daja e Nathan.*

Nathan – O que há? Estão ansiosas
por saber o que se passa, o que é
que Saladino me quer.

Daja – Não podeis levar a mal.
Tínheis começado a falar com ele
tão à vontade, quando o mensageiro
de Saladino nos fez fugir da janela.

Nathan – Diz então a Recha
que ele virá a qualquer momento.

Daja – De certeza? De certeza?

Nathan – Posso
confiar em ti, Daja? Está
atenta. Peço-te. Não te arrependerás.
Verás a tua consciência satisfeita.
Mas não me estragues os meus planos.
Fala e pergunta com modéstia, com
discrição...

Daja – Como se fosse preciso lembrar-me!
Tenho de ir embora. Ide também. Olhai,
parece-me que ali vem outro mensageiro
do Sultão. É Al-Hafi, o vosso Dervixe. (*Sai*)

**Nona Cena:**
*Nathan. Al-Hafi.*

Al-Hafi – Ah! Era mesmo convosco que eu
queria falar!

Nathan – É assim tão urgente? O que pretende ele de mim?

Al-Hafi – Quem?

Nathan – Saladino. Estou a ir, estou a ir.

Al-Hafi – Ter com Saladino?

Nathan – Não foi Saladino quem te enviou?

Al-Hafi – A mim? Não. Já mandou alguém?

Nathan – Pois já.

Al-Hafi – Então é verdade.

Nathan – É verdade o quê?

Al-Hafi – Que a culpa não é minha.
Deus sabe que não tenho culpa. Fartei-me
de mentir, ao falar de vós, para que ele
desistisse da ideia!

Nathan – Desistir de quê? E qual verdade?

Al-Hafi – Que passareis a ser o seu banqueiro.
Lamento muito. Não quero ter nada a ver com isso.
Vou já embora. Vou, já sabeis para onde, e sabeis
o caminho. Se for preciso mais alguma coisa, dizei,
estou às vossas ordens. Espero que não seja muito
mais do que os farrapos com que se cobre a nudez.
Vou indo, dizei logo...

Nathan – Calma. Al-Hafi, calma.
Eu ainda não sei de nada.
De que estás para aí a falar?

Al-Hafi – Já levais convosco
os sacos?

Nathan – Sacos?

Al-Hafi – O dinheiro
que ireis emprestar a Saladino.

Nathan – É só disso que se trata?

Al-Hafi – Receio que ireis vê-lo, dia após dia,
despojar-vos até à ponta dos cabelos. A prodigalidade
a abusar dos celeiros sempre cheios, abusar, abusar,
até que nem os ratos possam sobreviver? Julgais
que aquele que agora precisa do vosso dinheiro aceitará
os vossos conselhos? Ora! – Ele seguir algum conselho!

Saladino nunca aceitou conselhos de ninguém! Nathan,
vede só o que me aconteceu com ele, agora mesmo.

Nathan – O que foi?

Al-Hafi – Vou ter com ele,
que acabou de jogar xadrez com a irmã.
Sittah não joga mal. E o jogo, que Saladino
pensava ter perdido, já desistindo, ainda não
tinha acabado. Olho para as peças e vejo
que ainda nada está perdido.

Nathan – Uma bela descoberta!

Al-Hafi – Bastava a Saladino avançar o rei
até ao peão, depois de ela ter feito xeque.
Ah, se eu pudesse mostrar-vos o jogo!

Nathan – Confio no que dizes.

Al-Hafi – A torre poderia avançar, e Sittah
ficava fora de combate. Quero mostrar isso
ao Sultão e chamo-o para que veja, e olhai só...

Nathan – Ele discordou de ti?

Al-Hafi – Não me ligou nenhuma,
e cheio de desprezo atirou com o tabuleiro
para o chão!

Nathan – A sério?

Al-Hafi – E disse: queria ser derrotado com xeque-mate! Queria! Então é assim que se joga?

Nathan – Claro que não. É brincar com o jogo.

Al-Hafi – E a aposta não era uma bagatela!

Nathan – O dinheiro vai e vem!
Isso é o que menos importa. Mas
o não te dar ouvidos! Numa questão
de tal importância! Não respeitar
o teu olhar certeiro! Clama vingança,
não é?

Al-Hafi – Só estou a dizer isto
para mostrar que espécie de pessoa ele é!
Quanto a mim, eu já não aguento mais.
Ando a bater à porta de tudo quanto é
mouro sujo, a perguntar se alguém
lhe empresta dinheiro. Eu, que nunca andei
a pedir nada para mim, vou pedir para outros.
Pedir emprestado não é melhor que ser pedinte.
Como emprestar, emprestar com juros, não é
melhor do que roubar. Entre os meus persas,
no Ganges, não preciso nem de uma coisa nem

de outra. Não preciso de ser o instrumento deles.
No Ganges, e só no Ganges, vivem homens.
Vós sois aqui o único que poderia viver no Ganges.
Quereis vir comigo? Deixai-o ficar com o que
pretende, pois de toda a maneira ficareis sem nada.
Acabava-se de vez com os abusos. Posso arranjar
uma túnica. Vinde! Vinde comigo!

Nathan – Acho que será sempre um último recurso!
Al-Hafi, vou pensar melhor. Espera...

Al-Hafi – Pensar melhor?
Não, num caso destes, impossível...

Nathan – Até que eu volte
do encontro com o Sultão. Até que
me despeça...

Al-Hafi – Quem fica a reflectir
apenas quer razões para não fazer nada.
Quem não se decide, contra tudo e todos,
a viver para si, – viverá como escravo
para sempre. Pois seja! Adeus! Ficai bem.
O meu caminho é mais além, o vosso vai por ali.

Nathan – Al-Hafi! Não vais primeiro receber
o que te é devido?

Al-Hafi – Nem a brincar! As minhas finanças
não valem um tostão! E o que sobra ficará
por vossa conta ou de Sittah. Adeus! (*Sai por um lado)*

Nathan (*segue-o com o olhar)* –
Está garantido! Rude, bom, nobre –
como poderei defini-lo? O verdadeiro mendigo
é o único e verdadeiro rei!
(*Retira-se pelo lado oposto.)*

## TERCEIRO ACTO

**Primeira Cena:**
*Na casa de Nathan.*
*Recha e Daja.*

Recha – Daja, o que foi que o meu pai disse?
"que eu o esperasse a qualquer momento?"
Parecia – não é verdade – que ele estava aí
a chegar. Mas já se passaram tantos momentos!
Ah, mas não pensemos nos que já passaram.
Quero viver apenas para os que faltam.
Hão-de chegar e trazê-lo consigo.

Daja – Maldito mensageiro do Sultão.
Sem ele, Nathan já o tinha trazido
aqui a casa.

Recha – E chegado o momento,
ao ver realizado o meu maior, mais
íntimo desejo – o que faria depois?
O que faria?

Daja – Depois?
Depois espero eu ver realizado finalmente
o meu maior desejo.

Recha – E no meu peito, que desejo
tomará o lugar desse a que me habituei
e já reina sobre todos os outros? Nenhum?
Ah, tenho medo...

Daja – O meu desejo. O meu tomará
o lugar do outro realizado. O meu desejo.
O desejo de te saber na Europa, em mãos
que sejam dignas de ti.

Recha – Estás enganada. Porque esse desejo
teu faz com que o meu não possa nunca realizar-se.
Tu tens saudades da tua pátria. E eu, poderia
esquecer a minha? Uma imagem dos teus,
ainda não apagada da tua alma, valeria mais
do que a dos meus, que posso ver, ouvir, tocar?

Daja – Pensa o que quiseres!
Caminhos do céu são caminhos do céu.
E se fosse por meio do teu salvador
que o seu Deus, por quem ele luta, quisesse
fazer com que regressasses ao país
onde nasceste, e ao povo a que pertences?

Recha – Daja!
Lá estás tu outra vez, querida Daja!
Tens cada ideia mais estranha!
"O seu Deus, o seu Deus, por quem ele luta!"
A quem pertence Deus? Que espécie de Deus
é esse que pertence a um homem? Que precisa
que se lute por ele? E como se pode saber
*para* que terra se nasceu, a que se pertence,
se não for aquela que nos viu nascer? Se o meu pai
te ouvisse! Que mal te fez, para que imagines
que só posso ser feliz longe dele? Que mal faz
que ele goste de misturar as sementes da Razão,
(que na minha alma espalhou com tanta claridade)
com as ervas ou as flores do teu país? Querida,
querida Daja, ele só não quer as tuas coloridas flores
no meu terreno! E devo dizer-te que eu própria sinto
o meu terreno bem enfraquecido, bem esgotado,
por muito que o enfeitem, devido à tua flor. Sinto
que o seu perfume, um perfume agridoce,
me dá volta à cabeça, me entontece! O teu cérebro
está mais habituado a ele. Não censuro os seus nervos
mais fortes, que o suportam. Mas a mim não me serve.
E o teu Anjo, pouco faltou para que fizesse de mim
uma tola! Ainda sinto vergonha diante do meu pai
por aquela farsa!

Daja – Farsa! Como se aqui
se tratasse de Razão! Farsa! Farsa!
Ah, se eu pudesse falar!

Recha – E não podes?
Fui sempre ouvidos, quando me querias falar
dos teus santos heróis. Admirei sempre os seus
feitos. E sempre chorei pelos seus sofrimentos.
A sua fé não me parecia o mais importante,
é certo. Mas sim o confiar na doutrina, segundo
a qual a entrega a Deus não depende da ideia
que se possa ter dele. Querida Daja, é o que
o meu pai sempre nos tem dito. E tu tens
concordado com ele. Por que queres enterrar
a sós o que junto com ele tens estado a erguer?
Querida Daja, não é conversa com que devamos
aguardar o nosso amigo. Comigo, sim. Porque
tenho aquela sensação de que também ele...
Não é ele, à nossa porta? Consegues ouvir?
Ah, se fosse ele! Presta atenção!

**Segunda Cena:**
*Recha, Daja e o Templário, a quem lá fora alguém abriu a porta com as palavras:*
-- É por aqui, entrai!

Recha (*acompanha-o, e quer ajoelhar-se a seus pés*)–
É ele! É o meu salvador!

Templário – Para evitar isto demorei tanto tempo.
E mesmo assim...

Recha – Quero,
aos pés deste homem corajoso, agradecer
mais uma vez a Deus. Não ao homem.
O homem não quer agradecimentos.
É como o balde de água com que depressa
foi apagar o incêndio. O balde deixou que
o enchessem, o esvaziassem, com indiferença.
E o homem reagiu igual. Foi com indiferença
que se lançou às chamas. E eu lhe caí nos braços.
Fiquei nos seus braços como se fosse uma faúlha
no seu manto. Até que alguma coisa nos salvou
das chamas. O que há para agradecer? Na Europa
é o vinho que impele a feitos tão notáveis. Mas
para os templários não é nada de mais. É um dever,
como cães superiormente amestrados, salvar
tanto do fogo como da água.

Templário (*que ficou parado, com espanto e inquietação*) –
Oh Daja! Daja! Quando eu naqueles momentos de dor
e de mau génio me zanguei contigo, bem podias não lhe ter
repetido o que me saiu da boca para fora! Foi uma vingança
mesquinha, Daja! Mas, de agora em diante, peço que
fales de mim de outro modo.

Daja – Penso, Senhor, isto é, não penso
que essas pequenas picadas contra o coração dela
a tenham afectado.

Recha – Estáveis com algum desgosto?
E pensando mais nesse desgosto do que
na própria vida?

Templário – Boa e nobre menina!
A minha alma divide-se entre o olhar e
o ouvido! Esta não foi a jovem, não foi
não, que eu salvei do fogo. Pois como seria
possível, ao conhecê-la, não a salvar? Ninguém
teria esperado por mim. Talvez – só por medo...
(*Cala-se como que perdido na contemplação de Recha.*)

Recha – Eu, pelo contrário, acho que sois
o mesmo.
(*O mesmo silêncio, até que se decide a interromper a sua contemplação.*)
Recha – Mas dizei, Cavaleiro,
onde estivestes tanto tempo? Quase podia
perguntar: onde estais agora?

Templário – Estou –
onde talvez não devesse estar.

Recha – Onde estivestes?
Onde talvez não devêsseis estar?
Não é bom.

Templário – No... no... – como se chama o monte?
No Sinai.

Recha – No Sinai? Ah, bem!
Então poderei ficar a saber se é verdade...

Templário – O quê? O quê? Se é verdade
que se trata do mesmo lugar onde Moisés
se viu diante do Senhor...

Recha – Nada disso. Pois estivesse onde estivesse,
estava diante de Deus. Disso já sei quanto basta.
Quero é saber se é verdade, dito por vós, que não é
mais difícil subir ao alto do monte, do que descer?
Porque para mim, em todos os montes que subi,
foi ao contrário. Então, o que dizeis? Estais
a desviar-vos? Não me quereis ver?

Templário – Prefiro ouvir.

Recha – Não me quereis deixar ver que a minha
ingenuidade vos faz sorrir. Sorris por eu não ter
perguntado nada de mais importante sobre o monte
que é o mais sagrado dos montes. Não é assim?

Daja – Penso, Senhor, isto é, não penso
que essas pequenas picadas contra o coração dela
a tenham afectado.

Recha – Estáveis com algum desgosto?
E pensando mais nesse desgosto do que
na própria vida?

Templário – Boa e nobre menina!
A minha alma divide-se entre o olhar e
o ouvido! Esta não foi a jovem, não foi
não, que eu salvei do fogo. Pois como seria
possível, ao conhecê-la, não a salvar? Ninguém
teria esperado por mim. Talvez – só por medo...
(*Cala-se como que perdido na contemplação de Recha.*)

Recha – Eu, pelo contrário, acho que sois
o mesmo.
(*O mesmo silêncio, até que se decide a interromper a sua contemplação.*)
Recha – Mas dizei, Cavaleiro,
onde estivestes tanto tempo? Quase podia
perguntar: onde estais agora?

Templário – Estou –
onde talvez não devesse estar.

Recha – Onde estivestes?
Onde talvez não devêsseis estar?
Não é bom.

Templário – No... no... – como se chama o monte?
No Sinai.

Recha – No Sinai? Ah, bem!
Então poderei ficar a saber se é verdade...

Templário – O quê? O quê? Se é verdade
que se trata do mesmo lugar onde Moisés
se viu diante do Senhor...

Recha – Nada disso. Pois estivesse onde estivesse,
estava diante de Deus. Disso já sei quanto basta.
Quero é saber se é verdade, dito por vós, que não é
mais difícil subir ao alto do monte, do que descer?
Porque para mim, em todos os montes que subi,
foi ao contrário. Então, o que dizeis? Estais
a desviar-vos? Não me quereis ver?

Templário – Prefiro ouvir.

Recha – Não me quereis deixar ver que a minha
ingenuidade vos faz sorrir. Sorris por eu não ter
perguntado nada de mais importante sobre o monte
que é o mais sagrado dos montes. Não é assim?

Templário – Tenho outra vez
de vos olhar de frente. O quê, baixais os olhos?
E agora disfarçais o sorriso? Só quero ler nessa
expressão de dúvida do rosto aquilo que estou a ouvir,
o que afirmais – calais – tão decididamente! Ah Recha,
Recha! Como ele falou verdade, ao dizer
"Primeiro tendes de conhecê-la!"

Recha – Quem vos disse isso? E de quem?

Templário – "Primeiro
tendes de conhecê-la",
disse-me o vosso pai, a falar de vós.

Daja – E eu?
Não vos disse eu o mesmo?

Templário – Mas onde está ele?
Onde está o vosso pai?
Ainda com o Sultão?

Recha – Sem dúvida.

Templário – Ainda? Tanto tempo?
Ah, já me esquecia! Não, já não pode
estar lá. Deve estar à minha espera
junto ao mosteiro. De certeza. Foi assim
que combinámos. Permiti! Vou buscá-lo...

Daja – Isso faço eu.
Ficai, Cavaleiro, ficai. Eu volto já
com ele.

Templário – Não, de maneira nenhuma!
É de mim que ele está à espera. Mais ninguém.
Por outro lado... é bem possível... que esteja
com o Sultão... quem sabe? Não conheceis o Sultão!
Pode ser-lhe difícil... Acreditai, pode haver perigo
se eu não for ter com ele.

Recha – Que perigo? Mas que perigo?

Templário – Perigo para mim, para vós,
para ele. Se eu não for depressa. Tenho de ir.
(*Sai.*)

**Terceira Cena:**
*Recha e Daja.*

Recha – O que foi isto, Daja?
Tanta pressa? Que aconteceu? O que lhe deu?
O que o persegue?

Daja – Deixai, deixai.
Não me parece que seja um mau sinal.

Recha – Sinal? De quê?

Daja – Que alguma coisa o perturba. Ferve,
mas não deve deitar por fora. Deixai-o.
Agora é de vós que se trata.

Recha – De mim? Não vos percebo,
nem a ti nem a ele.

Daja – Em breve
vereis o que era a vossa inquietação
passar a ser a dele. Mas não sejais
demasiado severa, nem vingativa.

Recha – Só tu podes saber
do que estás a falar.

Daja – E vós, outra vez
tão tranquila?

Recha – Sim, tranquila, sim...

Daja – Confessai ao menos
que a perturbação dele vos alegra.
E que a isso deveis a vossa actual
tranquilidade.

Recha – Não dei por nada!
O mais que posso dizer é que me espanta

como a seguir a tão grande tempestade
na minha alma, eu possa sentir agora
tão grande calmaria. Vê-lo aqui,
falar com ele, naquele tom, fez-me...

Daja – Ficar logo satisfeita?

Recha – Satisfeita não digo. Não,
nada disso.

Daja – Foi só matar a fome.

Recha – Se assim o queres.

Daja – Não sou eu que quero.

Recha – Ele ser-me-á querido para sempre.
Mais querido do que a minha própria vida.
Ainda que o meu pulso não deixe de bater
ao ouvir o seu nome. Ou o meu coração,
sempre que pense nele, já não bata mais rápido
e com mais força ainda. Tagarelices...
Vem, Daja, voltemos à janela, para ver
as palmeiras.

Daja – Então ainda não está
apaziguada, a grande fome.

Recha – Agora só quero voltar a ver
as palmeiras. Não a ele, junto às palmeiras.

Daja – Essa frieza
indica um novo surto de febre!

Recha – Que frieza? Não sou fria.
Vejo com igual prazer o que me tranquiliza.

**Quarta Cena:**
*Sala de audiências no palácio de Saladino.*
*Saladino e Sittah.*

Saladino (*entrando, junto aos portões*) –
Tragam aqui o judeu, assim que ele chegue.
Parece não estar com pressa.

Sittah – Não estava em casa, não o viram logo.

Saladino – Irmã! Irmã!

Sittah – Estás a agir
como se isto fosse uma batalha.

Saladino – E com armas
que eu não sei usar. Dissimular,

depois insinuar-me; preparar uma armadilha,
deslizar sobre gelo. Nunca aprendi a agir
deste modo tão rasteiro. E tanta coisa para quê?
Para quê? Para arranjar dinheiro! Dinheiro! Extorquir
dinheiro a um judeu! Dinheiro! Descer até
estas artimanhas tão mesquinhas, para chegar
a uma bagatela de nada?

Sittah – O nada de uma bagatela,
se for desprezado, pode vingar-se, irmão.

Saladino – Assim é, infelizmente.
E se este judeu for de facto o bom homem
o homem sábio que o Dervixe antes
te tinha descrito?

Sittah – Então,
então não fará mal nenhum! A armadilha
era só para um judeu avaro, desconfiado,
temeroso. Não para o homem bom, o homem sábio.
Este já será nosso, sem que o enganemos. O prazer
de ouvir como se defende um tal homem, com que
energia se libertará dos fios que o enredem, ou com
que subtil cautela saberá romper a teia.
Será um grande prazer.

Saladino – É verdade.
Será um grande prazer.

Sittah – Como vês,
não há nenhum embaraço. É só mais um
homem entre tantos. Um judeu, como qualquer
judeu. Não tens de te envergonhar por ser
igual a qualquer outro homem. Mais, querer parecer
melhor é fazer má figura, mostrar que se é um tolo.

Saladino – Tenho então de parecer menos
do que sou, parecendo mal, para que não pensem mal
de mim aqueles que são piores?

Sittah – Exactamente! Se defines que é proceder mal
agir de acordo com o que se pensa.

Saladino – Só na cabeça das mulheres
é que podem surgir tais fantasias!

Sittah – Fantasia?

Saladino – Receio que tão finas subtilezas
se quebrem nas minhas mãos desajeitadas! –
Esses planos têm de ser executados
tal como foram concebidos: Com manha
e muita habilidade. Mas pode ser, pode ser!
Farei o melhor possível, ou seja, pior
do que melhor.

Sittah – Tem confiança em ti mesmo!
Responsabilizo-me por ti! Os homens
como tu julgam que só pela espada,
só pela espada chegaram onde chegaram.
O leão tem vergonha de ser visto a caçar
com a raposa. Vergonha da raposa,
não da sua esperteza.

Saladino – O prazer que as mulheres sentem
em rebaixar os homens! Vai, vai lá!
Acho que aprendi a lição!

Sittah – Tenho de ir?

Saladino – Querias ficar?

Sittah – Não podendo ficar... ficar convosco...
ao menos aqui na sala ao lado.

Saladino – A escutar?
Não, também não. Para eu estar à vontade.
Vai embora, vai! A cortina mexeu. É ele.
Sai, depressa! Já o atendo.

*(Enquanto ela sai por uma porta, chega Nathan por outra. Saladino sentou-se.)*

**Quinta Cena:**
*Saladino e Nathan.*

Saladino – Aproxima-te, judeu! Mais perto! Vem cá!
Não tenhas medo!

Nathan – Que o medo seja teu inimigo!

Saladino – Chamas-te Nathan?

Nathan – Sim.

Saladino – Nathan o Sábio?

Nathan – Não.

Saladino – Muito bem. Não és tu que te chamas a ti mesmo,
é o povo.

Nathan – O povo, pode ser!

Saladino – Certamente não julgas
que eu despreze a voz do povo? Há muito
que desejava conhecer aquele a quem chamam
o Sábio.

Nathan – E se lhe chamassem assim por troça?
Se para o povo o ser sábio não fosse mais do que

ser inteligente? E ser inteligente fosse apenas
saber tratar bem dos seus interesses?

Saladino – Queres dizer, dos seus verdadeiros interesses?

Nathan – E nesse caso o mais egoísta
seria o mais inteligente. E então inteligência
e sabedoria seriam a mesma coisa.

Saladino – Oiço-te afirmar
o que queres negar. Os verdadeiros interesses,
que o povo não conhece, sabes tu quais são.
Ou pelo menos procuraste saber. Pensaste neles.
Isso, só por si, já faz um sábio.

Nathan – Que cada qual julga ser.

Saladino – Chega de modéstia!
Porque enjoa estar sempre a ouvi-la
quando o que se espera é a Razão pura!
(*Levanta-se de repente.*)
Vamos directos ao assunto! Mas sê sincero,
judeu! Sê sincero!

Nathan – Sultão, podes estar certo: quero servir-te
de tal modo que me consideres digno da tua mais fiel
clientela.

Saladino – Servir-me? Como?

Nathan – Terás sempre a melhor escolha
de tudo o que eu traga.
E ao preço mais barato.

Saladino – De que falas? Não é das tuas mercadorias,
suponho? A minha irmã é que quer negociar contigo.
(Esta é para ela, que está à escuta!)
Eu não quero nada com o vendedor.

Nathan – Então certamente o que desejas
é saber o que eu ouvi, ou tenha visto, dos inimigos
durante a minha viagem. Estão de novo a preparar-se,
e se posso falar...

Saladino – Também não é por isso
que desejo falar-te. Estou bastante informado.
Em resumo...

Nathan – Ordena, Sultão.

Saladino – Procuro os teus conselhos
para coisa bem diferente. Completamente
diferente. Como és um sábio, diz-me,
de uma vez por todas, qual a fé, qual a lei,
que mais te iluminou?

Nathan – Sultão, eu sou um judeu.

Saladino – E eu um muçulmano.
O cristão está entre nós. Destas três
religiões só uma pode ser verdadeira.
Um homem como tu não permanece
ligado àquilo que o acaso lhe concedeu
ao nascer. E se por acaso é isso que
acontece é por consciência, por convicção,
por escolha do que é melhor. Pois bem!
Partilha comigo as tuas ideias. Deixa-me ouvir
as razões, que eu, por falta de tempo
não pude aprofundar. Explica-me – em confidência –
a escolha a que te levaram tais razões, para que
eu a faça minha. O quê? Hesitas? Olhas-me
com desconfiança? É bem possível que eu seja
o primeiro sultão a ter um capricho destes. Mas
não me parece que seja indigno de um sultão.
Não concordas? Diz lá! Fala! Ou queres um momento
para pensar melhor? Está bem, concedo-te um momento.
(Será que ela me ouve? Vou ter com ela. Vou ver o que ela
[acha.)
Fica então a reflectir! Pensa bem! Eu não demoro nada.

(*Sai para a sala ao lado, onde se encontra Sittah.*)

**Sexta Cena:**
*Nathan, sozinho.*

Nathan – Hum! Hum! Espantoso!
Em que situação fico? O que pretende o sultão?
Eu pensei que era dinheiro. E ele quer a Verdade.
A Verdade! E de um modo tão simples, tão directo,
como se a Verdade fosse uma moeda! Ainda se fosse
uma moeda antiga, das que se avaliavam ao peso!
Isso podia ser! Mas destas moedas novas,
que só trazem o selo, que se compram ao balcão,
é algo de impossível! Como se a Verdade fosse de enfiar
na cabeça, como quem enfia moedas num saco!
Afinal, quem é o judeu, aqui? Eu, ou ele? Mas enfim,
nada impede que ele procure verdadeiramente a
Verdade... Custa-me pensar que esteja a servir-se
da Verdade como pretexto... o que seria mesquinho...
Mas o que importa a um Grande ser mesquinho?
Foi tão directo ao assunto!... Primeiro aguarda-se
um pouco, ouve-se o outro, antes de conquistar
a amizade. Tenho de ter cuidado. Mas como?
De que modo? Ser judeu puro e duro, não serve.
E não ser judeu, ainda menos. Mas, e se não for
judeu, pode ele perguntar, por que não muçulmano?
Seria o máximo! Estou salvo! Não são só as crianças
que podemos entreter com contos de fadas. Aí vem
ele. Que venha!

**Sétima Cena:**
*Saladino e Nathan.*

Saladino – ( Já me sinto mais à vontade! ) – Não voltei
depressa demais? Acabaste a tua reflexão? Então
fala! Ninguém nos está a ouvir.

Nathan – Nem que o mundo inteiro
estivesse a ouvir-nos.

Saladino – Nathan tem a certeza
do que vai dizer. Ha! É o que eu chamo
um sábio! Nunca esconder a verdade!
Apostar tudo nela! O corpo e a vida!
Os bens e o sangue!

Nathan – Sim! Sim! Sempre que for útil
e necessário.

Saladino – De agora em diante
posso esperar que um dos meus títulos,
de protector do mundo e da lei me seja conferido
com justiça.

Nathan – Um belo título, sem dúvida!
Contudo, Sultão, antes que eu revele
o que penso, permites que te conte
uma história?

Saladino – Por que não? Sempre gostei
de histórias bem contadas.

Nathan – Sim, *bem* contadas, não sei
se será o meu caso.

Saladino – Outra vez
essa modéstia orgulhosa? Vamos! Conta, conta!

Nathan – Há centenas de anos vivia no Oriente
um homem que possuía um anel de valor inestimável
dado por mão carinhosa. A pedra era uma opala,
em que se reflectiam centenas de belas cores,
e com o poder secreto de fazer com que Deus
e os homens amassem aquele que usasse o anel
com essa convicção. Não admira que esse homem
do Oriente nunca o tirasse do dedo. E que tivesse
a intenção de que nunca deixasse de pertencer
à sua família. Assim aconteceu: deixou o anel
ao mais amado dos seus filhos; fê-lo prometer
que, por sua vez, o legaria ao filho que mais amasse;
e que fosse sempre o mais amado, independentemente
da data do nascimento, a possuir a força do anel,
tornando-se o Príncipe da casa. Estás a entender
o que digo, Sultão.

Saladino – Estou. Continua!

Nathan – Assim este anel foi passando de filho
para filho, até que chegou a um pai de três filhos
respeitado por todos eles e que ele não era capaz
de não amar do mesmo modo. Às vezes achava
que era um o mais digno do anel, outras achava
que era o outro, ou ainda o terceiro, quando estava
a sós com qualquer deles – e não falava aos outros
do mesmo amor que sentia. Teve então a piedosa ideia
de prometer o anel a cada um. Isto foi ficando assim,
até certa altura. Mas quando chegou a hora de morrer
o pai viu-se muito aflito. Doía-lhe ir ofender os filhos
que tinham confiado na sua palavra. Que fazer?
Em segredo, mandou a um artista o seu anel, para
encomendar mais dois que fossem cópia perfeita do primeiro,
sem olhar a despesas nem trabalho. O artista foi bem suce-
[dido.
De tal modo que, quando trouxe os anéis, nem o pai foi capaz
de distinguir o que servira de modelo. Feliz e de alma em paz
manda chamar os filhos, um de cada vez. Dá-lhes a bênção,
a seguir dá o anel, e depois morre.
Estás a ouvir, Sultão?

Saladino (*que, comovido, se tinha desviado)* – Estou a ouvir!
Estou a ouvir! Acaba lá depressa a tua história!
Falta muito?

Nathan – Acabei. Porque o resto já se percebe facilmente.
Assim que o pai morreu, cada um dos filhos traz o seu anel

e quer ser o Príncipe da casa. Investigam, discutem, fazem
[queixa.
Em vão. Impossível demonstrar qual era o verdeiro anel. –
(*Passado um momento, em que aguarda a resposta do Sultão.)*
Tal e qual como agora,
impossível demonstrar qual é a verdadeira fé.

Saladino – Como?
É esta a resposta à minha pergunta?

Nathan – Tenho de pedir desculpa
por não ser capaz de distinguir os anéis
que o pai mandou fazer de modo a que
não fosse possível distingui-los.

Saladino – Os anéis! Não brinques comigo! Pensei
que as Religiões de que te falei
fossem bem diferentes.
Até na roupa, na bebida e na comida!

Nathan – E não nos fundamentos. –
Pois não derivam todas da História?
Escrita ou transmitida oralmente? E
a História não deve apoiar-se sempre
na verdade e na fé? Não é assim?
Ora bem: de cuja verdade e fé nos
sentimos mais próximos? Não é
dos nossos? Daqueles de quem

descendemos? Daqueles que,
desde a nossa infância, nos deram
provas do seu amor? Que nunca
nos enganaram, a menos que enganar
fosse mais benéfico? Como posso eu
acreditar menos nos meus antepassados
do que tu nos teus? Ou ao contrário.
Posso exigir de ti que acuses os teus
de mentirosos, só para não me contrariar?
Ou ao contrário. O mesmo se pode aplicar
aos cristãos. Não é verdade?

Saladino – (Pelo Deus vivo! O homem tem razão.
O melhor é calar-me).

Nathan – Voltemos ao nosso anel.
Como estava a dizer: os filhos fizeram
queixa; e cada qual jurou diante do Juiz
que tinha recebido o anel directamente
da mão do pai. – O que era bem verdade! –
E que o pai há anos lhe tinha prometido
que um dia poderia beneficiar do privilégio
do anel. – O que não era menos verdade! –
O pai, afirmava cada um, não podia ter mentido.
E em vez de acusar um pai tão bondoso, antes
acusaria os seus irmãos de estarem a mentir,
por muito que os tivesse outrora em boa conta.

E desejava desde logo saber quem eram
os traidores, para poder vingar-se.

Saladino – E o Juiz, o que fez? Estou desejoso
de ouvir o que vais dizer do Juiz! Continua!

Nathan – O Juiz disse: uma vez que não podeis trazer
aqui o vosso pai, deixo-vos ir embora, para decidirdes.
Pensais que a minha função é resolver adivinhas?
Ou ficais à espera até que seja o verdadeiro anel
a abrir a boca? Ah! Mas ouvi dizer que o verdadeiro
anel tem o dom de fazer com que seja amado de Deus e
dos homens aquele que o possui. Isso ajudará à decisão!
Porque os falsos anéis não poderão fazê-lo. Então:
qual de vós é o mais amado pelos outros? Não dizeis nada?
Os anéis só actuavam no passado? E não se manifestam
nesta hora? Cada um de vós só se ama a si próprio?
Ah, então sois vós os enganados que se enganam!
Nenhum dos três anéis é verdadeiro. O verdadeiro
anel deve ter-se perdido. Para esconder isso, para vos
compensar, mandou o pai fazer três anéis, um para
cada um.

Saladino – Fantástico! Fantástico!

Nathan – Por isso, continuou o Juiz,
se não quiserdes seguir o meu conselho,
em vez da minha sentença, ide embora!
Mas o meu conselho é o seguinte:

Aceitai as coisas como são. Cada
um recebeu do seu pai o anel que possui.
Pois então acredite que seja o verdadeiro.
É possível que o pai desejasse acabar com
a tirania de *um único* anel, na sua casa!
E como é certo que vos amava, e aos três
de modo igual, não terá querido escolher
apenas um, em detrimento dos outros,
a quem ofenderia. Pois bem! Que cada um
de vós se apresse agora a imitar, sem
preconceitos, o grande amor do pai! Que
cada um se esforce por demonstrar o que
a força da pedra do anel, em cada dia,
lhe pode conceder! Que essa força o ajude,
tornando-o mais cordial, mais tolerante e
generoso, mais próximo, no íntimo, de Deus!
E quando as forças das pedras se manifestarem
nos filhos dos vossos filhos, daqui a milhares
e milhares de anos, convido-vos então a voltar
de novo a este tribunal: um Juiz mais sapiente
do que eu estará aqui sentado. Ide! Assim falou
o Juiz, em toda a sua modéstia.

Saladino – Meu Deus! Meu Deus!

Nathan – Saladino,
se sentes que és tu esse eleito,
esse homem mais sábio...

Saladino (*que se precipitou sobre ele, lhe agarrou as mãos, e assim ficará, sem o deixar ir*) –
Eu, pó? Eu, nada? Meu Deus!

Nathan – O que foi, Saladino?

Saladino – Nathan, querido Nathan!
Os milhares e milhares de anos do teu Juiz
ainda não passaram. A sua cadeira, no tribunal,
não é a minha! Vai! Vai embora! Mas fica meu amigo.

Nathan – Saladino não me querias dizer mais nada?

Saladino – Mais nada.

Nathan – Nada?

Saladino – Absolutamente mais nada.
Porquê?

Nathan – Eu queria aproveitar a oportunidade
de te fazer um pedido.

Saladino – Querias fazer-me um pedido?
Fala!

Nathan – Acabei de chegar de uma longa viagem,
em que fui cobrar dívidas. Vejo-me com dinheiro a mais.

Os tempos voltam a ser confusos, e eu não sei bem
para onde me virar, com segurança. Foi então
que pensei que talvez tu – pois uma guerra próxima
exigirá mais dinheiro – talvez tu precisasses
de algum.

Saladino (*olhando-o fixamente*) – Nathan!
Não te vou perguntar se Al-Hafi passou
pela tua casa! Não quero averiguar se é por
malícia que me fazes tal proposta...

Nathan – Malícia?

Saladino – Desculpa-me. Bem a mereci. Não nego.
Confesso que tinha tido a ideia de...

Nathan – De me pedir dinheiro?

Saladino – Precisamente!

Nathan – Seria uma grande ajuda
para ambos! Não consigo mandar-te
todo o meu dinheiro, por causa do jovem
Templário. Sabes quem é. Tenho
para com ele uma grande dívida de gratidão.

Saladino – Templário?
Então também vais ajudar

com o teu dinheiro
o meu maior inimigo?

Nathan – Estou só a falar
daquele a quem poupaste a vida...

Saladino – Ah! Já me lembro!
Estava completamente esquecido!
Sabes quem é? Onde está ele?

Nathan – O quê?
Então não sabes como a Graça
que lhe concedeste, através dele,
me foi dada a mim? Ele arriscou a segunda
vida que de ti recebeu, para salvar a minha
filha dum incêndio.

Saladino – Ele? Foi ele quem fez isso? Ha!
Bem me queria parecer! O meu irmão,
a quem ele tanto se assemelha, teria feito
o mesmo. Então ainda está por cá? Tens
de o trazer contigo! Falei tantas vezes
à minha irmã desse meu irmão que ela
não chegou a conhecer, que quero que ela
veja agora um sósia tão fiel! Vai, vai buscá-lo!
Como de *uma* boa acção, ainda que nascida
de impulso apaixonado, tantas outras boas
acções podem decorrer! Vai! Trá-lo cá!

Nathan (*soltando a mão de Saladino*) – Vou já!
E quanto ao resto, estamos entendidos, não é assim?
(*Sai.*)

Saladino – Ah, que pena, não ter deixado
que a minha irmã ouvisse! Vou já ter com ela!
Tanta coisa que tenho para lhe contar!
(*Sai pelo lado oposto.*)

**Oitava Cena:**
*Sob as palmeiras, perto do mosteiro, onde o Templário espera por Nathan.*

Templário (*passeia para cá e para lá, lutando consigo mesmo, até que exclama*) – A vítima exausta termina aqui o seu cami-
[nho.
Pois bem. Não quero, não quero mesmo saber,
o que se passa comigo. Não quero antecipar o que
possa acontecer. Foi em vão que fugi. Em vão. E
de verdade *não podia* fazer mais nada do que fugir!
Agora seja o que Deus quiser! A pancada foi tão súbita
que não pude fazer nada. Tentei escapar durante muito
tempo. Vê-la diante de mim, quando não a queria ver,
vê-la diante de mim, e decidir não tirar os olhos dela...
Decidir... Decidir é agir, é actuar... e eu, eu não fiz nada.
Olhei para ela e senti que estava ligado a ela, fundido nela,
como um só. Um só. Viver separado dela é-me impensável.
Seria a minha morte. E ainda que na morte fossemos separa-
[dos,

seria morte na mesma. Se isto é amor – então o Templário, um cristão, ama de verdade uma jovem judia. De verdade! Hum! Que mal faz? É na Terra Prometida, onde *prometi* tanto, que me despojei de preconceitos. O que pretende a minha Ordem?
Eu como templário estou morto. Morri naquele momento em [que
Saladino me fez prisioneiro. A cabeça que ele me poupou não é a antiga, é outra, nova, que já nada sabe do que a outra dizia. Daquilo a que a outra obedecia. E é agora melhor, mais ade- [quada
aos propósitos de Deus Pai. É o que sinto. Só agora começo [a pensar
como o meu pai deve ter pensado, quando esteve aqui. Se não [foram
histórias inventadas aquilo que me contaram. Inventadas? [Mas tão
plausíveis... Que nunca até agora me pareceram tão fiáveis, [agora
que corro perigo na terra onde ele morreu. Morreu? Prefiro morrer com homens a sério do que ficar entre crianças. O seu exemplo é o garante da sua aprovação. E que outra aprovação poderei desejar? A de Nathan? Mais do que a sua aprovação, terei ainda os seus bons conselhos. Que judeu! E que não deixa de querer ser judeu! Ali vem ele. Vem apressado. Com serena alegria. De casa de Saladino só poderia vir assim. Ei!
Ei! Nathan!

**Nona Cena:**
*Nathan e o Templário.*

Nathan – Estais aqui?

Templário – Foi grande a demora em casa do Sultão.

Nathan – Não foi assim tão grande. Atrasei-me
à ida para lá. Pois é verdade, Curd, aquele homem é digno
da fama que possui... E a fama é apenas a sua sombra.
Mas antes de mais nada deixai que vos diga num instante...

Templário – O quê?

Nathan – Ele quer falar convosco. Quer
que o procureis sem demora. Mas primeiro
vinde comigo a casa, ainda tenho de tratar
de uma coisa que é para ele.
A seguir iremos juntos.

Templário – Nathan, eu preferia
não voltar a vossa casa...

Nathan – Então
já lá estivestes? Falastes com ela?
E então? O que dizeis de Recha?

Templário – Impossível de descrever!
Mas voltar a vê-la não quero, nunca mais!
Nunca! Nunca mais! Ou então tendes de me
prometer que poderei vê-la sempre,
todo o tempo!

Nathan – Não percebo!

Templário (*depois de uma hesitação abraça-o*) – Meu Pai!

Nathan – Jovem!

Templário (*soltando-o de repente)* – Filho não? –
Por favor, Nathan!

Nathan – Meu querido jovem!

Templário – Mas filho, não? Por favor, Nathan!
Juro-vos pelos mais sagrados laços da natureza!
Não busqueis aquelas correntes posteriores!
Que ser um homem vos seja suficiente! Não
me repudieis!

Nathan – Querido, querido amigo!

Templário – E filho?
Filho não? Mesmo que a gratidão
já tenha aberto as portas do amor
da vossa filha? E que o desejo de sermos

um só aguarde apenas um único sinal vosso?
Não respondeis?

Nathan – Deixais-me espantado, jovem Cavaleiro.

Templário – Eu? Deixo-vos espantado, eu, Nathan?
Com os vossos próprios pensamentos? Não
os reconheceis na minha boca?
Eu é que vos espanto?

Nathan – Preciso de saber
a que ramo dos Hohenstauffen pertencia
o vosso pai!

Templário – O que estais a dizer, Nathan?
O quê? Nesta altura é só curiosidade
o que sentis?

Nathan – Vede só:
eu conheci outrora um Stauffen
que se chamava Conrad.

Templário – E então?
E se o meu pai tivesse o mesmo nome?

Nathan – Isso é verdade?

Templário – O meu nome é o do meu pai:
Curd é Conrad.

Nathan – Bem, então o meu Conrad não era
o vosso pai. Porque o meu Conrad era o mesmo
que vós: era templário. Nunca se casou.

Templário – Ah, isso não quer dizer nada!

Nathan – Como assim?

Templário – Podia na mesma
ter sido meu pai.

Nathan – Estais a brincar.

Templário – E vós estais a levar tudo muito a sério!
Que mal teria? Seria um seu bastardo, um ilegítimo!
Não seria, ainda assim, um partido a desdenhar! Mas
deixemos de lado a prova da minha linhagem. Eu
também nada perguntarei sobre a vossa. Deus me livre
de levantar alguma dúvida acerca da vossa árvore
genealógica! Folha a folha seria desfiada até à raiz
de Abraão! E daí em diante, até onde eu mesmo já sei
e poderei testemunhar!

Nathan – Estais zangado. Mas não tendes razão.
Neguei-vos alguma coisa? Só não quero que vos
precipiteis, no calor de um momento. Nada mais.

Templário – Nada mais? De verdade?
Oh, então peço perdão!

Nathan – Então, vamos lá embora!...

Templário – Para onde?
Não! Para vossa casa? Não, de maneira nenhuma!
Arde-se lá dentro! Espero por vós aqui fora. Ide!
Se puder voltar a vê-la, terei tempo para isso;
caso contrário, já a vi vezes demais.

Nathan – Volto num instante.

**Décima Cena:**
*O Templário e logo de seguida Daja.*

Templário – Já basta o que basta!
O cérebro humano tem uma capacidade enorme
de absorção; e de repente qualquer futilidade
o enche e o absorve por completo! Não faz mal,
não faz mal, seja lá o que for. O que é preciso
é ter paciência! A alma acaba por moldar
essa substância, criando espaço, de modo
a que luz e ordem possam regressar. Esta
é a primeira vez que me apaixono? Ou não era
amor o que eu julgava ser? E só agora, de verdade
sinto amor...

Daja (*que surge a chamar de lado*) – Cavaleiro! Cavaleiro!

Templário – Quem me chama? Ah, Daja, sois vós?

Daja – Escapei-me dele.
Mas ainda nos pode ver, se ficardes aí.
Aproximai-vos de mim, aqui atrás desta árvore.

Templário – Que aconteceu? Tanto secretismo?
O que é ?

Daja – É verdade que é por causa de um segredo
que venho ter convosco. Um duplo segredo.
Um deles é segredo meu; o outro é vosso. E
que tal se os trocássemos? Dizei-me o vosso,
que eu vos direi o meu.

Templário – Com muito prazer.
Mas só quando explicardes qual é
o meu segredo. Por certo ajudará
a esclarecer o vosso. Começai.

Daja – Não senhor, nem pensar, Cavaleiro!
Primeiro vós, eu a seguir. Podeis ter a certeza
de que o meu segredo de nada vos servirá, se
eu não souber primeiro o vosso. Rápido!
Posso fazer eu a pergunta, já que estais

desconfiado: mas vós ficareis na mesma e eu
com o meu segredo! Pobre Cavaleiro!
Os homens julgam poder esconder de nós,
mulheres, tais segredos!

Templário – Que nós às vezes
nem sabemos que temos...

Daja – É possível.
Por isso tenho primeiro de ser eu,
por amizade, a contar o que sei. Dizei-me:
Qual a razão da fuga precipitada?
Deixando-nos assim tão de repente? E não
tendo regressado com Nathan? Recha
não vos causou boa impressão? Não?
Ou antes, terá sido ao contrário? Foi
demais? Foi demais! Foi demais! Pareceis
um pobre pássaro a esvoaçar, colado à vara
de que não se liberta! Resumindo: dizei-me
de imediato que a amais, a amais até à loucura,
e eu digo-vos o que...

Templário – Até à loucura? É bem verdade.
E vós sabeis do assunto.

Daja – Confessai então o amor,
que eu retiro a loucura.

Templário – Porque ela é assim tão evidente?
Um templário a amar uma jovem judia!...

Daja – Parece não ter sentido. Mas
por vezes o sentido reside noutra coisa
de que não nos apercebemos logo. E
não seria a primeira vez que o Salvador
nos atraía por caminhos que um homem
sensato não seguiria de ânimo leve.

Templário – Que solene!
(Se eu, em vez do Salvador, pensar na Providência,
terei de dar-lhe razão!)
Sinto uma curiosidade a que não estou habituado.

Daja – Porque esta é a terra
dos milagres!

Templário – (Pois. Milagre. Não podia ser outra coisa?
O mundo inteiro se encontra aqui reunido.) – Querida
Daja, tomai então por verdade o que estais a pedir:
Que eu a amo. Que não concebo a ideia de poder
viver sem ela. Que...

Daja – De verdade? De verdade? Jurai-me então,
Cavaleiro, que a fareis vossa.
Que a salvareis. Aqui, na terra,
e no Além, para sempre.

Templário – Mas como? Como posso jurar
o que não depende de mim?

Daja – Porque depende de vós.
Digo uma só palavra e tudo ficará
nas vossas mãos.

Templário – E se o pai dela
não deixar?

Daja – Pai! Qual pai!
Não terá outro remédio.

Templário – Remédio, Daja?
Ele não foi preso por ladrões.
Não pode ser forçado.

Daja – Mas terá de deixar.
No fim deixará de boa vontade.

Templário – Tem de deixar e de boa vontade!
Daja, e se eu vos disser que já tentei abordar...

Daja – E ele? Não concordou?

Templário – Discordou de tal modo
que me senti ofendido.

Daja – O que dizeis? É possível?
Não saltou de alegria, por leve que fosse
a alusão dando a entender o vosso desejo
de Recha? Retraiu-se, friamente?
Levantou dificuldades?

Templário – Mais ou menos.

Daja – Então não hesitarei
nem mais um momento. –
(*Pausa.*)

Templário – Ainda estais a hesitar?

Daja – Porque ele é normalmente
um homem tão bom! E eu devo-lhe tanto!
Mas que seja assim teimoso! Deus sabe
como me custa agora o ter de o forçar!

Templário – Daja, por favor, falai e poupai-me
a estas dúvidas. Mas se ainda tendes receio de que
a vossa ideia possa ser considerada boa ou má,
censurável ou louvável, – então calai a boca!
Vou esquecer que guardais um segredo.

Daja – Isso espicaça-me,
em vez de me calar. Pois bem:

sabei que Recha não é uma judia.
É... é uma cristã.

Templário (*com frieza*) – Ah sim?
Felicidades! Foi difícil, o parto?
Não temais as dores! Continuai a povoar
o céu, já que não o podeis fazer na terra!

Daja – O quê, Cavaleiro?
A novidade só merece desprezo?
Que Recha seja uma cristã não vos alegra,
vós que sois um cristão, um templário
que sente amor por ela?

Templário – Ainda por cima
uma cristã feita por vós.

Daja – Ah, então é isso! Pois seja!
Ficai a saber, pelo contrário, que a ela
ninguém consegue mudar o pensamento.
A sorte é que ela tenha sido, outrora,
aquilo que já deixou de ser.

Templário – Falai claro, ou – ide embora!

Daja – Ela é uma cristã, nascida de pais cristãos.
É baptizada...

Templário (*interessado*) – E Nathan?

Daja – Não é pai dela!

Templário – Não é o pai dela? Sabeis
o que estais a dizer?

Daja – A verdade, que tantas vezes
me fez chorar lágrimas de sangue. Não,
não é o pai dela.

Templário – E educou-a como se fosse
sua filha? Educou uma criança cristã
como se fosse judia?

Daja – Isso mesmo.

Templário – E ela não sabia
das suas origens? Ele nunca lhe disse
que ela era cristã, e não judia?

Daja – Nunca!

Templário – Deixou-a crescer
nessa ilusão? E já crescida, não disse nada
à jovem?

Daja – Infelizmente!

Templário – Oh Nathan!
O bondoso sábio permitiu-se falsificar
assim a voz da natureza? Desviar
as emoções de uma alma que, se fosse
entregue a si mesma, teria escolhido
outros caminhos? Daja, acabais de me
confidenciar algo de muito importante
que pode ter consequências – sinto-me
confuso – não sei neste momento o que
fazer comigo. Dai-me um tempo.
Ide embora! Ele pode estar a chegar
e descobre-nos aqui. Ide!

Daja – Seria a minha morte!

Templário – Neste momento
nem me sinto capaz de falar com ele.
Quando o virdes, dizei-lhe só que nos
encontraremos em casa do Sultão.

Daja – Mas não lhe deis a entender
nada do que eu disse. Tratou-se apenas
de esclarecer as coisas, e de afastar
quaisquer escrúpulos por causa de Recha!
Quando a levardes para a Europa, também eu
poderei ir?

Templário – Logo se verá. Ide embora, ide!

## QUARTO ACTO

**Primeira Cena:**
*No claustro do mosteiro.*
*O Monge e logo a seguir o Templário.*

Monge – Sim, sim! Tem toda a razão, o Patriarca!
Não fui bem-sucedido em nenhuma das missões
de que ele me incumbiu! Mas por que hei-de ser
sempre eu o escolhido para estas coisas? Não sou
subtil, nem bem-falante. Não me agrada andar a
meter o nariz, ou a mão, onde não sou chamado.
Por isso me afastei do mundo, para ficar só comigo.
E agora terei de mudar, para me imiscuir, por conta
de outro, nos assuntos do mundo?

Templário (*chegando-se a ele, apressado)* – Bom irmão!
Estais aí! Há muito que vos procurava!

Monge – A mim, Senhor?

Templário – Já não me conheceis?

Monge – Conheço, claro! Mas julgava
que não vos voltava a ver na minha vida.
Embora o tivesse pedido a Deus Nosso Senhor.
O Senhor Deus, que bem sabia como me foi difícil
cumprir aquela missão de que ia encarregado.
Bem sabia que a vossa concordância me tinha
sido pedida. E como fiquei contente, do fundo
do coração, que a tenhais recusado, sem mais
delongas, como convém a um Cavaleiro que
se preza. Mas eis que estais aqui! Fui convincente,
afinal?

Templário – Já sabeis ao que venho?
Nem eu sei ainda ao certo...

Monge – Estivestes a reflectir.
Concluindo que o Patriarca afinal
tinha alguma razão. Que era possível,
com a sua proposta, conciliar honra e dinheiro.
Que um inimigo é sempre um inimigo, ainda
que tenha sido para nós sete vezes um Anjo.
Pesados os prós e os contras, é isto que vos traz
aqui. Ah, Deus meu!

Templário – Meu piedoso amigo! Não percais a alegria.
Não é por essa razão que aqui venho. Não é por isso
que quero falar com o Patriarca. Ainda mantenho
o mesmo pensamento e por nada deste mundo o

trocaria, pois me fez digno de alguém, como vós,
tão piedoso e cheio de bondade. Venho apenas
pedir conselho ao Patriarca, sobre uma certa
coisa...

Monge – Vós, ao Patriarca?
Um Cavaleiro a um Padre? (*Olhando à sua volta, cauteloso.*)

Templário – Sim, a coisa
é de carácter bastante religioso...

Monge – Já o Padre nunca pergunta nada
ao Cavaleiro, mesmo que se trate de coisas
que lhe digam respeito...

Templário – Porque tem o privilégio
de poder errar, algo que nós não invejamos nada.
Se eu pudesse agir sempre à minha vontade,
se apenas tivesse de prestar contas a mim mesmo,
não precisaria do vosso Patriarca. Mas há certas
coisas que prefiro fazer, ainda que mal, por decisão
alheia, do que fazê-las bem, por decisão própria, minha.
Vejo que a Religião é como um Partido. E mesmo quem
se julga apartidário, fica ligado, sem ter consciência disso,
àquele a que aderiu. E já que é assim, é porque deve estar
certo.

Monge – Prefiro não dar opinião.
Não percebo lá muito bem o que estais a dizer.

Templário – Mesmo assim! –
(Vamos lá ver melhor o que pretendo!
Pretendo um veredicto formal ou um conselho?
Um conselho sincero ou erudito?) Irmão,
agradeço-vos muito. Agradeço a intenção.
Qual Patriarca! Sede vós o meu Patriarca!
Desejo interrogar o cristão, no Patriarca,
e não o Patriarca, no cristão! O problema é...

Monge – Senhor, não continueis, nem mais
uma palavra! De nada serviria. Estais enganado.
Aquele que muito sabe, tem muito que o preocupe.
E eu já tenho *uma* preocupação, a única que me
absorve. – Ora! Então ouvi! Vede! Por sorte ei-lo
a chegar, é ele mesmo. Ficai, ele já vos descobriu.

**Segunda Cena:**
*Junta-se aos anteriores o Patriarca, à frente de um cortejo, com toda a pompa.*

Templário – Preferia evitá-lo.
Não é quem eu pretendo! Um prelado gordo,
rubicundo, amável! E que pompa!

Monge – Então se o vísseis no meio da sua corte...
Deve ter ido visitar um doente.

Templário – Que vergonha
para Saladino!

Patriarca (*enquanto se aproxima, acena para o Monge*) – Vin-
[de cá!
Este não é o Templário? O que quer ele?

Monge – Não sei.

Patriarca (*dirige-se ao Templário, enquanto o Monge e os outros se afastam*) – Senhor Cavaleiro! Muito me alegra
ver o jovem corajoso! E tão jovem ainda!
Com a ajuda de Deus há-de vir a ser alguém!

Templário – Será difícil, Senhor,
eu vir a ser mais do que já sou.
Menos seria melhor.

Patriarca – Espero que ao menos
o devoto cavaleiro possa crescer e florir
ao serviço da honra e glória de Deus e
da nossa amada cristandade! O que não
deixará de acontecer, se a juvenil coragem
se dispuser a seguir os sábios conselhos
dos seus maiores. Em que posso ser útil?

Templário – Precisamente com o que falta
à minha juventude: um conselho.

Patriarca – Muito bem! Mas o conselho
terá de ser seguido.

Templário – Mas não às cegas?

Patriarca – Quem disse isso?
Ninguém deve abdicar da Razão, dada por Deus,
onde ela tenha lugar. Mas terá lugar em todo o lado?
Claro que não! Por exemplo, quando Deus, por meio
de um dos seus Anjos, isto é, de um dos servidores
da sua Palavra, quiser afirmar a Santidade da Igreja
perante toda a cristandade, de uma determinada maneira,
que a reforce: quem poderá recorrer à Razão,
dada por Deus, para o contrariar? E exigir da eterna
lei do céu que seja confirmada pelas pequenas leis do
orgulho e amor-próprio? Mas chega de conversa.
Afinal qual é o conselho que o Cavaleiro deseja
que lhe demos?

Templário – Suponhamos, Santo Padre, que
um judeu tem um filho único, uma filha,
que educou com o maior cuidado, que ama
mais do que a si mesmo, amor a que ela corresponde
com um sentimento igual. E que depois se descobre
que ela afinal não é filha desse judeu, que ele a recolheu

quando pequena, ou comprou, ou roubou –, o que se quiser.
Sabe-se que a criança é filha de uma cristã e que foi
baptizada. Que o judeu a educou como judia, e por sua filha
e judia a faz passar. Dizei: Santo Padre, neste caso, o que
se deve fazer?

Patriarca – Que horror! Antes de tudo
o Cavaleiro deve apurar se o facto é verídico
ou se não passa de uma hipótese! Isto é: se
é algo que tenha imaginado ou se se trata
de algo que aconteceu e continua a ter lugar.

Templário – Pensei que tanto fazia
para ter a vossa opinião.

Patriarca – Tanto fazia?
Aí está como a orgulhosa Razão humana
se pode enganar no tocante à espiritualidade.
De modo nenhum! Porque se o exemplo narrado
é apenas uma brincadeira, não vale a pena reflectir
a sério. Então deixo o senhor Cavaleiro com
o seu teatro, onde poderá discutir, entre aplausos,
todos os prós e os contras. Mas se o Cavaleiro
não esteve apenas a entreter-me, se o facto for real,
tendo acontecido na nossa Diocese, na nossa amada
Jerusalém, bem, então...

Templário – Então o quê?

Patriarca – Então ao judeu teria de ser aplicado
de imediato o castigo que o Direito papal e imperial
estipula para um criminoso, sacrílego, como esse.

Templário – A saber?

Patriarca – O Direito estipula que, a um judeu
que tenha levado um cristão à apostasia, a
condenação seja à pilha de madeira... a fogueira –

Templário – E?

Patriarca – E mais ainda se o judeu
tiver violentado uma criança cristã,
rompendo os laços do seu baptismo!
Pois não é violentar tudo o que se faça
a uma criança? Isto é: com excepção
do que é feito pela Igreja às suas crianças.

Templário – Mas e se a criança,
se não fosse a compaixão do judeu,
tivesse morrido?

Patriarca – Não importa! O judeu tem de ser
queimado! Pois seria melhor estar morta
do que perder a salvação eterna, ao ser salva
desse modo. Além disso, como pode o judeu

antecipar as decisões de Deus? Deus pode salvar,
sem ele, se assim quiser.

Templário – E se assim quiser, acho eu, também pode
redimir.

Patriarca – Não importa! O judeu tem de ser queimado!

Templário – Não sei... Ainda por cima
porque se diz que o judeu não a educou
na sua religião, mas antes em religião nenhuma,
e de Deus apenas ensinou o que basta à Razão.

Patriarca – Não importa!
O judeu tem de ser queimado... E por essa razão
ainda mais: queimado por três vezes! Pois quê?
Deixar crescer uma criança sem nenhuma fé?
Não lhe ensinar o enorme dever de acreditar?
É demais! Espanta-me, Senhor Cavaleiro, que vós...

Templário – Meu Senhor, o resto
se Deus quiser, ficará para a confissão.
(*Faz menção de ir embora.)*

Patriarca – O quê? Ficarei sem saber
de quem se trata? Não direis o nome desse vilão,
do judeu? Para o trazerdes aqui de imediato?
Ah, já sei o que fazer. Irei ter com o Sultão. Saladino,

mesmo com a trégua jurada, tem de nos proteger.
Respeitando o Direito e a Lei, a que somos obrigados,
pela nossa santa religião! Graças a Deus, tenho comigo
o original que assinou. Pela sua mão, com o seu Selo.
Também lhe farei ver como é perigoso para o Estado
que não se tenha fé em nada! Rompem-se os laços
da sociedade, quando um homem não acredita em
nada! Fora! Fora com um tal sacrilégio!

Templário – Pena, que eu não possa
aproveitar melhor o vosso excelente sermão.
Saladino mandou-me chamar.

Patriarca – Ah sim? Bem, então... sendo assim...

Templário – Poderei avisar o Sultão
se tal vos aprouver.

Patriarca – Oh, bem sei que o Cavaleiro
caiu nas boas graças de Saladino!
Dai-lhe as minhas melhores saudações.
Só o serviço de Deus me preocupa.
O que faço a mais, faço-o por Ele.
Tende isso em consideração, Senhor!
E não é verdade que essa história do judeu
não passava de uma hipótese? Quer dizer...

Templário – Uma hipótese.
*(Sai.)*

Patriarca – (Que eu terei de investigar melhor.
Mais uma missão que entrego ao irmão Bonafides.) –
Vem cá, meu filho!

*(Ao sair vai falando com o Monge.)*

**Terceira Cena:**
*Uma sala no palácio de Saladino. Os escravos trazem uma quantidade de sacos de dinheiro que vão colocando lado a lado no chão.*
*Entra Saladino e a seguir Sittah.*

Saladino – Verdade se diga, isto nunca mais acaba!
Ainda há muitos destes?

Um Escravo – Talvez mais do dobro.

Saladino – Então levem o resto a Sittah. E
onde pára Al-Hafi? Estes sacos são para ele
levar de imediato. Ou não deverei antes dar
isto ao meu pai? Se eu ficar com o dinheiro
vai escorrer-me entre os dedos. Tenho de ser
mais severo. Ceder menos a tantos pedidos e
artifícios. Pelo menos até chegar o dinheiro

do Egipto, a pobreza que se governe como
for possível! Há as oferendas ao Sepulcro,
se continuarem... Espero que os peregrinos
cristãos não voltem de mãos vazias...
Se ao menos...

Sittah – O que foi isto? O dinheiro
que me enviaste?

Saladino – Foi para pagar o que devo.
Tira o que te pertence, o resto fica para mim.

Sittah – Nathan ainda não chegou,
com o Templário?

Saladino – Está à procura dele,
por todo o lado.

Sittah – Olha só,
vê o que encontrei
ao remexer nas minhas jóias...
(*Mostra-lhe um pequeno quadro.)*

Saladino – Ah, o meu irmão!
É ele mesmo, é ele! – Era ele! Era ele! Ah...
Ah, meu jovem corajoso, que te perdi tão cedo!
O que eu não teria feito se ainda estivesses aqui
comigo, a meu lado! Sittah, deixa-me ficar

com o quadro. Sei que o ofereceu à tua irmã
mais velha, a Lilla, que nesse dia o abraçou tanto
para que ele não se fosse... Foi o último em que
ele partiu a cavalo... Ah, e fui eu que o deixei ir, e
sozinho! Lilla morreu de tristeza, nunca me perdoou
que o tivesse deixado partir assim, sozinho! Ele
nunca mais voltou!

Sittah – Pobre irmão!

Saladino – Falemos
de outra coisa. Todos nós teremos de partir,
um dia! E quem sabe? A morte não é decerto
a única atracção que pode desviar um jovem
do caminho correcto. Há outros inimigos. O
mais forte cai por vezes vencido pelo mais fraco.
Seja como for! Preciso de comparar o jovem Templário
com o quadro. Preciso de ver até que ponto a minha
imaginação me confundiu.

Sittah – Por isso trouxe o quadro.
Mas dá cá! Dá-mo! Porque é como
te digo: o olhar de uma mulher é
muito mais afinado.

Saladino *(para um guarda que entrou)* – Quem está aí?
O Templário? Que entre!

Sittah – Para que fiqueis mais à vontade,
sem que a minha curiosidade o incomode...
(*Senta-se num sofá mais longe, de lado, tapando a cara com o véu.)*

Saladino – Perfeito! Muito bem assim!
(E a sua voz! Como será ela? A voz de Assad
ainda ecoa na minha alma!)

**Quarta Cena:**
*O Templário e Saladino.*

Templário – Eu, teu prisioneiro, Sultão...

Saladino – Meu prisioneiro?
Aquele a quem ofereço a vida,
não oferecerei também a liberdade?

Templário – O que a ti te aprouver
fazer é algo que tenho de aceitar e não
de antecipar... Mas, Sultão, agradecer, agradecer
sinceramente, que me tenhas poupado a vida,
não sinto que seja digno do meu estatuto nem
do meu carácter. Seja como for, esta vida está
de novo ao teu serviço.

Saladino – Só não a vires contra mim!
Agradeceria com prazer mais um par de mãos
na luta contra o meu inimigo. Mas dar
também um coração tão nobre ser-me-ia
penoso. Não me enganei a teu respeito,
meu bravo jovem! És de corpo e alma igual
ao meu irmão Assad. Repara! Quase te perguntava
onde estiveste escondido tanto tempo? Em que caverna
dormiste? Em que paraíso, e com que deusa generosa
concedendo a essa flor a vida eterna? Repara! Poderia
bem lembrar-te por onde andámos e o que fizemos
juntos. Poderia censurar-te por me guardares segredo!
Por me teres escondido *uma aventura*: sim, poderia,
se apenas pensasse em ti e não em mim. Mas seja!
Destas suaves fantasias nasceu a minha convicção
de que um Assad, no Outono da minha vida, poderia
florir. Concordas comigo, Cavaleiro?

Templário – Tudo aquilo
que me venha de ti – seja lá o que for –
já eu sentia, como desejo meu, na minha alma.

Saladino – Então decidamos já.
Queres ficar aqui comigo, a viver na minha corte?
Cristão ou muçulmano, pouco importa!
Num manto branco ou numa capa nossa?
Com um turbante ou o teu chapéu de feltro?
Será como quiseres, tanto faz! Nunca

exigi que todas as árvores tivessem
*uma mesma* casca.

Templário – Ou não serias em boa verdade aquele que és:
o herói que preferia ser o jardineiro de Deus.

Saladino – Pois bem. Se não pensas mal de mim
já estamos quase de acordo, não é?

Templário – Completamente!

Saladino (*estendendo-lhe a mão*) – Uma Palavra?

Templário (*apertando-lhe a mão)* – De Homem!
Recebe assim mais do que me poderias ter tirado.
Teu, de corpo e alma!

Saladino – Tanto ganho só num dia! Tanto!
Ele não veio contigo?

Templário – Quem?

Saladino – Nathan.

Templário (*friamente*) – Não. Vim sozinho.

Saladino – Fizeste bem! E
que sorte, que a tua decisão venha a ser
em benefício de um tal homem.

Templário – Sim, sim.

Saladino – Tanta frieza? Não, meu jovem!
Quando Deus, por meio de nós, faz alguma
coisa de bem, não devemos ser tão frios!
Nem sequer por modéstia pretender que o somos!

Templário – O problema é que no mundo
para cada coisa haja tantas interpretações!
E que na maior parte das vezes nem se chegue
a perceber como podem conciliar-se!

Saladino – Fica-te pela melhor
e agradece a Deus! Ele sabe como
as coisas se conciliam. – Mas, jovem,
se pretendes ser tão difícil, terei
eu também de ter cuidado contigo?
Pois infelizmente também eu sou
uma coisa com muitas interpretações
que muitas vezes não se parecem
conciliar lá muito bem.

Templário – Ofendes-me!
Pois a suspeita é tão raramente
o meu defeito...

Saladino – Então diz lá: de quem suspeitas?
Parece que é de Nathan. Como assim? Tu?
Suspeitas de Nathan? Fala! Explica-te!
Dá-me a tua primeira prova de confiança.

Templário – Não tenho nada contra Nathan.
É de mim mesmo que desconfio.

Saladino – Qual a razão?

Templário – Sonhei que um judeu
poderia aprender a deixar de ser judeu.
Um sonho acordado...

Saladino – Conta lá esse sonho!

Templário – Sultão, tu conheces a filha
de Nathan. Sabes o que fiz por ela, e
o que fiz, – foi por fazer. Demasiado
orgulhoso para colher uma gratidão
que não tinha semeado, recusei sempre
vê-la. O pai estava longe. Regressa.
Ouve o que se passou. Procura-me.
Agradece. Deseja que a sua filha me
possa agradar, fala do futuro, fala de
horizontes felizes. Então eu deixo-me
convencer, vou com ele, descubro de

verdade uma jovem... ah, sinto tanta
vergonha, Sultão!

Saladino – Vergonha?
Porque uma jovem judia te impressionou?
Só por isso?

Templário – Não. Mas que o meu coração impulsivo
não se tenha oposto com mais força
a essa impressão, causada pela conversa do pai...
Fui um tolo! Atirei-me à fogueira pela segunda vez!
Pois desta vez *fui eu* que lhe pedi a mão, e ela que
me desdenhou.

Saladino – Desdenhou?

Templário – O pai, que é sábio,
não me afastou por completo.
Mas como é sábio, primeiro precisa
de reflectir, precisa de se informar.
Seja como for! E eu, não fui fazer
o mesmo? Não me fui informar, quando
a livrei do incêndio em que ardia?
Por Deus! É belo ser assim tão sábio,
tão prudente!

Saladino – Ora, ora!
Um pouco de paciência com um velho!

Quanto tempo irá durar a sua recusa? Vai
exigir que primeiro te convertas ao judaísmo?

Templário – Quem sabe!

Saladino – Quem sabe?
Sabe este, que conhece Nathan
melhor do que tu.

Templário – A superstição em que fomos educados
não perde a sua força, ainda que a reconheçamos como tal.
Nem todos se libertam das correntes que dizem desprezar.

Saladino – Bem observado.
Mas na verdade Nathan... Nathan...

Templário – A pior superstição é achar
que a nossa é a mais aceitável...

Saladino – Pode ser. Mas no caso de Nathan...

Templário – Entregar-lhe
e só a ela, a tola humanidade, até que surja
uma verdade clara,
só a ela...

Saladino – Está bem! Mas Nathan!
Nathan não sofre dessa fraqueza.

Templário – Também era o que eu pensava!...
Mas e se este homem exemplar não for mais
do que um judeu normal, que deseja filhos cristãos
para os educar no judaísmo?
Então?

Saladino – Quem anda a dizer isso?

Templário – A própria jovem
com a qual me quer seduzir
com a aparente esperança de
me querer pagar o que fiz por ela.
Esta jovem nem sequer é a sua filha,
é uma cristã que foi abandonada.

Saladino – E que ele apesar disso
não quis que fosse tua?

Templário (*excitado)* – Queira ou não queira!
Foi apanhado! A conversa da tolerância
foi posta a descoberto! Lançarei cães que o devorem,
a esse lobo judeu com pele de cordeiro filosofante!

Saladino (*sério*) – Calma, cristão!

Templário – Calma? Cristão?
Quando judeus e muçulmanos insistem
em ser o que são, o cristão não pode
fazer o mesmo?

Saladino (*com ar ainda mais sério*) – Tem calma, cristão!

Templário (*mais calmo*) – Sinto o peso
da censura nessa palavra que proferes.
Ah, se eu soubesse como procederia
Assad – Assad – se estivesse no meu lugar!

Saladino – Não seria muito diferente! –
Impetuoso como tu! Mas na verdade, quem
te ensinou, como ele fazia, a convencer-me
com uma só palavra? Se de facto tudo se tiver
passado como dizes: não me reconheço
nesse Nathan. Mas ele é meu amigo, e entre
os que são meus amigos não pode haver
discussões. Deixa-me dar-te um conselho:
Vai com calma! Não o entregues já à populaça
dos teus fanáticos! Guarda em segredo o que
os teus superiores me obrigariam a fazer
para os vingar! Que nenhum judeu, nenhum
muçulmano, seja vítima de um cristão!

Templário – Mais um pouco
e seria tarde de mais!
Mas a sede de sangue do Patriarca
fez com que eu não quisesse ser
seu instrumento!

Saladino – O quê?
Foste primeiro ter com o Patriarca
em vez de vir ter comigo?

Templário – Na fúria da paixão,
na vertigem da indecisão! Perdoa-me!
Receio que já não queiras ver em mim
nada de parecido ao teu Assad.

Saladino – É mesmo esse o receio!
Julgo saber quais são os erros
em que enraíza a nossa virtude.
Não deixes de a cultivar e esses
erros não te prejudicarão junto de mim.
Agora vai! Procura Nathan, como ele te
procurou. E trá-lo aqui contigo. Preciso
de vos ver de acordo. Se falas a sério
a respeito da jovem, sossega, ela será tua!
Nathan saberá reconhecer que não tinha
o direito de criar uma cristã privando-a
de carne de porco! Vai!

(*O Templário sai, e Sittah levanta-se do sofá.*)

**Quinta Cena:**
*Saladino e Sittah.*

Sittah – É espantoso!

Saladino – Não é mesmo? O meu Assad não teria sido
assim, um jovem igualmente belo e corajoso?

Sittah – Quem dera que tenha sido ele,
e não o jovem templário, o modelo
que serviu para este quadro! Mas
como foi que não te lembraste de
pedir informações sobre os seus pais?

Saladino – E também sobre a sua mãe?
Se alguma vez a sua mãe aqui esteve
nesta terra? É isso?

Sittah – Exageras!

Saladino – Seria bem possível! Porque Assad
era tão bem aceite pelas belas senhoras cristãs
e ele por elas tão atraído, que certa vez correu
até um boato... Ora, ora! Não gosto de falar disso.
Chega. Tenho-o aqui de volta, e quero-o, com todos
os seus erros, todos os humores do seu terno coração!
Nathan tem de lhe dar a jovem! Não concordas?

Sittah – Dar-lhe? Entregá-la!

Saladino – Claro! Que direito tem Nathan
sobre ela, se não é o seu pai? Quem agora
lhe salvou a vida tem mais direitos
do que aquele que lha conservou.

Sittah – O que dizes, Saladino, se agora ficasses tu
com a jovem, se a retirasses da mão daquele
que indevidamente a tem consigo?

Saladino – Achas indispensável?

Sittah – Indispensável, não.
A curiosidade é que me leva a ter esta ideia.
Gosto de saber que espécie de mulheres
podem atrair certa espécie de homens...

Saladino – Posso mandar
buscá-la.

Sittah – Pode ser?

Saladino – Mas poupa Nathan!
Ele não pode desconfiar de que queremos
à força separá-lo dela.

Sittah – Não te preocupes.

Saladino – E eu,
eu vou ver onde está Al-Hafi.

**Sexta Cena:**

*Na casa de Nathan, na sala aberta que dá para as palmeiras. Como na primeira cena do primeiro acto. Uma parte das mercadorias e das preciosidades de que se fala está espalhada pelo chão, desembrulhada.*

*Nathan e Daja.*

Daja – Oh, é tudo tão belo, tão extraordinário!
Oh, tudo – como só vós poderíeis descobrir!
Onde foi feito este tecido prateado com raminhos
de ouro? Quanto custou? Isto é mesmo o que eu
chamo um vestido de noiva! Nem uma rainha
poderia desejar melhor.

Nathan – Vestido de noiva? Porquê
logo um vestido de noiva?

Daja – Ora! Não foi talvez o que tínheis
em mente ao comprá-lo. Mas na verdade,
Nathan, só pode ser isso, tem de ser isso.
Parece feito de encomenda! O fundo branco:
símbolo de pureza. E os fios dourados,
serpenteando por toda a parte: símbolo de riqueza.
Estais a ver? Um encanto!

Nathan – Qual é a tua ideia? De que vestido de noiva
me descreves os símbolos, com tanta sabedoria?
Estás noiva?

Daja – Eu?

Nathan – Então quem?

Daja – Eu? Por amor de Deus!

Nathan – E então quem? De que fato de noiva
estás a falar? Isto é tudo para ti, e para mais ninguém.

Daja – Para mim? Isto é para mim? Não é para Recha?

Nathan – O que eu trouxe para Recha
está noutros embrulhos. Pronto, leva os teus trapos,
leva tudo daqui!

Daja – Tentador!
Não, nem que estes tesouros fossem
o mundo inteiro! Não toco neles! Até que
me jureis que não será desperdiçada esta oportunidade
que o céu não vos concederá duas vezes.

Nathan – Desperdiçar? O quê?
Oportunidade? Para quê?

Daja – Oh, a fingir que não sabeis!
Vou directa ao assunto: o Templário ama Recha.
Concedei-lhe a sua mão, e poreis fim ao pecado
que eu já não posso esconder. A jovem voltará

ao seu mundo cristão. Voltará a ser o que já é.
Ser de novo o que foi. E quanto a vós, com todo
o bem que nunca poderemos agradecer bastante,
deixareis de arriscar tantos carvões ardentes
sobre a vossa cabeça.

Nathan – Voltamos à mesma cantiga?
Mudaste uma das cordas,
mas receio que nem afine
nem resista.

Daja – E porquê?

Nathan – O Templário aceito eu de bom grado.
Mais do que a qualquer outro lhe entregaria Recha.
Mas... é preciso ter paciência.

Daja – Paciência?
Paciência não é a vossa
cantiga de sempre?

Nathan – Só mais uns dias de paciência!...
Olha! Quem vem ali? Um monge?
Pergunta-lhe o que deseja.

Daja – O que será que ele quer?
(*Vai ter com ele a perguntar.*)

Nathan – Dá-lhe, antes que ele peça!
(Se eu pudesse informar-me do Templário
sem lhe dizer a razão da minha curiosidade!
Porque se a digo e afinal não tem fundamento
ponho em risco a minha paternidade, e tudo em vão.)
Então o que é?

Daja – Ele quer falar convosco.

Nathan – Então que entre.
E tu, deixa-nos a sós.

**Sétima Cena:**
*Nathan e o Monge.*

Nathan – (Gostaria tanto de ser o pai de Recha!
Mas não poderei continuar a ser, ainda que deixe
de usar o nome? E ela, não continuará ela a chamar-me
como sempre fez, sabendo que a mim tanto me agradava?)
Ora bem! Em que posso servir-vos, bom Monge?

Monge – Em pouca coisa.
Alegro-me, Senhor Nathan, de vos ver bem de saúde.

Nathan – Então já me conheceis?

Monge – Sim, pois quem não vos conhece?

O vosso nome está já impresso em tantas mãos de tanta gen-
[te...
E nas minhas também, há muitos anos.

Nathan (*pegando na sua bolsa*) – Vinde comigo, irmão,
vinde refrescar essa lembrança.

Monge – Agradeço muito!
Mas seria roubar aos pobres! Não quero nada!
Antes quero, se me permitis, refrescar um pouco
a lembrança do *meu nome*. Pois posso gabar-me
de ter colocado nas *vossas mãos* algo que não era
nada de desprezar!

Nathan – Perdoai-me! Estou envergonhado!
De que se trata? E aceitai, como reparação, sete vezes
o valor do que me destes.

Monge – Tendes de ouvir primeiro
como eu próprio só hoje fui lembrado
desse bem tão precioso.

Nathan – Um bem tão precioso?

Monge – Há tempos vivia eu ainda
como eremita na terra da Quarentena, perto
de Jericó. De repente surgiram uns ladrões
árabes que destruíram a minha pequena capela e

a minha cela e me levaram com eles. Por sorte
consegui fugir e cheguei até aqui, junto do Patriarca,
pedindo que me fosse dado um lugar onde pudesse,
em solidão, servir Deus até ao fim dos meus dias.

Nathan – Estou a arder de curiosidade, irmão. Fala depressa.
O bem precioso! O bem que me confiaste!

Monge – Vai já, Senhor Nathan. O Patriarca
prometeu-me uma cela no monte Tabor
assim que alguma vagasse, e entretanto
instalou-me no mosteiro, deixando que lá ficasse
como irmão laico. É onde estou agora, Senhor.
Desejando mil vezes, do fundo coração,
ir para o monte Tabor. Pois o Patriarca
me pede que faça tudo o que mais odeio.
Por exemplo:...

Nathan – Fala, por favor!

Monge – Estou quase!
Hoje houve alguém que lhe sussurrou
ao ouvido que vivia por aqui um judeu
que tinha educado uma cristã como se fosse
sua filha.

Nathan (*chocado*) – O quê?

Monge – Prestai atenção!
Ao mesmo tempo que me pede
que descubra onde se encontra esse judeu,
exclama cheio de cólera que um tal sacrilégio
é o pior de todos os pecados que se possam
cometer contra o Espírito Santo. Só que nós,
graças a Deus, não sabemos muito bem
em que pode consistir. Isso despertou a minha
consciência, e fez-me pensar que eu próprio,
em tempos idos, posso ter sido o causador
desse grande pecado. Ora dizei:
não houve, há dezoito anos, um Escudeiro
que vos entregou uma menina de poucas
semanas de idade?

Nathan – Que estás a dizer? Bem... de verdade...

Monge – Olhai-me, olhos nos olhos!
Esse Escudeiro, sou eu!

Nathan – Sois vós?

Monge. O Senhor que me incumbiu de o fazer era –
é, se bem me lembro, um Senhor de Filnek:
Wolf von Filnek!

Nathan – É verdade!

Monge – Porque a mãe tinha morrido pouco antes,
e o pai teve de acorrer subitamente a Gaza, onde
o vermezinho não o poderia acompanhar. E assim
vos foi entregue por mim, quando nos encontrámos
em Darun, não é verdade?

Nathan – Tal e qual!

Monge – Era possível que a minha memória
me falhasse. Servi tantos senhores importantes,
e a este foi por tão pouco tempo. Ele morreu
logo a seguir em Askalon, um senhor muito amado.

Nathan – Sim! Sim!
A quem eu tenho tanto que agradecer!
Que mais do que uma vez me salvou, com a sua espada!

Monge – Ainda bem! Por isso
foi recebida por vós com tanto amor a sua filhinha!

Nathan – Podeis crer!

Monge – E onde está ela agora? Não morreu?
Espero que não esteja morta! Desde que ninguém saiba nada,
não há que preocupar-se.

Nathan – Preocupar-se?

Monge – Confiai em mim, Nathan!
Pois eis o que penso: quando o bem que desejo fazer
se aproxima do mal, prefiro evitar o bem. Porque o mal,
já nós o conhecemos, mas o bem permanece uma incógnita.
O que seria natural, é que a filhinha cristã fosse educada por
[vós
segundo os vossos princípios. E foi o que fizestes, de coração
e em boa consciência. E então agora este seria o prémio
que vos iam conceder? Não posso permitir. O mais inteligen-
[te
teria sido deixar que a cristã fosse educada como tal por uma
segunda pessoa. Mas nesse caso a filhinha do vosso amigo
não teria sido amada por vós do mesmo modo. E as crianças
nessas idades o que precisam é de amor, nem que seja
de um animal selvagem, muito mais do que de cristianismo.
Para o cristianismo haverá sempre tempo. Se a criança foi
crescendo convosco saudável e piedosa, também aos olhos
de Deus se manteve como devia. E não foi
a partir do judaísmo que toda a cristandade
se formou? Muitas vezes me zanguei, cheguei mesmo
a chorar lágrimas amargas, ao ver como os cristãos
facilmente esqueciam que Nosso Senhor era um judeu.

Nathan – Vós, meu irmão, tereis de ser
meu porta-voz, se o ódio e a hipocrisia
se levantarem contra mim, por uma acção,
– ah uma acção! – de que só vós e apenas vós
deveis ter conhecimento! Levai esse segredo

convosco para o túmulo! Nunca por vaidade
falei dele a ninguém! Só a vós o irei contar.
Faço-o com simplicidade piedosa. Porque só ela
entende como um homem, entregue à vontade de
Deus, é capaz de se ultrapassar a si mesmo.

Monge – Estais comovido, com os olhos
cheios de lágrimas?

Nathan – Viestes ter comigo a Darun, com a criança.
Mas não sabeis que uns dias antes, em Gath, os cristãos
tinham massacrado todos os judeus, com as suas mulheres
e crianças. E que entre elas estava a minha mulher, com
os nossos sete filhos, de vidas tão esperançosas, que ela
tinha levado consigo quando os mandei fugir para casa
do meu irmão – e que ali morreram todos, na fogueira.

Monge – Deus do Céu!

Nathan – Quando nos encontrámos,
tinha eu passado três dias e três noites
coberto de cinzas e de pó, prostrado a chorar
diante de Deus. A chorar? Também a protestar,
a zangar-me, a indignar-me com ele, amaldiçoando
o mundo e a mim mesmo, jurando ódio de morte
à cristandade...

Monge – Ah, compreendo muito bem!

Nathan – Mas pouco a pouco recuperei a Razão.
Dizia-me, com voz suave: mas Deus existe!
Também foi Deus a intervir naquele momento.
Segue em frente! Vai! Pratica o que sempre
defendeste e decerto não é mais difícil de praticar
do que de entender, se assim o quiseres.
Ergue-te! E eu ergui-me! E perante Deus gritei:
Quero! Queiras tu tanto como eu! Nessa altura,
descendo do cavalo, viestes entregar-me a criança
que trazíeis embrulhada no vosso manto. Aquilo
que então dissestes, aquilo que eu vos disse,
já esqueci. Apenas me lembro de que peguei
na criança, a deitei na minha cama, a enchi de beijos,
caí no chão de joelhos e soluçando exclamei: Meu Deus!
De sete filhos, eis que um me é devolvido!

Monge – Nathan! Nathan!
Sois de verdade um cristão! Por Deus! Sois um cristão!
Nunca houve nenhum melhor que vós!

Nathan – Que sorte a nossa! Porque
o que faz de mim um cristão a vossos olhos
a meus olhos faz de vós um judeu! Mas não
nos percamos em elogios mútuos. É preciso agir!
E se a mim sete laços de amor me ligaram logo
a esta jovem estrangeira, e se a ideia de a perder
e com isso perder nela mais uma vez os meus sete filhos

é uma ideia que me mata, obedecerei, se a Providência
assim o exigir!

Monge – Muito bem. Esse era o conselho
que eu pensava dar-vos. E que o vosso bom senso
já antecipou!

Nathan – Mas não pode ser um qualquer
recém-chegado a separá-la de mim!

Monge – Não, claro que não!

Nathan – Quem não tiver sobre ela
um direito maior do que o meu,
tem de ter, pelo menos...

Monge – Óbvio!

Nathan – Direitos que lhe advenham do nascimento
e do sangue.

Monge – É o que penso, também eu.

Nathan – Por isso dizei-me rápido
o nome do homem que seja seu irmão
ou tio, ou primo, ou ter algum parentesco,
– que a ele eu não a recusarei. Ela foi educada
para ser ornamento de qualquer casa, de

qualquer religião. Espero que saibais, acerca
do vosso Senhor e da sua ascendência, mais do que eu.

Monge – Isso, bom Nathan, dificilmente!
Pois já vos disse que estive com ele
muito pouco tempo.

Nathan – Mas
não sabeis ao menos de quem descendia
a mãe? Ela não era uma Stauffen?

Monge – É possível! Acho que sim.

Nathan – Conrad von Stauffen não era o irmão dela?
E não era templário?

Monge – Se não estou em erro. Mas esperai!
Lembro-me que ainda guardo um livrinho
que era do meu Senhor. Tirei-o do seu peito
quando o enterrámos em Askalon.

Nathan – E então?

Monge – Tem orações. É um Breviário.
Pensei que para um cristão ainda podia ser útil.
Para mim não, que não sei ler.

Nathan – Deixai estar. Continuai.

Monge – Nesse livrinho, à frente e atrás
como me disseram, escreveu o Senhor,
pela sua mão, o parentesco dele e da mulher.

Nathan – Perfeito!
Ide! Depressa! Trazei-me o livrinho. Rápido!
Estou disposto a pagar a peso de ouro!
E agradeço mil vezes! Ide a correr!

Monge – De imediato!
Mas o que o Senhor lá escreveu
está em árabe!
(*Sai.*)

Nathan – Não faz mal, ide depressa!
Meu Deus! Se eu puder ficar com a minha filha
e ainda por cima casá-la com um tal genro!
Parece impossível! Logo se verá...
Mas quem poderá ter contado ao Patriarca
toda esta história? Preciso de me informar.
E se foi a Daja?

**Oitava Cena:**
*Daja e Nathan.*

Daja (*apressada e com algum embaraço*) –
Vede só, Nathan!

Nathan – O quê?

Daja – A pobre criança ficou assustadíssima! Mandaram...

Nathan – O Patriarca?

Daja – A irmã do Sultão, a Princesa Sittah...

Nathan – Não foi o Patriarca?

Daja – Não, Sittah! Não estais a ouvir? A Princesa Sittah mandou recado para que fosse ter com ela!

Nathan – Mandou recado a quem? A Recha? Sittah mandou buscá-la? Bem. Se é Sittah quem manda e não o Patriarca...

Daja – Como fostes pensar nele?

Nathan – Não ouviste falar dele, há pouco tempo? De certeza que não? E não lhe foste contar nada?

Daja – Eu? A ele?

Nathan – Onde estão os mensageiros?

Daja – Ali adiante.

Nathan – Vou falar com eles, à cautela.
Anda comigo. Se não for o Patriarca com algum subterfúgio...
(*Sai.*)

Daja – E eu – eu ainda temo outra coisa pior.
De que se trata? A filha única de um judeu tão rico
também podia ser um bom partido para um muçulmano.
Ai, o Templário foi ultrapassado. Assim ficará se eu
não me atrever a dar o passo seguinte: que é dizer-lhe a ela
quem ela é de verdade! Força! No primeiro momento
em que fique a sós com ela! Talvez quando a acompanhe.
Um primeiro aviso, a meio do caminho, mal não pode
fazer. Sim! Sim! Vamos a isso. É agora ou nunca! Tem de ser!
(*Sai.*)

## QUINTO ACTO

**Primeira Cena:**
*A sala no palácio de Saladino, para onde são trazidos os sacos com dinheiro, que ali ficam à vista.*
*Saladino e de seguida vários Mamelucos.*

Saladino (*ao entrar*) – O dinheiro ainda está todo aqui!
E ninguém consegue encontrar o Dervixe. Calculo
que se tenha perdido nalgum jogo de xadrez, pelo
caminho, e se tenha esquecido de si próprio, e quem sabe,
até mesmo de mim? Bom. Paciência. O que é?

Um Mameluco – Boas notícias, Sultão! Alegra-te!
Chegou a caravana do Cairo, já cá está, felizmente!
Com sete anos de tributos das riquezas do Nilo!

Saladino – Muito bem, Ibrahim!
És de verdade um mensageiro bem-vindo!
Ah! Até que enfim! Finalmente! Graças
pela boa nova!

Mameluco (*aguardando*) – (Agora vamos lá receber!)

Saladino – Por que esperas? Podes ir embora.

Mameluco – Só as boas-vindas e mais nada?

Saladino – Mais nada como?

Mameluco – Ao bom mensageiro
não se dá recompensa? Sou então o primeiro
a quem Saladino aprendeu finalmente a agradecer
apenas com palavras? Que elogio! O primeiro
a receber tal cortesia!

Saladino – Leva lá então
um saco de dinheiro.

Mameluco – Não, agora já não!
Podes querer dar-me tudo o que tens.

Saladino – Vá lá. Pega lá em dois sacos.
A sério? Foi-se embora? Pretende ser
mais generoso do que eu? Certamente
que a ele deve custar mais renunciar
do que a mim distribuir. Ibrahim! Mas
que ideia a minha querer mudar de feitio
de um momento para o outro? Não deseja

Saladino morrer como Saladino? Então
não devia ter vivido como Saladino.

Segundo Mameluco – Sultão!

Saladino – Se me vens informar...

Segundo Mameluco – Que chegaram as mercadorias
do Egipto...

Saladino – Já sei.

Segundo Mameluco – Tarde demais!...

Saladino – Porquê? Pega aí, pela tua boa vontade
um ou dois sacos.

Segundo Mameluco – Dá-me três!

Saladino – Está bem, se os souberes contar!
Leva lá.

Segundo Mameluco – Vem aí mais um mensageiro
se conseguir cá chegar!

Saladino – Então porquê?

Segundo Mameluco – Pode ter partido o pescoço.
Assim que soubemos da chegada da caravana

do Egipto, todos três desatámos ao galope,
o primeiro caiu, eu vim logo a seguir, e cheguei
à cidade, onde Ibrahim, que a conhece melhor,
já se encontrava.

Saladino – Oh, o coitado que caiu!
Amigo, vai já em busca dele!

Segundo Mameluco – Irei. E se estiver vivo
metade destes sacos será dele.
(*Sai.*)

Saladino – Ora vede que boa pessoa!
Quem se pode gabar de ter mamelucos assim?
E não é justo que eu os recompense, quando
ajudam a que seja seguido o meu exemplo?
Não os quero habituar agora a outros
comportamentos!

Um Terceiro Mameluco – Sultão...

Saladino – És aquele que caiu?

Terceiro Mameluco – Não, venho só informar
que o Emir Mansor, que conduziu a caravana,
já chegou.

Saladino – Que venha! Rápido!
Aí está ele!

**Segunda Cena**
*Emir Mansor e Saladino.*

Saladino – Bem vindo, Emir!
Como foi a viagem? Mansor, Mansor,
demoraste muito tempo!

Mansor – Esta carta explica
os tumultos e as dificuldades que o teu Abulkassem
teve de enfrentar em Tebas antes de poder partir.
Depois apressei o curso da caravana tanto quanto
possível.

Saladino – Acredito no que dizes!
Bom Mansor, leva já, leva contigo...
Fazes isso de bom grado, não é verdade?
Leva uma nova escolta, tens de partir outra vez.
É preciso ir entregar ao meu pai, no Líbano,
a maior parte do dinheiro.

Mansor – Irei! Irei com todo o gosto!

Saladino – E cuida que não seja fraca
a tua escolta. No Líbano as coisas
não estão nada seguras. Tens ouvido
as notícias? Os templários agitam-se
outra vez. Tem cautela. Vamos! Onde
ficou a caravana? Quero vê-la, e tratar

do que for preciso. Vocês aí!
A seguir visitarei Sittah.

**Terceira Cena:**
*As palmeiras diante da casa de Nathan.*
*O Templário, a andar de um lado para o outro.*

Templário – Nunca mais quero entrar lá em casa. Ele há-de acabar por vir até cá fora! Antes gostavam tanto de me ver, de olhar para mim! Chegará o dia em que não lhe agradará ver-me aqui junto de casa, a toda a hora. Hum! Estou a ser muito maldoso. O que me virou contra ele deste modo? Ele disse que não me recusaria nada. E Saladino comprometeu-se a convencê-lo. E então? Será que o cristão em mim é mais forte do que o judeu nele? Ninguém se conhece bem a si mesmo. Ou eu não estaria a levar a mal que ele tenha, com tanto trabalho, feito esse pequeno roubo aos cristãos... Diga-se, em abono da verdade, que uma criatura assim não é um pequeno roubo! Criatura? E de quem? Não é de um escravo, de certeza, daquele que transportou até às margens desertas da vida um bloco de mármore e depois foi embora!... Antes é ela obra de um artista que concebeu e esculpiu na pedra abandonada a sua forma divina. Ah! O verdadeiro pai de Recha, apesar

do cristão que a gerou, será para sempre o Judeu.
Se eu a imaginar como jovem cristã, se a imaginar
sem o pensamento formado pelo judeu... Fala coração!
Diz, o que te poderia atrair nela? Nada! Muito pouco!
Mesmo o sorriso mais não seria do que uma suave e
bela contracção dos seus músculos! E a causa desse
sorriso não valeria nada, além de pertencer à sua boca.
Não! E nem o sorriso teria algum valor! Vi risos bem
mais belos perdidos por loucuras, escárnios, futilidades,
lisonjas de cortesãos! Será que me deixei encantar?
Terá despertado em mim o desejo de viver como uma borbo-
[leta
à volta da sua luz? Não sei que diga! E fico de mau humor
[contra
aquele que lhe transmitiu altos valores? Por que razão?
Porquê? Será que mereço mesmo a ironia com que Saladino
se despediu de mim? Já é bastante mau que assim o tenha
julgado! Que mesquinho lhe devo ter parecido! Que
desprezível! E tudo por causa de uma rapariga? –
Curd! Curd! Não está certo! Tem calma! E se
ainda por cima Daja estivesse a espalhar um boato
que não se pode demonstrar? Olha, ali vem ele,
a sair de casa, a conversar com alguém. Com quem?
Com ele! Com o Monge meu amigo? Ah! Então já sabe
de tudo, com certeza! Já o denunciaram ao Patriarca!
Ah, o que eu fui arranjar, cabeça louca!
Basta uma pequena centelha de paixão
para incendiar por completo o nosso cérebro!

Despacha-te, pensa depressa o que fazer!
Vou ficar aqui, afastado, à espera deles.
Até que o Monge se despeça.

**Quarta Cena:**
*Nathan e o Monge.*

Nathan – Mais uma vez vos agradeço, meu bom Irmão!

Monge – Também vos agradeço!

Nathan – A mim? Porquê?
Pela minha teimosia em querer dar-vos
aquilo de que não necessitais? Se me tivésseis
feito a vontade, se não tivésseis querido ser mais rico
do que eu...

Monge – O livro não me pertencia.
Pertence à filha. É a única herança que ela tem
do seu pai. Certo, também vos tem a vós. Deus queira
que nunca tenhais de vos arrepender, depois de tudo
o que fizestes por ela.

Nathan – Impossível! Nunca faria tal coisa.
Podeis ter a certeza!

Monge – Não sei, o Patriarca e os Templários...

Nathan – Nunca me poderão maltratar a ponto
de eu me arrepender, ainda menos por ter feito o que fiz.
Não faleis nisso. E tendes a certeza que é o Templário
quem está a incitar o Patriarca?

Monge – Não vejo quem mais. Um templário
esteve a falar com ele há pouco tempo. E o que
ouvi dizer faz todo o sentido.

Nathan – Mas em Jerusalém só está agora
um templário. E eu conheço-o. É meu amigo.
É um jovem, leal e nobre!

Monge – Pois é. É esse mesmo!
O problema é que nem sempre o que se é
condiz com o que se tem de ser no mundo!

Nathan – Infelizmente. Pois que faça então
o que achar de melhor, ou de pior!
É no vosso livro, Irmão, que deposito toda
a confiança. Levai-o de imediato para dar
ao Sultão.

Monge – Boa sorte! Então deixo-vos aqui.

Nathan – E não conheceis a minha filha?
Voltai depressa, então. Que o Patriarca,

ao menos hoje, não chegue a saber de nada!
Ora, se tiver de ser, dizei-lhe o que vos aprouver!

Monge – Eu não. Ficai bem.
(*Sai.*)

Nathan – Lembrai-vos de nós, Irmão!
Meu Deus, que eu não possa aqui mesmo
cair de joelhos e rezar aos céus! Que o nó
que tanto me preocupava se esteja agora
a desfazer sozinho! Deus do Céu! Que alívio
que eu já não tenha de esconder mais nada
aos olhos do mundo! Que possa apresentar-me
tão livremente diante dos homens como diante
de Ti, que não tens de os julgar pelas acções
de que eles raramente foram os culpados!
Meu Deus!

**Quinta Cena:**
*Nathan e o Templário, que se aproximou dele.*

Templário – Ei, Nathan, esperai!
Vamos juntos!

Nathan – Quem me chama?
Sois vós, Cavaleiro? Onde estáveis
que o Sultão não vos encontrou?

Templário – Desencontrámo-nos.
Não me leveis a mal.

Nathan – Eu não, mas Saladino...

Templário – Vós tínheis acabado de sair...

Nathan – E falastes com ele? Então está bem.

Templário – Mas ele quer falar com nós os dois
ao mesmo tempo.

Nathan – Ainda melhor. Vinde comigo,
eu ia precisamente ter com ele.

Templário – Posso perguntar
quem foi embora?

Nathan – Não o conheceis?

Templário – Não era aquele bom Monge
de quem se serve o Patriarca para andar a farejar?

Nathan – Talvez.
É certo que está com o Patriarca.

Templário – Não é mal pensado,
mandar a simplicidade à frente
antes da patifaria.

Nathan – Sim, a tolice. Não a devoção.

Templário – Nenhum Patriarca crê
na devoção.

Nathan – Neste homem tenho plena confiança.
Nunca ajudará o Patriarca a cometer injustiças.

Templário – Pelo menos é o que ele julga.
E de mim, não disse nada?

Nathan – De vós? De vós absolutamente nada!
Não sabe sequer o vosso nome.

Templário – Pois não.

Nathan – Mas falou-me de um templário...

Templário – E então?

Nathan – Que não podeis ser vós
de modo algum!

Templário – Quem sabe? Podeis dizer-me.

Nathan – Que parece que fez queixa de mim
ao Patriarca...

Templário – Queixa? De vós? Ele que me perdoe
mas não é verdade! Nathan, ouvi-me! Não sou pessoa
que negue algo que tenha feito. O que fiz, está feito!
Mas também não sou alguém que afirme que procedeu
sempre bem. Não me envergonho do erro cometido,
pois tenho a firme intenção de o corrigir. Sei muito bem
até onde os homens podem chegar. Ouvi-me, Nathan!
Eu sou esse Templário de que falou o Monge, como
tendo feito queixa de vós. Bem sabeis o que me irritou
não é verdade? O que me fez ferver o sangue nas veias!
Que ingénuo! Vinha para me lançar de corpo e alma
nos vossos braços, e o modo como fui recebido –
tão friamente – tão tíbio – e a tibieza ainda é pior
do que a frieza... a tentativa forçada de não me
querer... fazendo perguntas sem sentido para as quais
teríeis resposta... ainda agora me admiro de como me
estou a conter! Ouvi-me Nathan! – Neste estado de espírito
vejo Daja, que se aproxima de mim, e me lança à cabeça
o seu segredo, que parecia explicar essa vossa atitude.

Nathan – Como assim?

Templário – Deixai que continue!
Imaginei que não queríeis, por ter outrora salvo
alguém da mão dos cristãos, voltar a perder essa pessoa
para um cristão. E achei boa a ideia de vos encostar
à parede.

Nathan – Boa? Boa? E onde está a bondade?

Templário – Ouvi-me, Nathan!
Reconheço que fiz mal! Não tendes culpa nenhuma.
A tola da Daja não sabe o que diz, odeia-vos, pretende
apenas deixar-vos ficar em maus lençóis. É possível,
é bem possível! Sou um jovem pateta, que passa
de um extremo ao outro, e ora faz mais ora faz menos
do que devia. Isto também é possível! Perdoai-me,
Nathan!

Nathan – Apanhado desta maneira...

Templário – Resumindo:
fui ter com o Patriarca! Mas não referi o vosso nome.
Isso é mentira, como já disse. Apenas lhe expus o caso
de um modo geral, para ver como ele pensava.
É certo que podia não o ter feito! Eu sabia que o Patriarca
era um malandro, e nada me impedia de falar convosco
directamente... Fui correr o perigo de vos perder como pai,
e de sacrificar a pobre jovem! E então, o que aconteceu?
A malvadez do Patriarca, sempre igual a si mesmo,
apontou-me o caminho e fez-me recuperar o bom senso.
Prestai atenção, Nathan, ouvi-me! Supondo que ele soubesse
o vosso nome, o que podia acontecer? A jovem só vos seria
retirada se fosse apenas vossa e de mais ninguém! E ele
só poderia enfiá-la num convento. Por isso – dai-ma a mim!
Dai-ma só a mim! E ele que venha à vontade. Ha! Bem

poderia tentar tirar-me a minha mulher! Dai-ma, depressa! Quer ela seja ou não a vossa filha! Seja cristã, ou judia, ou nem uma coisa nem outra! Mas depressa! Depressa! Eu nunca mais na minha vida vos farei qualquer pergunta! Sobre coisa nenhuma!

Nathan – Estais convencido
de que esconder a verdade me seria útil?

Templário – Pouco importa!

Nathan – Ainda não neguei, nem a vós – nem a alguém que o mereça saber – que ela é cristã e apenas minha filha adoptiva. Por que razão ainda não lhe disse nada a ela? É só a ela que devo uma desculpa.

Templário – A ela não é preciso. Deixai que nunca vos olhe de modo diferente! Poupai-a a tal revelação! Sois o único com autoridade junto dela. Dai-ma! Peço-vos, Nathan, dai-ma a mim! Só eu a posso salvar uma segunda vez e é o que quero fazer.

Nathan – Podíeis! Podíeis! Agora já não.
É demasiado tarde.

Templário – Demasiado tarde, como?

Nathan – Agradeçamos ao Patriarca...

Templário – O Patriarca? Agradecer-lhe? A ele? Porquê?
É a *ele* que devemos agradecer? Porquê? Porquê?

Nathan – Porque agora sabemos quais são os parentes dela.
Sabemos quais as mãos a que pode ser entregue.

Templário – Isso agradeço. E ainda mais lhe agradecerei!

Nathan – É dessas mãos que podereis agora recebê-la
e não das minhas.

Templário – Pobre Recha!
Tanta coisa que lhe está a acontecer, pobre Recha!
O que seria uma felicidade para outros órfãos
vai ser para ti um desgosto! Nathan! E onde estão
esses parentes?

Nathan – Onde estão?

Templário – E quem são?

Nathan – Descobriu-se um irmão
e a ele vos deveis dirigir para o pedido.

Templário – Um irmão?
O que é esse irmão? Um soldado?
Um sacerdote? Dizei-me para eu proceder
como é devido.

Nathan – Acho que não é uma coisa nem outra,
ou talvez seja ambas as coisas. Ainda não
o conheço bem.

Templário – E além disso?

Nathan – Um bom homem!
Com quem Recha não se dará mal.

Templário – Um cristão! Às vezes também não sei
o que pensar de vós, não me leveis a mal, Nathan!
Não terá ela de proceder como cristã, entre cristãos?
E ao fim de algum tempo não acabará por se tornar igual?
Não se perderá a boa semente que tínheis plantado nela?
E isso não vos preocupa nada? A vós? A ponto de dizerdes
que ela ficará bem com o seu irmão?

Nathan – É o que penso! É o que espero!
Se alguma coisa lhe faltar não estaremos sempre
aqui por ela, vós e eu mesmo?

Templário – Oh!
O que lhe poderia alguma vez faltar?
O irmãozinho não daria de comer e de vestir,
e outros mimos e elegâncias, e tudo o que fosse
preciso à sua irmãzinha? E de que outras coisas
pode precisar mais uma irmãzinha? Ah, de um marido,
claro está! Mas é óbvio que a seu tempo também

o irmãozinho saberá encontrar-lhe um marido!
Um cristão, o melhor que se pode desejar! Nathan,
Nathan! Que anjo fostes educar, que agora outros
irão deformar!

Nathan – Não tenhais receio! O anjo saberá sempre
manter-se digno do nosso amor.

Templário – Não digais isso. Não faleis do *meu* amor!
Pois não quero que lhe retirem nada. Nada. Nem um boca-
[dinho!
Nem por nenhum nome! Mas esperai! Ela já desconfia
do que se está a passar?

Nathan – É possível, mas não sei bem como.

Templário – É importante. Em todo o caso,
aquilo que ameaça o seu destino, sou eu que
lhe devo dizer em primeiro lugar. A minha ideia
de nunca mais a ver, de nunca mais lhe falar,
até poder recebê-la como minha, já não faz sentido.
Vou de imediato...

Nathan – Esperai! Onde ides?

Templário – Ter com ela!
Ver se a sua jovem alma tem coragem suficiente
para tomar a única decisão que é digna dela!

Nathan – *E qual é?*

Templário – É a seguinte:
não querer saber mais nada
do seu irmão –

Nathan – E?

Templário – E vir comigo!
Nem que tivesse de ser a mulher de um muçulmano!

Nathan – Esperai! Não ireis encontrá-la.
Está no palácio de Sittah, a irmã do Sultão.

Templário – Desde quando? Porquê?

Nathan – Vinde comigo. É lá que também iremos
encontrar o seu irmão. Vinde.

Templário – O irmão? De quem? De Sittah ou de Recha?

Nathan – Talvez de ambas. Vamos embora! Peço-vos, vá lá!
(*Leva-o consigo.*)

**Sexta Cena:**
*No Harem de Sittah.*
*Sittah e Recha entretidas a conversar.*

Sittah – Estou tão contente por te ver, minha linda jovem!
Não sejas assim tão reservada! Não te assustes! Não sejas
tão tímida! Alegra-te! Conversa à vontade! Abre-te comigo!

Recha – Princesa...

Sittah – Não, não, Princesa não!
Chama-me Sittah, tua amiga, tua irmã
ou tua mãezinha! Pois ainda podia ser tua mãe!
És tão jovem! Tão inteligente! Tão piedosa!
Pareces saber tudo, ter lido tudo...

Recha – Eu, ler? Sittah
estás a fazer troça da tolinha da tua irmã!
Eu mal sei ler!

Sittah – Mal sabes ler? Mentirosa!

Recha – Aprendi um pouco, a letra do meu pai.
Julguei que te referias a livros.

Sittah – Claro! Livros!

Recha – Mas livros tenho dificuldade em ler.

Sittah – A sério?

Recha – A sério. O meu pai não gosta
dos frios ensinamentos que se gravam no cérebro
como sinais sem vida.

Sittah – Que dizes? Tem alguma razão...
E tudo o que sabes, então...

Recha – Aprendi a ouvi-lo
e ainda hoje poderia dizer-te como, onde e porquê
– tudo o que me ensinou.

Sittah – Ainda melhor. Porque assim
aprende-se de uma vez com a alma toda.

Recha – A Sittah decerto também leu pouco
ou mesmo nada?

Sittah – Achas? Não me sinto orgulhosa do contrário.
Por que dizes isso? Dá-me as tuas razões! Diz, sem medo.

Recha – Porque é tão segura de si, tão coerente,
tão igual a si mesma...

Sittah – E então?

Recha – É algo que não se aprende com os livros!
Diz o meu pai.

Sittah – Ah, o teu pai
é um homem especial!

Recha – Não é verdade?

Sittah – Acerta sempre em cheio
no que diz!

Recha – Não é verdade? E é este pai...

Sittah – O que tens, amor?

Recha – É este pai...

Sittah – Céus!
Estás a chorar?

Recha – É este pai... ah, tenho de confessar...
não respiro, falta-me o ar...
(*Lança-se aos pés da princesa, a soluçar.*)

Sittah – Minha filha,
o que te aconteceu? Recha?

Recha – Este é o pai que vou – que vou perder!

Sittah – Tu? Perder? A ele?
Como assim? Acalma-te! Nunca! Levanta-te!

Recha – Não é decerto em vão que te dizes
minha amiga, minha irmã!

Sittah – Mas sou, sou de verdade! Levanta-te!
Ou tenho de pedir ajuda.

Recha (*que se acalma e se ergue*) –
Ah! Perdão! Desculpa! –
A minha dor fez-me esquecer quem tu
és. Diante de Sittah não pode haver choro
nem desespero. Para ela existe apenas a Razão fria
e tranquila. Só vence quem usar tais argumentos.

Sittah – E então?

Recha – Não! A minha amiga, a minha irmã
não o vai permitir! Nunca permitirá que
me seja imposto um outro pai!

Sittah – Outro pai? Imposto? A ti?
Quem o pode fazer? Quem o pode desejar
minha querida?

Recha – Quem? A pérfida da minha boa Daja,
é ela que quer, e deseja poder fazer isso.

Não conheces a pérfida boa Daja? Que
Deus lhe perdoe! Que lhe dê a recompensa!
Fez-me tanto bem, e fez-me tanto mal!

Sittah – Fez-te mal? A ti? Então
não pode ter feito lá muito bem!

Recha – Pelo contrário, sim, fez bem! Muito bem!

Sittah – Quem é ela?

Recha – Uma cristã,
que tomou conta de mim quando eu era criança.
Tomou muito bem conta! Nem podes imaginar!
Nunca senti a falta de uma mãe! Que Deus a recompense!
Mas que também me assustou tanto!
Me torturou tanto!

Sittah – Com quê? Porquê?
De que maneira?

Recha – Ah, pobre mulher! Ela é uma cristã
como te disse... Tortura por amor. Uma fanática
que julga que só ela conhece o verdadeiro caminho
para Deus!

Sittah – Já percebo!

Recha – E sente-se na obrigação de levar
por esse caminho todos aqueles
que não o seguem. É mais forte do que ela!
Pois se é verdade que só esse caminho é o verdadeiro
como pode ela deixar que os seus amigos se percam
por outras vias, que conduzem à perdição, à eterna perdição?
Teria de ser possível amar e odiar ao mesmo tempo.
Mas nem é por esta razão que estou a fazer tantas queixas.
Os seus suspiros, os seus avisos, orações, ameaças,
podia eu muito bem ter aguentado mais tempo. Sem proble-
[mas!
Traziam-me de volta aos pensamentos do que é bom e útil.
E quem não se sentiria lisonjeado por despertar tanta estima
e consideração, a ponto de haver alguém – fosse quem fosse –
que não suportava a ideia da perdição eterna dessa outra pes-
[soa!

Sittah – Tens razão!

Recha – Mas... mas agora foi longe demais!
A este não poderei opor nada! De nada
servirá a paciência, nem a reflexão, nada!

Sittah – O quê? A quem?

Recha – A este que ela agora me descobriu!

Sittah – Descobriu? Agora?

Recha – Precisamente! Ao vir para cá
estávamos a passar junto a um convento em ruínas.
Ela de repente parou. Parecia lutar consigo mesma.
Virou os olhos húmidos ora para mim
ora para o céu e disse: Vem comigo, entremos
no convento para recuperar a salvação. Ela
avança, eu sigo-a e sinto receio ao olhar para
as ruínas que se encontram à nossa frente. Ela pára
de novo e descubro os degraus afundados dum altar
destruído. O que senti quando ela, a chorar, e torcendo
as mãos se lançou a meus pés...

Sittah – Pobre criança!

Recha – E quando ela então me implorou, pela
divindade a quem tinha dirigido tantas orações,
de quem tinha visto tantos milagres, com um olhar
de verdadeira compaixão, pediu que tivesse piedade
ao menos de mim mesma... ou então a perdoasse por ela
ter de me dizer quais as exigências da sua Igreja a meu respei-
[to...

Sittah – Infeliz! (Bem me parecia...)

Recha – Sois de sangue cristão, me disse ela.
Sois baptizada. Não sois a filha de Nathan.
Não é ele o vosso pai! Meu Deus! Meu Deus!
Não é ele o meu pai! Sittah! Sittah! Lanço-me
a teus pés...

Sittah – Recha! Não! Levanta-te! Vem aí o meu irmão!
Levanta-te!

**Sétima Cena:**
*Saladino e as anteriores.*

Saladino – O que se passa aqui, Sittah?

Sittah – Ela está fora de si!

Saladino – Quem é?

Sittah – Sabes...

Saladino – A filha do nosso Nathan?
Precisa de alguma coisa?

Sittah – Acalma-te, filha! O Sultão...

Recha (*que se arrasta até aos pés de Saladino, de cabeça no chão* –
Não me levanto! Nunca mais me levanto! Prefiro
nunca mais ver o rosto do Sultão! Nem ver a luz
da eterna justiça, da bondade que brilha nos seus olhos
na sua fronte... antes que...

Saladino – Levanta-te!

Recha – Antes que ele me prometa...

Saladino – Vamos! Prometo! Seja lá o que for!

Recha – Apenas isto:
Que me deixa ficar com o meu pai.
E ele comigo! Ainda não sei quem deseja ser meu pai.
Nem quero saber. É só o sangue que faz de alguém
um pai? Só o sangue?

Saladino (*que a ajuda a levantar*) – Já percebi!
Quem foi que fez essa grande maldade
de te meter isso na cabeça? Já está decidido?
Já se sabe ao certo?

Recha – De certeza! Pois Daja diz
que teve a informação da minha ama.

Saladino – Da tua ama!

Recha – Que ao morrer
sentiu-se na obrigação de lhe contar.

Saladino – Logo ao morrer! Não era fantasia?
E mesmo que fosse verdade! Sim, de facto só o sangue
não pode fazer um pai! Nem sequer o pai de um animal!
Quando muito dá o direito de usar o nome! Não fiques
preocupada! E sabes que mais? Se os dois pais começarem

a discutir por tua causa, deixa-os a ambos! Escolhe um ter-
[ceiro!
Escolhe-me a mim para teu pai!

Sittah – Oh sim! Faz isso!

Saladino – Serei um bom pai, um bom pai de verdade!
Mas espera! Tive outra ideia muito melhor. Para que
precisas dos pais? E se morrerem? O melhor é ter
alguém que nos acompanhe ao longo de toda a vida!
Ainda não conheces ninguém?

Sittah – Não a faças corar!

Saladino – Foi de propósito.
A feia fica mais bela quando cora. E
então a bela não fica ainda mais bela?
Mandei chamar o teu pai Nathan, e mais alguém,
mais um que virá com ele. Não adivinhas? Virá
aqui ter. Não te importas, Sittah?

Sittah – Ora, meu irmão!

Saladino – Espero que diante dele
fiques mesmo corada, querida jovem!

Recha – Corar? Diante de quem?

Saladino – Pequena fingida!
Empalidece agora! Se quiseres, e puderes...
(*Entra uma escrava que se aproxima de Sittah.*)
Então já chegaram?

Sittah (*para a escrava*) – Muito bem! Deixa entrar. Eles já [estão
aqui, meu irmão.

**Última Cena:**
*Nathan, o Templário, e os anteriores.*

Saladino – Ah, meus queridos amigos! A ti,
Nathan, a ti, antes de mais nada, quero assegurar
que podes, assim que queiras, mandar buscar
o teu dinheiro!

Nathan – Sultão!

Saladino – E agora estou à tua disposição...

Nathan – Sultão!

Saladino – Chegou a caravana. Sou agora
mais rico do que jamais supus. Diz-me
o que te falta para realizar o maior
dos teus projectos. Porque também para vocês,
mercadores, o dinheiro nunca é demais!

Nathan – Começar logo assim pelo menos
importante! Vejo olhos cheios de lágrimas
que prefiro enxugar! (*Aproxima-se de Recha.*)
Estiveste a chorar? Que aconteceu? Ainda és minha filha?

Recha – Meu pai!

Nathan – Muito bem. Então chega!
Alegra-te! Compõe-te! Se o teu coração
ainda for teu! Se nada fez perigar o teu coração!
Não perdeste o teu pai!

Recha – Não há nada, nada!

Templário – Não há nada? Então estou enganado.
Aquilo que não se receia perder, nunca se chegou
a possuir, ou desejar! Pois muito bem! Nathan,
isto muda tudo! Saladino, viemos por tua ordem,
mas eu enganei-me no que te disse, não vale a pena
continuar!

Saladino – Jovem, que impulsivo, outra vez!
Tudo tem de ser como desejas, como entendes?

Templário – Mas já ouviste! Já estás a ver!

Saladino – Pois estou.
E é pena que primeiro não tenhas
obtido maior certeza!

Templário – Agora tenho.

Saladino – Quem pratica uma boa acção qualquer
e só confia nela, anula o que tiver feito. Aquele que
tu salvas não passa a ser tua propriedade. Ou então
o ladrão, que salta para as chamas para roubar,
seria um herói, tal e qual como tu!
(*Volta-se para Recha, para a levar até junto do Templário.*)
Vem, querida, vem comigo! Não leves tudo tão a sério.
Pois se ele fosse outro, se fosse menos ardente e orgulhoso
não teria sido ele a salvar-te. Uma coisa vale pela outra.
Vem! Envergonha-o! Faz o que ele desejava fazer: confessa
o teu amor! Oferece-te a ele! E se ele te desprezar, se esquecer
como fizeste mais por ele do que ele por ti, com o teu gesto...
O que fez ele por ti? Deixou-se chamuscar um pouco! Está
[certo.
Mas então não há nada nele do meu irmão Assad, nada! Tem
a máscara, mas não o coração! Anda, querida...

Sittah – Vai, querida, vai!
Não precisas de expressar a tua gratidão. Não é nada.

Nathan – Espera, Saladino! Espera, Sittah!

Saladino – Também tu?

Nathan – Há mais um que tem algo a dizer...

Saladino – E quem o nega? É claro que também tu,
pai adoptivo, tens direito a uma opinião. Em primeiro lugar,
se o entenderes. Já ouviste que eu sei tudo o que se passou.

Nathan – Tudo, não! Não falo de mim. Falo de um outro,
um outro bem diferente, a quem te peço que oiças, antes
de mais.

Saladino – Quem?

Nathan – O irmão dela!

Saladino – Irmão de Recha?

Nathan – Sim!

Recha – Meu irmão?
Então eu tenho um irmão?

Templário (*quebrando, perturbado, o seu silêncio*) – Onde?
Onde está ele, esse irmão? Ainda não está aqui? Eu gostava
de me encontrar com ele aqui!

Nathan – Calma!

Templário (*com amargura*) – Ele conseguiu
ligá-la a um pai! Será que não consegue
encontrar-lhe um irmão?

Saladino – Já chega! Cristão! Um pensamento tão vil
nunca teria saído da boca do meu Assad! Continua!

Nathan – Perdoai-lhe! Eu perdoo de boa vontade.
Quem sabe como teríamos reagido, com a sua idade,
no seu lugar!
(*Dirigindo-se amigavelmente para ele.*)
É claro, Cavaleiro, que a cólera sucede à desconfiança!
Se me tivésseis confiado logo o vosso *verdadeiro* nome...

Templário – Como?

Nathan – Não sois um Stauffen!

Templário – Então quem sou?

Nathan – O vosso nome não é Curd von Stauffen!

Templário – Então como me chamo?

Nathan – Leu von Filnek.

Templário – Como?

Nathan – Admirado?

Templário – E com razão! Quem diz isso?

Nathan – Digo eu. Que vos poderei dizer mais,
muito mais ainda. Mas não vos chamarei mentiroso.

Templário – Não?

Nathan – Pois pode ser
que também aquele outro nome vos pertença.

Templário – Julgo que sim. (Foi Deus quem o inspirou!)

Nathan – A vossa mãe era uma Stauffen.
O irmão dela, vosso tio, que vos criou, pois os vossos
pais foi a ele que vos entregaram na Alemanha,
quando o rude clima desse país os fez viajar
para estas terras, o vosso tio é que se chamava
Curd von Stauffen. Pode ser que vos tenha adoptado
enquanto criança. Há muito tempo que viestes para cá
com ele? E ele ainda está vivo?

Templário – Que posso dizer? Nathan! É verdade!
Ele já morreu. Eu só vim com o último reforço
da nossa Ordem. Mas... mas... O que tem tudo isto
a ver com o irmão de Recha?

Nathan – O vosso pai...

Templário – O quê? Também o conhecestes a ele?
Também a ele?

Nathan – Era meu amigo.

Templário – Vosso amigo? É possível, Nathan!

Nathan – Chamava-se Wolf von Filnek. Mas não era um alemão...

Templário – Também sabeis disso?

Nathan – Era apenas casado com uma alemã.
Seguiu durante um tempo com a vossa mãe
para a Alemanha...

Templário – Está bem! Mas chega!
E o irmão de Recha? O irmão de Recha...

Nathan – Sois vós!

Templário – Eu? Sou eu o seu irmão?

Recha – Ele é meu irmão?

Sittah – Irmãos!

Saladino – São irmãos!

Recha (*correndo para ele*) – Ah! Meu irmão!

Templário (*recuando*) – Sou irmão dela!

Recha (*pára, e vira-se para Nathan*) – Não pode ser! Não pode!
O seu coração não sabe nada disso! Somos uns impostores!
Meu Deus!

Saladino (*para o Templário*) – Impostores?
Como? O que achas? O que te parece?
Que é uma impostura? Em ti é que é tudo mentira!
O rosto, a voz, o caminhar! Nada te pertence!
Não querer reconhecer uma irmã como ela! Sai daqui!

Templário (*aproxima-se dele com humildade*) –
Não interpretes mal a minha surpresa, Sultão!
Não critiques neste momento uma situação em que
nunca nos vistes, nem a mim nem ao teu Assad!
(*Vai ter com Nathan.*)
Ah, Nathan, vós dais e tirais tudo, de uma só vez!
Não! Estais a dar-me muito mais do que a tirar-me!
Infinitamente mais!
(*Abraçando Recha.*)
Ah! Minha irmã! Minha irmã!

Nathan – Blanda von Filnek.

Templário – Blanda? Blanda? Não é Recha?
Já não é a vossa Recha? Meu Deus! Estais
a rejeitá-la! A dar-lhe de novo o seu nome de cristã!

A rejeitá-la por minha causa! Nathan! Nathan!
Porquê fazê-la sofrer? A ela!

Nathan – Que mal tem? Oh meus filhos! Meus filhos!
Então o irmão da minha filha não pode ser meu filho,
se assim o desejar?

(*Enquanto eles se abraçam, Saladino aproxima-se, fixando com espanto a sua irmã.*)

Saladino – Que dizes minha irmã?

Sittah – Estou comovida...

Saladino – E eu estremeço com receio de uma emoção
ainda maior! Prepara-te, dá atenção.

Sittah – O quê?

Saladino – Nathan, só uma palavra! Uma palavra! –

(*Nathan aproxima-se dele, e Sittah dirige-se aos irmãos, para testemunhar os seu afecto. Nathan e Saladino falam em voz baixa.*)

Saladino – Nathan, ouve! Ouve lá:
Não disseste há bocado que...

Nathan – O quê?

Saladino – Que o seu pai não era alemão. Não
tinha nascido na Alemanha. O que era então?
Onde tinha nascido?

Nathan – Nunca me quis dizer.
Nunca soube mais nada da boca dele.

Saladino – E não era um Franco? Um ocidental?

Nathan – Ah, isso disse ele. Falava
correntemente persa.

Saladino – Persa? Persa?
Está confirmado! É ele! Era ele!

Nathan – Quem?

Saladino – O meu irmão! De certeza! O meu Assad, de cer-
[teza!

Nathan – Bem, se é isso que pensas,
tens aqui este livro, para tirar quaisquer dúvidas!
(*Entrega-lhe o Breviário.*)

Saladino (*abrindo-o cheio de curiosidade*) –
Ah, é a sua letra! Também a reconheço!

Nathan – Eles ainda não sabem de nada! Está na tua mão
contar o que te parecer melhor!

Saladino (*continuando a folhear as páginas*) –
Não reconhecer os filhos do meu irmão?
Os meus sobrinhos – os meus filhos?
Não os reconhecer? Não lhes dizer nada?
Deixá-los contigo se calhar?
(*Em voz alta.*)
Sittah, eles são nossos sobrinhos! São eles! São eles
os nossos sobrinhos! Ambos são filhos do meu e teu irmão!
(*Corre a abraçá-los.*)

Sittah (*segue-o*) – Que oiço! Nem podia ser outra coisa! Não
[podia!

Saladino (*para o Templário*) – Agora é que tens mesmo
de gostar de mim, cabeça dura!
(*Para Recha.*) E agora sou aquele que me ofereci
para ser, não é verdade? Quer queiras quer não!

Sittah – Também eu! Também eu!

Saladino (*para o Templário*) – Meu filho! Meu Assad!
Filho do meu Assad!

Templário – Sou do teu sangue? Então aqueles sonhos
com que embalaram a minha infância – aqueles
sonhos eram mais do que sonhos! (*Cai a seus pés.*)

Saladino (*erguendo-o*) – Olhem só o malvado!
Sabia disso e quase fazia de mim o seu carrasco!
Já vai ver!

(*Cai o pano enquanto todos se abraçam, em silêncio.*)

Esta edição de *Nathan o Sábio*, de Gotthold Ephraim Lessing,
foi composta, impressa e encadernada nas
oficinas das Artes Gráficas da APPACDM de Braga
para a Fundação Calouste Gulbenkian.

A tiragem é de 500 exemplares encadernados
Mês de Abril de 2016
Depósito Legal n.º 407498/16
ISBN: 978-972-31-1582-6

BIBLIOTECA DE ARTE

30001015644448

EDIÇÕES DA FUNDAÇÃO
CALOUSTE GULBENKIAN

TEXTOS CLÁSSICOS

Próxima publicação:

*Princípios de Política Económica*

Walter Eucken

CULTURA PORTUGUESA

Próxima publicação:

*Obra Selecta do Padre Luís Archer, S. J., Volume II*

MANUAIS UNIVERSITÁRIOS

Próxima publicação:

*Crítica do Direito do Trabalho*

Alain Supiot

EDIÇÕES
DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

TEXTOS CLÁSSICOS – As raízes da cultura estão naquelas obras chamadas clássicas, obras cuja mensagem não se esgotou e permanecem fontes vivas do progresso humano. Por isso a Fundação, ao esquematizar o seu Plano de Edições, julgou que seria indispensável colocar ao alcance do público lusófono livros que marcassem momentos decisivos na história de vários sectores da civilização. Da ciência pura à tecnologia, da quantidade abstracta ao humanismo concreto, procurar-se-á que os depoimentos mais representativos figurem nesta nova série editorial. Para dificultar ao mínimo o acesso ao leitor, todas as obras serão vertidas em português e apresentadas com a dignidade e segurança que naturalmente lhe são devidas. Integrando na sua língua pátria estes grandes nomes estrangeiros, supomos contribuir para uma mais perfeita consciência da própria cultura nacional, cujos clássicos terão também o lugar que lhes compete no Plano Editorial da Fundação Calouste Gulbenkian. ▌GOTTHOLD EPHRAIM LESSING, o expoente máximo do movimento da *Aufkärung*, o iluminismo alemão, nasce a 22 de Janeiro de 1729. Em 1746, ingressa na Universidade de Leipzig. Começa a frequentar o teatro, traduzindo peças francesas e escrevendo várias comédias. Em 1748 segue para Wittenberg, onde conclui os estudos com o grau de mestre das Sete Artes Liberais em 1752. Acaba por se fixar em Berlim, vivendo exclusivamente da sua actividade literária como escritor, tradutor e crítico. Aqui, conhece vários escritores, entre eles Friedrich Nicolai (1733-1811) e o filósofo Moses Mendelssohn (1729-1786), com quem estabelece uma amizade duradoura e que irá inspirar a figura de Nathan o sábio. Com eles, Lessing publica *Briefe, die neueste Literattur betreffend* [Cartas sobre a literatura mais recente] em 1758. As dificuldades económicas permanentes levam Lessing a aceitar o lugar de secretário do General Tauentzien, em Breslau, entre 1760 e 1765. Depois de uma curta passagem por Berlim, é convidado, em 1767, para exercer as funções de dramaturgo e crítico no projecto para fundar um Teatro Nacional Alemão em Hamburgo. A *Hamburgische Dramaturgie* [Dramaturgia de Hamburgo] é o resultado desta actividade crítica. Também a célebre comédia *Minna von Barnhelm* é estreada em Hamburgo. Todavia, o projecto falha ao fim de dois anos e, em 1770, Lessing assume o posto de bibliotecário em Wolfenbüttel. Aqui escreve o drama burguês *Emila Galotti* (1772), a par de várias obras de carácter filosófico e teológico. O poema dramático *Nathan der Weise* (1779) terá precisamente origem numa disputa teológica. Lessing morre em 1781, em Braunschweig. ▌YVETTE KACE CENTENO nasceu em Lisboa, em 1940. Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras de Lisboa com uma dissertação sobre Robert Musil, *O Homem sem Qualidades*, doutorada em Letras pela Universidade Nova de Lisboa com uma dissertação sobre *A Alquimia no Fausto de Goethe* foi, desde 1986, Professora Catedrática da Universidade Nova, onde fundou um Centro de Estudos dedicado ao Imaginário Literário. Ao longo da sua carreira traduziu alguns dos grandes autores universais: Shakespeare, Brecht, Carl Sternheim, Fassbinder, entre outros. As suas mais recentes traduções resultam de encomendas para o Teatro de Almada, entre elas *Timão de Atenas*, de Shakespeare. A sua bibliografia contempla a ficção, a poesia, o teatro e o ensaio de investigação, para além de livros para crianças e jovens. Em 1987, por Decreto do Primeiro-Ministro Francês, com data de 27 de Julho, foi nomeada para o grau de *Chevalier dans l'Ordre des Palmes Académiques*, tendo recebido a condecoração em Dezembro de 1988 na Embaixada de França. A 22 de Junho de 1994 foi condecorada pelo Presidente da República Federal da Alemanha com a *Verdienstkreuz 1. Klasse*, que lhe foi entregue em Setembro na Embaixada da República Federal da Alemanha. Aposentada desde 2009, tem colaborado regularmente com o Plano de Edições da Fundação Gulbenkian, sendo esta tradução de Lessing um último contributo. ▌MANUELA NUNES estudou Filologia Germânica na Universidade Clássica de Lisboa. Fez mestrado e doutoramento na Universidade de Augsburgo. Foi leitora de português nas Universidades de Munique e Augsburgo e leitora do Instituto Camões. Desde 1988 rege uma cadeira de Literatura Comparada e, desde 2010, de Tradução Literária na Universidade de Augsburgo. Exerce ainda a profissão de tradutora jurídica e literária em regime liberal. Tem várias publicações sobre literatura comparada, bem como sobre linguística e lexicografia.

ISBN: 978-972-31-1582-6